

CLÁUDIO GUILHERME TUMA DE CRISTO

PROGRESSÃO REFERENCIAL EM REDAÇÕES *ON-LINE*

Dissertação apresentada como requisito à obtenção do grau de Mestre. Curso de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos. Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Iara Bemquerer Costa

CURITIBA

2005



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS


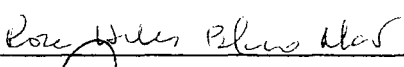
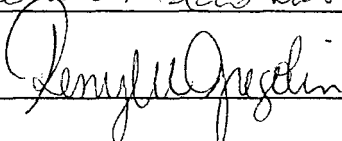
PARECER

Defesa de dissertação do mestrando CLÁUDIO GUILHERME TUMA DE CRISTO para obtenção do título de **Mestre em Letras**.

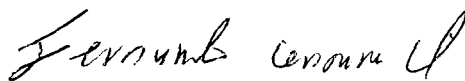
As abaixo assinadas IARA BEMQUERER COSTA, RENY GREGOLIN e ROSA HELENA BLANCO MACHADO argüiram, nesta data, o candidato, o qual apresentou a dissertação:

“PROGRESSÃO REFERENCIAL EM REDAÇÕES *ON-LINE*”

Procedida a argüição segundo o protocolo que foi aprovado pelo Colegiado do Curso, a Banca é de parecer que o candidato está apto ao título de **Mestre em Letras**, tendo merecido os conceitos abaixo:

Banca	Assinatura	APROVADO Não APROVADO
IARA BEMQUERER COSTA		aprovado
ROSA HELENA BLANCO MACHADO		aprovado
RENY GREGOLIN		aprovado

Curitiba, 21 de outubro de 2005.



Prof. Fernando Cerisara Gil
Coordenador

SUMÁRIO

RESUMO	i
ABSTRACT.....	ii
INTRODUÇÃO.....	1
1 GÊNEROS ESCOLARES EM SUPORTE DIGITAL.....	4
1.1 Gêneros escolares e o suporte digital	4
1.2 O tipo textual	8
1.3 A produção <i>on-line</i> de textos narrativos	12
1.4 A produção <i>on-line</i> de textos argumentativos	16
2 A PROGRESSÃO REFERENCIAL	24
2.1 Estratégias de progressão referencial	25
2.2 As relações anafóricas diretas	30
2.3 As relações anafóricas indiretas	32
2.4 Relações anafóricas e os tipos textuais	36
2.5 A progressão referencial por meio das relações anafóricas nos textos narrativos e argumentativos	44
3 AS RELAÇÕES ANAFÓRICAS NOS TEXTOS NARRATIVOS E ARGUMENTATIVOS.....	47
3.1 As relações anafóricas nos textos narrativos.....	47
3.2 O modo de introdução referencial e as estratégias de retomadas referenciais no texto narrativo	48
3.2.2 As relações anafóricas associativas com referentes inanimados	52
3.3 As relações anafóricas e os referentes animados.....	54
3.4 As relações anafóricas no texto argumentativo.....	71
3.5 O modo de introdução referencial no texto argumentativo	71

3.6 As estratégias de retomadas referenciais no texto argumentativo.....76

3.7 As relações anafóricas e os referentes inanimados com elementos humanos....81

3.7.1 As relações anafóricas associativas.....82

4 UM RÁPIDO OLHAR NAS ANÁFORAS PRONOMINAIS SEM ANTECEDENTES NOS TEXTOS NARRATIVOS E ARGUMENTATIVOS.....84

4.1 Anáfora pronominal sem antecedente.....84

4.2 Anáfora pronominal sem antecedente nos textos narrativos.....90

4.3 Anáfora pronominal sem antecedente nos textos argumentativos100

4.4 Introdução e retomadas dos referentes: um olhar quantitativo.....104

CONCLUSÃO107

BIBLOGRAFIA112

RESUMO

A presente pesquisa insere-se no campo da Lingüística Textual e tem como foco de discussão o processo referencial e anafórico na produção de textos produzidos on-line por alunos da 8ª série do Ensino Fundamental. Objetiva-se compreender como os referentes são introduzidos nos textos desses alunos e quais são as estratégias preferidas por eles para garantir a progressão referencial ao longo dos textos. Para isso, assume-se o conceito de referenciação tal qual propõem Mondada e Dubois (2003), o qual implica analisar os referentes como objetos de discurso, ou seja, como objetos que são construídos textualmente. Isto significa dizer que o referente uma vez introduzido no texto pode ser abandonado, reativado, enriquecido, fragmentado, negociado, etc. Outro conceito importante para o processo de referenciação é o de anáfora, a partir da formulação de Marcuschi e Koch (2002). Com a ampliação do conceito de anáfora, as relações anafóricas enquanto mecanismos de retomadas vão além do conceito de anáfora enquanto retomada explícita de um referente, seja por meio da repetição de um item lexical, seja por meio de um pronome (anáforas diretas). As relações anafóricas podem se manifestar de várias maneiras dentro do discurso, entre elas, por meio das anáforas indiretas ou não correferenciais, que fazem a introdução de novos referentes como se já fossem conhecidos do interlocutor. O corpus desse trabalho foi composto por 125 textos do tipo narrativo e 125 do tipo argumentativo, num total de 250 textos, portanto, elaborados *on-line* a partir de temas previamente estabelecidos, que direcionaram os alunos para a produção dos tipos textuais estudados.

Palavras-chaves: anáfora, referentes, referenciação, progressão referencial

ABSTRACT

This dissertation in the Text Linguistics field discusses the referential and anaphoric process in text produced on line by students on the 8th degree on Fundamental School (Ensino Fundamental). It aims to understand how the referent is introduced in these texts and which strategies they prefer to use to guarantee the referential progression through the texts they produced. It's assumed the referenciation according to Mondada and Dubois (2003) as the main conception, which implies to analyse the referent as a discourse object i.e. it is built textually. This means that the referent once introduced in the text, it may be abandoned, reactivated, enriched, fragmented, discussed, etc. Another crucial conception to the referential progression is anaphora, reformulated by Marcuschi and Koch (2002). According to this new conception, the anaphoric relations can occur not only with the explicit repetition of the same lexical item or of a pronoun (direct anaphora) but these relations can also occur in an indirect way (indirect anaphora) through the text. Indirect anaphora or not correferencial introduce new referents as if these referents were already known by the speaker. Corpus of this dissertation was composed for 125 narratives texts and 125 argumentative texts, in a total of 250 texts. These texts were produced on line with previous themes that directed students to produced two different kinds of text studied.

Key words: anaphora, referents, referenciation, referential progression

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem por objetivo estudar a progressão referencial a partir de textos produzidos *on-line* por alunos da 8ª série do ensino fundamental de duas das escolas conveniadas com uma instituição particular de ensino na qual há um Portal Educacional, (indicada a partir de agora como Portal Educacional). Essas escolas se encontram nas regiões¹ nordeste (Fortaleza) e sudeste (São Paulo).

Optou-se por essa série porque ela marca a finalização de uma etapa de ensino em que teoricamente o alunado sai do nível fundamental de aprendizagem para o médio. Ao terminar a fase fundamental, espera-se desse alunado certa maturidade em relação aos conteúdos administrados ao longo desse período escolar. Entre esses conteúdos, o de língua portuguesa, e no nosso caso, a produção textual.

A produção textual foi feita com o auxílio do computador, via Internet. Optou-se por esse tipo de produção por ele mostrar-se, a princípio, inovador e também por não ter sido ainda objeto de estudo. A maioria das pesquisas feitas com produção textual escolar, até o momento, teve como modelo a redação escolar convencional, com dados coletados *in loco*.

Nesse sentido, a produção de textos *on-line* se diferencia das produções feitas em sala de aula, uma vez que os produtores não tiveram/ têm nenhum contato *real* com a equipe que elabora e/ou corrige as propostas de redação *on-line* que são apresentadas no Portal Educacional. Esses alunos apenas recebiam as notas obtidas e os possíveis comentários acerca de suas dificuldades.

Os textos² selecionados para o presente estudo (125 textos narrativos e 125 argumentativos, num total de 250 textos, portanto) foram elaborados a partir de temas previamente estabelecidos, que direcionaram os alunos para a produção da narração (1ª proposta) e da argumentação (2ª proposta). Os temas que nortearam as produções textuais foram escolhidos entre as propostas disponíveis no Portal Educacional.

¹ As regiões foram escolhidas aleatoriamente.

² É importante ressaltar que não sabemos em que circunstâncias esses textos foram produzidos, ou melhor, não sabemos se foi em laboratórios de informática dessas escolas, se foram produzidos em casa ou em outras circunstâncias. Outra questão a salientar é que as duas propostas apresentavam uma animação para a narração e um vídeo para a argumentação. Essa escolha, com a animação e com vídeo, nos pareceu oportuna porque mesmo em lugares e situações diferentes, os alunos/produtores dessas escolas dispunham de uma mesma “visão/situação” para ter como base sua produção textual.

Para texto narrativo, a proposta tinha como tema *O bicho pegou*, que será mais detalhada no capítulo 1, e pedia para que os alunos assistissem a uma animação e criassem uma história de suspense.

Para o texto argumentativo, a proposta que também será mais detalhada no capítulo 1, tinha como tema *É possível envelhecer com dignidade?* e pedia para que os alunos assistissem ao documentário *Olhos Pasmados*, de Jurandir Muller e Kiko Goifmam, que retrata bem algumas situações críticas que o idoso enfrenta na família, na sociedade e com o governo.

É esse cenário que nosso estudo sobre o processo de referenciação e das relações anafóricas como estratégia de retomada terá como base e se propõe avaliar como os alunos representam nos textos produzidos *on-line* referentes que lhes foram apresentados previamente no direcionamento dado para a produção dos textos³. A partir do encaminhamento dado pelo Portal Educacional, alguns dos referentes que se esperava encontrar nos textos dos alunos correspondem à concepção tradicional de referência em que pressupõe “um mundo objetivo pré existente ao discurso, dos objetos, a priori discretos e estáveis”. (Mondada e Dubois, 2003: 01).

Nossa pesquisa procurou entender, então, como os referentes são introduzidos nos textos desses alunos e quais são as estratégias preferidas por eles para garantir a progressão referencial ao longo dos textos. Para se chegar às estratégias preferidas, foi necessário fazer não só uma reflexão sobre o conceito de anáfora, como também sobre os gêneros escolares, a partir da hipótese de que os gêneros textuais também exercem uma certa influência na opção por uma ou outra estratégia.

Para fundamentar nossa pesquisa, no primeiro capítulo, faremos uma breve discussão acerca de gênero e tipo textual. Essa abordagem se faz necessária por duas razões: a) queríamos saber se a proposta de redação *on-line*, por utilizar um suporte novo, o computador, influenciaria no comportamento dos alunos no que diz respeito à forma de utilização da língua escrita mediante ao novo gênero que surgia, o gênero redação *on-line*. Isso se justifica porque esse gênero, aparentemente novo, já surge em um meio (a Internet) em que lentamente está se construindo um tipo de linguagem própria e; b) queríamos saber também se o gênero textual exerce alguma influência no modo como o fenômeno anafórico se manifesta no discurso.

³ O modo já dado desses referentes será explicado nas seções posteriores

No segundo capítulo, se fará uma discussão acerca das relações anafóricas enquanto mecanismos de retomadas. Essa discussão perpassará algumas concepções acerca da anáfora, entre elas a que propõe o conceito de anáfora enquanto retomada explícita de um referente seja por meio da repetição de um item lexical, seja por meio de um pronome (anáforas diretas). Essa discussão nos permitirá entender que no processo de progressão referencial, as anáforas não se restringem apenas às retomadas diretas ou correferenciais. O mecanismo de retomada pode se manifestar de várias maneiras dentro do discurso, entre elas, por meio das anáforas indiretas ou não correferenciais, que fazem a introdução de novos referentes como se já fossem conhecidos do interlocutor. A compreensão desse fenômeno anafórico se dá dentro de uma concepção da língua como uma atividade social.

No terceiro capítulo, apresentaremos os resultados das análises feitas nos textos narrativo e argumentativo, tomando como base o modelo geral para o processo de referenciação proposto por Marcuschi e Koch (2002).

No quarto capítulo, apresentaremos as relações anafóricas pronominais sem antecedentes explícitos mais comuns que ocorreram no texto argumentativo.⁴ Apresentaremos também nesse capítulo uma tabela dos resultados encontrados.

A partir dos resultados encontrados, não queremos mostrar somente que no texto narrativo há a preferência por esta estratégia de retomada enquanto que no argumentativo aquela. Queremos mostrar também a influência que algumas propriedades semânticas dos referentes têm sobre a escolha das estratégias de progressão referencial.

⁴ Não nos referimos ao tipo textual narrativo porque foram raras as relações anafóricas pronominais sem antecedentes.

CAPÍTULO 1

GÊNEROS ESCOLARES EM SUPORTE DIGITAL

1.1 Gêneros escolares e o suporte digital

A noção de texto vai além da idéia de algo produzido por meio da escrita. Texto é qualquer produção escrita (o artigo científico, o romance, a receita, etc) ou oral (o sermão, a conversação, etc) desde que veicule “(...) uma mensagem lingüisticamente organizada e que tende a produzir um efeito de coerência em seu destinatário”. Bronckart (1999:137).

Os textos são produtos da atividade de linguagem e por ser “impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto [...] então a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual”. Marcuschi (2003a: 22).

Os gêneros textuais resultam de atividades de linguagem, e se constituem de modelos construídos sócio-historicamente, com características relativamente estáveis, aos quais os falantes recorrem em situações concretas de comunicação. Como são inúmeras as atividades que o homem pode desenvolver via linguagem, assim também serão vários ou ilimitados os gêneros textuais que ele utilizará para concretizar/externalizar seu ato de dizer e de agir sobre o mundo.

Os gêneros textuais surgem das necessidades comunicativas sociais. Isso se confirma se olharmos para os gêneros novos que surgem ou surgirão à medida que novas tecnologias em todos os segmentos da sociedade vão aparecendo ou novas formas de interação se consolidando. Exemplos disso são os gêneros emergentes decorrentes da nova era tecnológica que parece surgirem na mesma proporção que novos avanços vão sendo alcançados. No entanto, como afirma Marcuschi (2004:13) “a maioria deles tem similares em outros ambientes tanto na oralidade quanto na escrita”. Um exemplo observado é a semelhança entre o gênero telefonema com o gênero conversação em que a diferença entre um e outro está no canal, pois para o gênero conversação os envolvidos na interação verbal se encontram face a face nesse processo, enquanto no gênero telefonema a interação ocorre via telefone. Marcuschi (2003a: 22)

É certo que os novos gêneros digitais “*e-mail*”, “*bate-papo virtual*” (*chat*), “*blog*”, etc. já surgem trazendo “polêmica quanto à natureza e a proporção do seu impacto na linguagem e na vida social” e “a Internet é uma espécie de protótipo de novas formas de comportamento comunicativo.” (Marcuschi: 2004:13).

No entanto, nem todos os gêneros que aparecem ou podem aparecer nesse ambiente virtual podem trazer/causar impacto, seja na linguagem, seja no comportamento comunicativo.

No que diz respeito à linguagem desses novos gêneros, Marcuschi (2004: 18,19) citando Crystal (Cf. 2001:viii), diz que esse autor, numa tentativa de descobrir algo sobre “*o papel da linguagem na Internet e o efeito da Internet na linguagem* aponta três aspectos:

- (1) **do ponto de vista dos usos da linguagem**, temos uma pontuação minimalista, uma ortografia um tanto bizarra, abundância de siglas, abreviaturas nada convencionais, estruturas frasais pouco ortodoxa e uma escrita semi-alfabética;
- (2) **do ponto de vista da natureza enunciativa dessa linguagem**, integram-se mais semioses do que usualmente, tendo em vista a natureza do meio com participação mais intensa e menos pessoal, surgindo a *hiperpessoalidade*;
- (3) **do ponto de vista dos gêneros realizados**, a Internet transmuta de maneira bastante complexa gêneros existentes, desenvolve alguns realmente novos e mescla vários outros.

O gênero redação escolar *on-line*, no entanto, parece fugir à regra desses gêneros emergentes. Do ponto de vista do uso da linguagem, este gênero não apresenta nenhum dos aspectos citados em (1) por Crystal. Isso se justifica, talvez, pelo fato do caráter formal de produção textual. Isso significa dizer que na redação escolar *on-line* a produção dos textos escritos é feita sob comandos direcionados por temas específicos. Nesse modo de produção textual, os alunos devem seguir normas e regras que determinem o caráter formal da língua escrita, pois terão seus textos avaliados a partir do “bom uso” dessas normas e receberão uma nota por sua produção textual.

Do ponto de vista da natureza enunciativa da linguagem, o conteúdo do enunciado é totalmente veiculado por meio da escrita convencional. Não há nem mesmo a presença de certas palavras grafadas de forma não convencional, do tipo “q”, (que)

“fiko”, (fico) “blz”, (beleza) “vlw” (valeu), etc. como se costuma ver em outros gêneros digitais. Essa ausência de semioses só mostra que o gênero é “um constituinte específico e importante da estrutura comunicativa da sociedade, de modo a constituir relações de poder bastante marcadas, em especial dentro das instituições”. (Carolyn Miller apud Marcuschi 2004: 71)

Do ponto de vista dos gêneros realizados, não há transmutação complexa dos gêneros já existentes (redação escolar convencional), não há o desenvolvimento de algum gênero novo, e nem há a mescla de um gênero em outro. Nosso questionamento é saber se realmente há um gênero novo ou se há apenas mudança de suporte para os gêneros textuais em circulação na escola.

Diante das observações feitas, tomo aqui emprestado de Marcuschi (2004:13) os seguintes questionamentos: Qual a originalidade desse gênero em relação ao que já existe? Qual a função de **uma redação on-line**? (no original “qual a função de um *bate-papo* pelo computador, por exemplo?)

Tanto o primeiro quanto o segundo questionamentos podem ser respondidos da seguinte forma: o gênero redação escolar *on-line* parece não trazer nada de novo em relação aos gêneros textuais que circulam no ambiente escolar.

Para Marcuschi, (2003b), todo gênero tem/exige um suporte determinado para sua circulação, porém o suporte não determina o gênero. O autor ressalva que suporte não deve ser confundido com canal ou meio de condução de um serviço e exemplifica explicando que o telefone é um canal, a Internet é um serviço e um pára-choque de caminhão ou as embalagens de uma loja são os suportes de gêneros. Para ele três características se destacam como definidoras de suporte: ser um lugar físico ou virtual, ter formato específico e servir para fixar e mostrar o texto.

Assim, o gênero redação escolar *on-line* aparece como uma variação dos gêneros da redação escolar convencional, a partir do uso da Internet nas atividades escolares de produção de textos.

Isso se justifica pelo fato de a redação escolar *on-line* apresentar semelhanças muito próximas com o gênero redação escolar convencional, principalmente no que diz respeito ao caráter formal de produção textual. Vejamos, então, as semelhanças:

Tanto na redação escolar *on-line* quanto na redação escolar convencional a produção dos textos escritos é feita sob comandos direcionados por temas específicos. Nos dois modos de produção textual, os alunos devem seguir normas e regras que determinem o caráter formal da língua escrita, pois esses alunos terão seus textos

avaliados a partir do “bom uso” dessas normas e receberão uma nota por sua produção textual;

Tanto nas redações escolares *on-line* quanto nas redações escolares convencionais, o uso da escrita deve ter o uso convencional padrão, no sentido de não se permitir abreviaturas ou palavras escritas de forma não convencional, como já se disse anteriormente;

Tanto as redações escolares *on-line* quanto as redações escolares convencionais têm sua veiculação na mesma esfera social: a escola, seja esta virtual ou não.

Como se pode perceber, as semelhanças são muitas, no entanto, com uma única funcionalidade: Tanto as redações escolares *on-line* quanto as redações escolares convencionais têm o mesmo propósito educacional: levar o alunado a prática do bom uso da escrita.

Por conta dessas semelhanças e pela falta de originalidade composicional (uso da linguagem, natureza enunciativa da linguagem e os gêneros realizados) da redação escolar *on-line*, acreditamos que não há o surgimento de um novo gênero textual entre as duas modalidades de redação escolar. O que há, talvez, é um sub-gênero do gênero “redação escolar convencional” em que a diferença entre um gênero e outro consiste apenas no suporte que utilizam para veicular/mostrar o texto produzido. A redação escolar *on-line* o computador e a redação escolar convencional o papel.

Se no caso específico do uso da Internet para a produção da redação escolar parece não haver um gênero novo, não se pode fazer afirmação semelhante em relação aos *e-mails* e aos *chats*⁵. Estes apresentam características próprias e diferenciadas em relação àqueles que lhes serviram de base: a carta convencional para os *e-mails* e a conversação para o *chat*.

Afirmamos isso porque nos *e-mails* e nos *chats*⁶, por exemplo, não há a mesma formalidade de escrita observada na redação escolar *on-line*. Essa informalidade para esses dois gêneros se caracteriza por razões diferentes da redação escolar *on-line*.

⁵ Embora esses gêneros não sejam o objeto de nossa pesquisa, incluímos aqui para contrastar esses gêneros com as redações *on-line*.

⁶ Os *e-mails* e os *chats* que são tratados aqui diferem dos *e-mails* e *chats* que se têm como padrão. Os *e-mails* são textos-dúvidas enviados por alunos ou professores das escolas conveniadas com o Portal Educacional acerca de um assunto qualquer. No nosso caso, sobre língua portuguesa. Os *chats* também funcionam como um tira-dúvidas tanto para alunos quanto para usuários que são das escolas conveniadas com o Portal Educacional. Estes entram numa sala específica, no nosso caso, a sala de língua portuguesa, e tiram dúvidas acerca de assuntos também relacionados à língua portuguesa. Até mesmo aqui, talvez, podemos dizer que existem “sub-gêneros *e-mails* e sub-gêneros *chat*”, se levarmos em consideração um uso muito particular desses gêneros.

Enquanto a redação escolar *on-line* é direcionada para temas específicos os *e-mails* e os *chats* não. Enquanto a redação escolar *on-line* não faz uso da linguagem não convencional, como já disse acima, os *e-mails* e os *chats* fazem. Sem contar que com os *e-mails*, a produção se dá, às vezes, como uma espécie de bilhete e o aluno-usuário não ganhará nota para isso. No *chat*, por outro lado, a informalidade consiste também na relação de intimidade entre os interlocutores, pois estes se comunicam em tempo real, tal como numa conversa face a face, embora estes não se conheçam e estejam em lugares diferentes. Sem contar também que tanto para o *e-mail* quanto para o *chat*, o aluno-usuário não é orientado para produzir texto direcionado por temas específicos, pelo contrário, suas atividades de linguagem são “comandadas e direcionadas” para outros fins como conversar ou sanar dúvidas, por exemplo. Embora o *e-mail* e o *chat* tenham a mesma funcionalidade, suas composições são diferentes. Assemelham-se apenas no modo de produção textual: a escrita. Essa é uma das diferenças que justifica sua análise como dois gêneros diferentes, o que não ocorre, por exemplo, entre as duas modalidades de redação escolar: a redação escolar *on-line* e a redação escolar convencional, conforme já se falou.

Isso só confirma os gêneros textuais como ações sócio-discursivas que agem e dizem sobre o mundo em situações e fins específicos. Como afirmam Bronckart, (1999:137) e Marcuschi (2003a:20), os gêneros textuais estão mais direcionados para suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades lingüísticas. É basicamente nesse ponto que gênero textual e tipo textual se diferenciam, conforme se verá a seguir.

1.2 Tipo textual

Se por um lado podemos caracterizar os gêneros textuais tanto por sua funcionalidade comunicativa, cognitiva e institucional, como também por sua ilimitada maneira de manifestação, não podemos dizer o mesmo sobre os tipos textuais.

Bronckart (1999: 138) afirma que os tipos de textos (ele usa o termo tipo de discurso) qualquer que seja o gênero a que pertençam os textos, são constituídos por segmentos de estatutos diferentes que apresentam regularidades de organização e de marcas lingüísticas que darão a estes segmentos formas específicas de semiotização ou de colocação em discurso. Essas formas são dependentes do leque dos recursos morfossintáticos de uma língua e, por isso, são em números necessariamente limitados.

Para Marcuschi, (2003a: 22) o tipo textual aparecerá inserido dentro de um gênero qualquer sempre que ele “designar uma espécie de seqüência teoricamente definida pela natureza lingüística de sua composição”. Essa natureza lingüística poderá ser marcada por aspectos formais da língua como a preferência por certos itens lexicais em detrimento de outros, por tempos verbais específicos, por relações lógicas entre os enunciados, por estruturas sintáticas, etc. É esse aspecto formal da língua que torna possível encontrar dentro de um mesmo gênero, vários tipos de textos ou seqüências de tipo de textos conhecidos como textos narrativos, dissertativos, argumentativos, expositivos, opinativos e injuntivos.

Marcuschi⁷ (2003a: 23) aponta as seguintes diferenças entre gênero e tipo textual.

TIPOS TEXTUAIS	GÊNEROS TEXTUAIS
1 constructos teóricos definidos por propriedades lingüísticas intrínsecas.	1 realizações lingüísticas concretas definidas por propriedades sócio-comunicativas
2 constituem seqüências lingüísticas ou seqüências de enunciados no interior dos gêneros e não são textos empíricos.	2 constituem textos empiricamente realizados cumprindo funções em situações comunicativas
3 sua nomeação abrange um conjunto limitado de categorias teóricas determinadas por aspectos lexicais, sintáticos, relações lógicas, tempos verbais;	3 sua nomeação abrange um conjunto aberto e praticamente ilimitado de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função;
4 designações teóricas dos tipos: narração, argumentação, descrição, injunção e exposição.	4 exemplos de gêneros: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, aula expositiva, reunião de condomínio, bula de remédio, horóscopo, receita culinária, lista de compras, cardápio, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversação

⁷ Embora nossa referência de gênero e tipo textual esteja apoiada nos estudos de Bronckart, tomamos emprestado o quadro sinóptico apresentado por Marcuschi, por este nos orientar para uma visão mais didática das diferenças entre gênero e tipo textuais.

	espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo virtual, aulas virtuais, etc.
--	--

O quadro sinótico apresentado por Marcuschi deixa claro que os gêneros textuais que circulam nas mais variadas esferas sociais não são linguisticamente puros no sentido de apresentar apenas um tipo de texto em sua composição, “mas uma grande heterogeneidade tipológica...”. (Marcuschi: 2003a:27).

O exemplo a seguir é um modelo de texto narrativo de uma redação escolar produzida *on-line*. Em sua composição é possível encontrar outras seqüências de tipos de textos.

Ex: 1

O PLANO

1 Numa noite muito chuvosa algo suspeito rondava o Bar do Jurandir na favela dos 7 Morros. O bar do seu Jurandir estava muito cheio mas algo errado estava acontecendo pois numa das mesas vazias havia uma sacola amarela.

1 Seqüência descritiva

2 Em outro canto da rua João e Quintino tiveram uma conversa rápida: a sacola seria roubada! João desceu o morro e Quintino ficou de butuca, logo depois que João desce Quintino deu o sinal e uma Kombe azul subiu, parou em frente ao bar e o tiroteio começou. Minutos depois a Kombe sai e todos desaparecem junto com a sacola.

2 Seqüência narrativa

3 Mais tarde os traficantes que dominam a favela chegaram no bar e um de seus comparsas estava morto e a sacola tinha desaparecido.

3 Seqüência narrativa

4 Mas o que aconteceu? Onde estava a sacola? Quem a roubou ?

4 Seqüência injuntiva

5 Mas alguém sabia o que tinha acontecido: seu Jurandir. Ele tinha visto tudo pois ficou escondido no bar depois a Kombe que estava cheia de policiais passou por ali.

5 Seqüência narrativa

6 Tudo começou numa converça entre os traficantes na qual eles falavam de uma sacola que seria entregue a elas da seguinte forma: um agente carcerário que foi pago por um traficante preso, esqueceria a tal sacola no bar e depois os traficantes a pegariam. Depois de toda a conversa, seu Jurandir ligou para a polícia ela descobriu que dentro da sacola havia um plano de fuga do traficante "Jack o matador" que estava preso.

6 Seqüência narrativa

7 Um plano foi bolado por seu Jurandir e a polícia, a Kombe subiria depois do sinal de Quintino, pararia na frente do bar, pegaria a sacola impedindo assim que o plano fosse executado.

7 Seqüência narrativa

A redação *on-line* acima, embora seja uma narração, apresenta seqüências tipológicas descritiva e injuntiva. Isso só confirma que os gêneros textuais “são uma espécie de armadura comunicativa geral preenchida por seqüências tipológicas de base que podem ser bastante heterogênea mas relacionadas entre si”. (Marcuschi 2003a: 27)

Como se disse antes, os gêneros textuais são ilimitados e associados às esferas sociais em que circulam. A escola é, conforme aponta Costa (2004b:04) “o espaço onde os falantes têm seus primeiros contatos sistemáticos com alguns gêneros textuais, especialmente os escritos”. Nesse sentido, cabe à escola o dever de divulgar os mais variados gêneros textuais que circulam no meio social, seja por meio real seja por meio virtual.

Schneuwly e Dolz (2004: 75), por outro lado, afirmam que:

“Na sua missão de ensinar os alunos a escrever, a ler e a falar, a escola, forçosamente, sempre trabalhou com os gêneros, pois toda forma de comunicação – portanto, também aquela centrada na aprendizagem - cristaliza-se em formas de linguagem específicas. A particularidade da situação escolar reside no seguinte fato que torna a realidade bastante complexa: há um *desdobramento* que se opera em que o gênero não é mais instrumento de comunicação somente, mas é, ao mesmo tempo, objeto de ensino-aprendizagem.”.

Tanto Costa quanto Schneuwly e Dolz apontam o importante papel da escola nessa missão de divulgação dos gêneros que circulam nas mais diversas esferas sociais. No entanto, o que se percebe no que diz respeito à divulgação dos gêneros por parte de

sua grande divulgadora, a escola, é que estes são apresentados aos alunos mais como objeto de ensino-aprendizagem do que como instrumento de comunicação. Embora as propostas curriculares de ensino no que tange à produção textual apontem para a necessidade de levar ao conhecimento dos alunos outras formas concretas de uso da linguagem, conforme se vê nos PCNs, (Cf. Costa 2004b), ainda se percebe que o ensino de produção textual ainda está restrito às produções de textos que circulam quase que exclusivamente na esfera escolar, ou seja, os tradicionais textos narrativos, descritivos e dissertativos, na maioria das vezes com o único propósito de apenas “testar” o conhecimento e as habilidades lingüísticas dos aprendizes.

Vale ressaltar também que essa forma de ensinar os gêneros escolares, como aponta Costa (2004b: 06), ocorre de forma hierárquica que parte da representação de realidades consideradas mais simples, como a descrição e a narração para a mais complexa, como a dissertação, pois segundo ela “o ponto mais alto da escala é ocupado pelos textos expositivos (dissertativos) e argumentativos, por seu caráter de representação de uma realidade mais complexa e abstrata”.

Essa forma tradicional de tratar de forma sistemática os mesmos gêneros escolares também se percebe no ambiente escolar virtual. Mesmo com os avanços tecnológicos, mesmo com o surgimento de gêneros emergentes, ainda assim, se percebe que a preocupação da escola ainda é divulgar os gêneros escolares tradicionais, entre eles, os textos narrativos e os argumentativos.

A partir de agora faremos uma abordagem resumida das características formais dos textos comumente chamados de narrativo e de argumentativo. Para isso, nos apoiaremos em Bronckart (1999).

1.3 A produção *on-line* de textos narrativos

A narração é um tipo textual que, em sua essência, se caracteriza em relatar/contar um fato ou um acontecimento.

Bronckart (1999:219, 220) afirma que “embora cada história contada mobilize personagens implicados em acontecimentos organizados no eixo sucessivo de acontecimentos ou ações, só se pode falar de seqüência narrativa quando essa organização é sustentada por um processo de intriga. Esse processo consiste em selecionar os acontecimentos de modo a formar um todo, uma história ou ação completa

com início, meio e fim”.

Segundo Bronckart, (1999: 219, 220) o texto narrativo deve conter sete fases principais:

- a fase de situação inicial (de exposição ou de orientação), na qual um “estado de coisa” é apresentado, estado esse que pode ser considerado “equilibrado”, não em si mesmo, mas na medida em que a sequência da história vai nele introduzir uma perturbação;
- a fase de complicação (de desencadeamento, de transformação), que introduz exatamente essa perturbação e cria uma tensão;
- a fase de ações, que reúne os acontecimentos desencadeados por essa perturbação;
- a fase de resolução (de re-transformação) na qual se introduzem os acontecimentos que levam a uma redução efetiva da tensão;
- a fase de situação final, que explicita o novo estado de equilíbrio obtido por essa resolução;
- a fase de avaliação em que se propõe um comentário relativo ao desenrolar da história e cuja posição na sequência parece ser totalmente livre;
- a fase de moral em que se explicita a significação global atribuída à história, aparecendo geralmente no início ou no fim da sequência.

A fase de avaliação proposta por Bronckart parece ser o momento da sequência do texto em que se dá entre o clímax e a finalização. A fase da moral é o fechamento do texto representado numa lição de moral. Essa fase é típica do gênero fábula em que o desfecho é um ensinamento.

Bronckart (1999:178), analisando os textos narrativos em francês, aponta como marcas lingüísticas verbais desse tipo textual o pretérito simples e o imperfeito como marcas dominantes, e as outras formas verbais de passado como manifestações secundárias. Chama atenção também para a presença constante dos organizadores temporais (advérbios, sintagmas preposicionais, coordenativos, subordinativos, etc), ausência de pronomes de primeira e de segunda pessoa do singular e do plural, como também a presença conjunta de anáforas pronominais e de anáforas nominais em que as nominais apresentam-se geralmente na forma de uma retomada do sintagma antecedente, com substituição lexical.

Parece que Bronckart ignora as narrações em primeira pessoa ao apontar a

ausência de pronomes de primeira e segunda pessoa do singular e do plural nesse tipo de texto.

O primeiro tipo textual analisado no presente trabalho reúne textos produzidos *on-line* a partir de instruções que direcionavam os alunos a produzir um texto narrativo, mais especificamente, uma narrativa de suspense. Para essa produção, a proposta tinha como tema *O bicho pegou* e apresentava a seguinte orientação: Assista à animação e crie uma história de suspense. Em seguida o aluno visualizava a seguinte animação: um lugar com as características de uma favela numa noite com muita chuva e trovões. Nesse lugar havia um bar com algumas pessoas bebendo e em cima de uma das mesas um objeto, com as características de uma sacola ou de um pacote. Em seguida, em meio a raios e trovões, saem duas pessoas encapuzadas de lugares diferentes, uma de uma parte da rua que se parece com um beco e a outra do lado oposto. Essas pessoas se encontram, conversam algo e vão embora. Após desaparecerem, aparece uma Kombi, pára em frente do bar, ouvem-se alguns tiros, as luzes do bar se apagam. Ao voltar a energia do bar, as pessoas que ali estavam desaparecem, assim como o objeto que estava em cima de uma das mesas.

Após a animação, lia-se o seguinte: “Com base na animação, desenvolva uma história de suspense. Você deve se basear apenas na ação a que assistiu, mas pode desenvolver personagens e apresentar informações novas. Crie também um bom título para sua história. Lembre-se de que ela deve manter o suspense e, para isso, você terá de elaborar um texto que impressione as pessoas. Tenha em mente que seus futuros leitores não conhecem a animação e, por isso, seu texto deve ser bem claro e detalhado.”

Nessa proposta, havia também instruções para os professores com a seguinte orientação: “Esta proposta é bastante complexa. Ela exige dos alunos muita atenção e cuidado no momento de transpor para a linguagem escrita um “texto” em formato de animação. Portanto, uma boa dica antes de encaminhar essa atividade para os alunos é trabalhar alguns itens como:

- 1) texto narrativo – aqui o professor deve definir e esclarecer o que é um texto narrativo. Sem esse trabalho de preparação, os alunos podem acabar produzindo textos dissertativos ou descritivos moralizantes.
- 2) narrativa de suspense – o professor deve encaminhar a leitura, em sala de aula, de textos de suspense (contos de Conan Doyle ou Edgar Allan Poe). Com base nesses textos e na definição do que é suspense literário, os estudantes vão ter mais chances de responder adequadamente à proposta.

Na tela da proposta, os alunos poderão acessar um site:

<http://mundosherlock.vilabol.uol.com.br/intro.html> que trata das aventuras de Sherlock Holmes. Sua exploração vai permitir aos estudantes um melhor contato com o universo da literatura de suspense e aventuras.

No exemplo 2 destacamos as características do gênero textual narrativo em uma redação escolar produzida *on-line*.

Ex: 2

O PLANO

Numa noite muito chuvosa algo suspeito rondava o Bar do Jurandir na favela dos 7 Morros. O bar do seu Jurandir estava muito cheio mas algo errado estava acontecendo pois numa das mesas vazias havia uma sacola amarela.

Em outro canto da rua João e Quintino tiveram uma conversa rápida: a sacola seria roubada! João desceu o morro e Quintino ficou de butuca, logo depois que João desce Quintino deu o sinal e uma Kombe azul subiu, parou em frente ao bar e o tiroteio começou. Minutos depois a Kombe sai e todos desaparecem junto com a sacola.

Mais tarde os traficantes que dominam a favela chegaram no bar e um de seus comparsas estava morto e a sacola tinha desaparecido. Mas o que aconteceu? Onde estava a sacola? Quem a roubou?

Mas alguém sabia o que tinha acontecido: seu Jurandir. Ele tinha visto tudo pois ficou escondido no bar depois a Kombe que estava cheia de policiais passou por ali.

Tudo começou numa converça entre os traficantes na qual eles falavam de uma sacola que seria entregue a elas da seguinte forma: um agente carcerário que foi pago por um traficante preso, esqueceria a tal sacola no bar e depois os traficantes a pegariam. Depois de toda a conversa, seu Jurandir ligou para a polícia ela descobriu que dentro da sacola havia um plano de fuga do traficante "Jack o matador" que estava preso.

Um plano foi bolado por seu Jurandir e a polícia, a Kombe subiria depois do sinal de Quintino, pararia na frente do bar, pegaria a sacola impedindo assim que o plano fosse executado.

Esquematizando a organização do texto acima, temos os personagens João, Quintino, Seu Jurandir, etc que estão sempre em movimento ao longo do texto.

Temos as seqüências temporais organizadas por meio de advérbios ou locuções adverbiais “**numa noite** chuvosa”, por meio de verbos no passado “logo depois João **desceu** o morro.”, “O bar do seu Jurandir **estava** muito cheio...” etc. Temos as seqüências espaciais “**O bar do seu Jurandir** estava muito cheio”, “**Em outro canto da rua** João e Quintino tiveram uma conversa”, etc.

Temos um conflito que se estabelece por um problema a ser superado pelos personagens responsáveis pela tensão e organização dos fatos. Nesse texto, o conflito se

estabelece a partir do momento do roubo ou do desaparecimento de uma sacola em que os personagens tentam descobrir ou saber o porquê de tanto interesse em uma sacola deixada e/ou esquecida em um bar. É o conflito que cria no leitor/ouvinte a expectativa em relação aos fatos da história narrada que podem ser solucionados ou não.

Assim, temos um narrador que conta os fatos numa sucessão de acontecimentos por meio de ações que se desenrolam em torno de um conflito vivido por personagens num espaço e num tempo qualquer. O texto apresenta as fases obrigatórias e as marcas lingüísticas típicas desse tipo textual apontadas por Bronckart . É, portanto, um texto com características narrativas.

1.4 A produção *on-line* de textos argumentativos

Para Bakhtin (1992) argumentar é o ato lingüístico presente em qualquer manifestação da interação verbal, pois qualquer uso da linguagem é motivado pelo desejo ou necessidade de obter uma atitude responsiva-ativa.

Koch (1996:19) diz que:

“a interação social por intermédio da língua caracteriza-se fundamentalmente pela argumentatividade (...). O homem por meio do discurso - ação verbal dotada de intencionalidade - tenta influir sobre o comportamento do outro com que compartilhe determinadas opiniões. É por essa razão que se pode afirmar que o ato de argumentar, isto é, de orientar o discurso num sentido de determinadas conclusões constitui-se o ato lingüístico fundamental (...)”.

O que depreendemos do exposto acima é que falamos ou escrevemos porque sentimos a necessidade de fazer com que nosso ouvinte/leitor discorde ou concorde, aceite ou rejeite, etc. nosso ato de dizer. Contar, relatar, convencer, persuadir, etc são formas de manifestação da interação verbal que estabelecemos em nossos contatos sociais. Isso porque “a linguagem é uma atividade social realizada com vistas à realização de determinados fins”. (Koch:1996:23).

A argumentatividade pode ser entendida então como uma característica inerente a qualquer gênero textual que se manifesta por meio dos tipos textuais que disponibilizamos quando queremos influir sobre o outro por meio da linguagem, pois “toda atividade lingüística [é] composta por um [gênero], produzido com dada intenção (propósito), sob certas condições necessárias para o atingimento do objetivo visado e as conseqüências decorrentes da realização do objetivo” (1996: 23).

Assim, quando narramos, descrevemos, argumentamos, etc fazemos por meio de argumentos orientados e organizados por marcas lingüísticas típicas desses tipos de texto.

Se a narração é um tipo de texto que está direcionada para o contar, o relatar fato(s), a argumentação é um tipo de texto que tem em sua essência a função de convencer o leitor a aderir à tese (um ponto de vista) defendida pelo texto. É, portanto, um tipo de texto de intenção persuasiva.

Bronckart (1999:226) considera que o raciocínio argumentativo implica a existência de uma tese, supostamente admitida, a respeito de um dado tema. A partir desta tese são propostos dados novos que são objetos de um processo de inferência que orienta para uma conclusão ou nova tese. O processo de inferência, segundo ele, pode ser apoiado por algumas justificações ou suportes ou pode ser moderado ou freado por restrições. Segundo este mesmo autor, o protótipo da sequência de um texto argumentativo baseia-se numa sucessão de quatro fases:

- 1- a fase da premissa (ou dados), em que se propõe uma constatação de partida;
- 2- a fase de apresentação de argumentos, isto é, de elementos que orientam para uma conclusão provável: podendo ser esses elementos apoiados por lugares comum (topoi), regras gerais, exemplos, etc;
- 3- a fase da apresentação de contra-argumentos que operam uma restrição em relação à orientação argumentativa e que podem ser apoiadas ou refutadas por lugares comuns, exemplos, etc;
- 4- a fase de conclusão (ou nova tese), que integra os efeitos dos argumentos e contra-argumentos.

Para a produção do texto argumentativo, a proposta tinha como tema *É possível envelhecer com dignidade?* e propunha para os alunos que assistissem ao vídeo *Olhos Pasmados*, de Jurandir Muller e Kiko Goifmam, que é um documentário experimental que retrata algumas situações críticas que o idoso enfrenta como a dor, a miséria, o abandono e os problemas de saúde. Além do vídeo, a proposta trazia o Artigo I da Declaração Universal dos Direitos Humanos, onde se lê: “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidades e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para os outros em espírito de fraternidade.”

Após assistir ao vídeo e ler o artigo da Declaração Universal dos Direitos Humanos, o aluno era convidado a produzir seu texto a partir da seguinte orientação:

“Com base no vídeo que você acabou de assistir e no Artigo I da Declaração Universal dos Direitos Humanos, elabore um texto para defender seu ponto de vista em relação às dificuldades enfrentadas pela maioria dos idosos, abordando os problemas do cotidiano (o abandono pela família, amigos e o desprezo da sociedade) ou os problemas sociais (falta de condições mínimas de sobrevivência, como moradia, alimentação e saúde.)”

Lida a proposta, os alunos dispunham dos seguintes “lembretes”:

Não esqueça que seu texto deve:

- a) ser argumentativo, ou seja, defender seu ponto de vista (constituir uma tese;)
- b) fazer referência, obrigatoriamente, ao menos a um trecho do vídeo;
- c) referir-se apenas a um dos temas propostos;
- d) apresentar soluções para resolver os problemas apontados no documentário.

Com o intuito de auxiliá-lo na elaboração de seu texto, sugerimos que você procure mais informações para consolidar suas argumentações. Para isso, veja os links abaixo. Você pode visualizá-los antes de iniciar sua redação.

1- Reflita sobre as seguintes questões:

- a) quais são os problemas e/ou dificuldades que o documentário apresenta sobre os idosos?
- b) por que eles sofrem com a realidade apresentada?
- c) quem são os responsáveis pelas situações retratadas?
- d) o que é possível fazer para reverter esse quadro?

2- Responda a estas perguntas, que poderão ajudá-lo a definir um ponto de vista para você elaborar seu texto.

- a) para você, qual é o principal problema que os idosos enfrentam?
 - () o desprezo social
 - () o desrespeito aos seus direitos
- b) o que impede o idoso de ter uma vida digna?
 - () a vida solitária e a monotonia
 - () a burocracia e a má distribuição de renda (falta de organização governamental)

c) o que os idosos buscam como apoio para superar o abandono?

☐ a espiritualidade

☐ a assistência social

d) com base no que você assistiu no vídeo, o que você acha que deixaria os idosos mais satisfeitos?

☐ companhia

☐ ter seus direitos respeitados

e) quem é o maior responsável pelo pessimismo dos idosos?

☐ a família

☐ o governo

f) por que a maioria dos idosos não luta pelos seus direitos?

☐ por falta de iniciativa

☐ por falta de informação sobre os seus direitos

3 Leia alguns textos referentes à velhice

Longevidade em perigo

<http://www.direitodoidoso.com.br/01/artigo012.html>

De acordo com esse site, a longevidade está em perigo por causa dos maus-tratos sofridos pelos idosos e da falta de consideração que as pessoas têm por eles.

Abandono em asilos revolta deputados

<http://jbonline.terra.com.br/jb/papel/brasil/2002/03/17/jorbra20020317001.html>

Página que trata do descaso para com os idosos, como abandono deles em asilos

Feliz a família que ama seus idosos

<http://www.ansiao.net/idosos52.html>

Nesse site, encontramos um artigo de Antônio Marcelino, que afirma que “Feliz é a família que ama seus idosos”.

Direitos dos idosos

<http://www.educacional.com.br/abresite.asp?IdPublicacao=66911>

Esse site apresenta as leis que garantem o suprimento das necessidades básicas dos idosos e os direitos deles, ambos discutidos na Campanha da Fraternidade de 2003.

Ufa! Envelhecer não é nada fácil!!!

<http://www.educacional.com.br/abresite.asp?IdPublicacao=66912>

Nessa página, você encontra a Coluna da Cidadania, de Serafim Fortes Paz, na qual ela fala sobre como é difícil envelhecer, os direitos dos idosos, as punições para quem desrespeita um idoso, etc.

Resgatando a dignidade do idoso

<http://integracao.fgvsp.br/projetos11.htm>

Esse site traz um relato sobre a Casa de Santa Ana, no Rio de Janeiro, que tem como prioridade resgatar a dignidade do idoso.

Orientação para o professor

Essa proposta de redação é direcionada a alunos do Ensino Fundamental, mais especificamente aos que estão cursando a 8ª série, pois pede a elaboração de um texto argumentativo, que será fartamente exercitado durante o Ensino Médio. Mas isso não impede que os alunos de 5ª, 6ª e 7ª séries executem a atividade. Para isso, você deve avaliar o nível de conhecimento de sua turma.

Sugerimos a você que divida esse trabalho em três etapas (aulas). Nelas, os alunos deverão:

1ª) ler o enunciado e assistir ao vídeo.

2ª) responder ao questionário sugerido que se encontra no item **Antes de redigir e verificar**, por meio do botão enviar, qual é a tese que eles devem defender em seu texto. Além disso, os alunos poderão navegar pelos links sugeridos e discutir sobre o assunto, ampliando, dessa forma, seu poder de argumentação.

3ª) elaborar e enviar o texto.

Durante a primeira etapa, seria conveniente que você fizesse a leitura da proposta cuidadosamente, explicando aos alunos o que são os direitos universais e qual é sua finalidade e importância. Além disso, você pode perguntar aos estudantes o que eles sabem sobre a “Declaração dos Direitos Humanos”, além de onde e quando ouviram falar dela. Isso poderá auxiliá-los em sua argumentação. É importante que os alunos prestem bastante atenção ao assistirem ao vídeo. O professor deve lembrá-los de que deverão mencionar pelo menos um trecho do documentário em seu texto. Para convencê-los dessa importância, se houver disponibilidade de tempo, você poderá fazer um breve estudo sobre a grade de correção ou sugerir à turma que faça isso em um momento entre a primeira e a segunda etapa.

A segunda etapa é o complemento da primeira e consiste em um momento de reflexão. Nela, os estudantes devem responder ao questionário – por escrito ou oralmente – para, por meio das respostas, encontrar mais argumentos para definir sua tese. Como esse exercício é relativamente rápido, seria interessante que eles navegassem pelos links sugeridos – ou procurassem outros – para desenvolver ainda mais sua argumentação. Ao final dessa reflexão os alunos devem começar a escrita de seu texto.

Na terceira fase, o texto deverá ser concluído, revisado e enviado para correção. Nesse momento, o professor poderá auxiliar seus alunos acompanhando a exposição das idéias deles.

O que se observou tanto na proposta da narração quanto na da argumentação é que o aluno é “bombardeado” com várias informações para produzir os textos solicitados. Parece que a preocupação aqui está em torno de que quanto mais explícito for o enunciado melhor será o desenvolvimento do aluno para a produção do texto. Essa explicitude, no entanto, parece não condizer com as orientações que se encontram na esfera virtual, pois nesse tipo de ambiente as orientações dadas para desenvolver qualquer atividade virtual geralmente são rápidas, claras, objetivas e de acesso quase instantâneo. Diferente, portanto, do que se tem/percebe na proposta de Redação *on-line* onde o aluno tem de fazer uma verdadeira *via crucis* para chegar ao ponto de partida

para sua produção. Esse longo caminho torna a produção textual enfadonha e entediante para o aluno. Acreditamos que por se tratar de uma ferramenta que está disponível na Internet, as orientações dadas para as propostas de Redação *on-line* deveriam ser rápidas e lidas com apenas um clique.

A seguir, um exemplo de texto argumentativo selecionado da amostra analisada.

Ex: 3

Envelhecendo com qualidade

Hoje em dia envelhecer com dignidade e qualidade na sociedade em que vivemos torna-se cada vez mais relativo. Você tem que levar em conta diversos fatores, os principais são: familiar, afetivo, psicológico e governamental.

Os idosos devem ser tratados com o respeito e o carinho devido, mas sem sempre isso ocorre. Muitas pessoas tratam os idosos com muito desrespeito e preconceito, esquecendo de que um dia também passarão por isso. Até mesmo a família às vezes esquece que devem dar um carinho especial para os mais velhos e que eles ainda tem muitas histórias para contar e com certeza tem muito o que acrescentar para a vida de cada um. Com todo esse desprezo e preconceito os idosos se consideram cada vez mais inferiores em relação a sociedade.

O governo também contribui para o desenvolvimento dessa inferioridade, haja visto na saúde pública, eles não atendem principalmente os idosos, por falta de respeito e paciência, mas alegam a falta de recursos; pensam que como eles (pacientes) já estão velhos não farão diferença para a sociedade, um grande engano! Outros foram abandonados por todos e estão morando nas ruas, totalmente desinformados sobre os seus direitos de cidadão. Já os idosos que possuem dinheiro podem usufruir do convênio médico e da tecnologia avançada principalmente na medicina, centros culturais e de diversão para a terceira idade, assim como viagens de relaxamento, etc.

Mas mesmo assim o dinheiro não compra o amor nem o respeito, é preciso da consciencia de todos para conseguirmos mudar esse país. Espero que com o tempo as pessoas passem a dar mais valor as pessoas com mais idade, pois somos especiais, importantes e únicos.

Gosto muito de uma frase que exemplificar e tenta definir a questão do envelhecimento, ela traduz esse sentimento de envelhecimento com qualidade. Precisamos lutar sempre, em todos os dias das nossas vidas, desde o momento em que nascemos já nos tornamos jogadores e devemos buscar sempre a vitória, devemos ser perseverantes, inteligentes e pacientes, assim amadureceremos e envelheceremos com qualidade e dignidade. A frase é essa: "Envelhecer é inevitável, mas crescer é opcional."

No texto acima, a tese a ser defendida pelo produtor está na afirmação de que “envelhecer com qualidade está cada vez mais relativo”. Essa relatividade está relacionada aos fatores familiar, afetivo, psicológico e governamental.

Para o desenvolvimento ou para a fase de apresentação de argumentos, como aponta Bronckart (1999: 226), o que se deveria esperar era que o produtor argumentasse sobre os tópicos que ele propôs em sua tese. Isso não acontece em sua totalidade. Ao iniciar sua argumentação, no segundo parágrafo, ele trata de dois tópicos: o familiar e o afetivo, porém de forma vaga. Mesmo assim não deixa de expor seu ponto de vista. No terceiro parágrafo, o produtor trata do outro tópico: o governamental, mesmo não dando informações precisas, há um posicionamento de seu ponto de vista. Ainda neste parágrafo, percebe-se que o produtor anda por outro caminho, desviando sua atenção do tópico que ele se propôs a argumentar (o governamental), mudando assim seu ponto de vista. No quarto parágrafo, ele continua com a informação nova (não o tópico governamental) que começou no parágrafo anterior e se posiciona como um dos idosos.

No último parágrafo, portanto, a conclusão, ele avisa o leitor que o que foi exposto acima poderia ser resumido em uma frase: "Envelhecer é inevitável, mas crescer é opcional." que não condiz com a intenção comunicativa que era de convencer o leitor se ainda é ou não possível envelhecer com qualidade.

Apesar das “falhas” de argumentação e do truncamento das informações veiculadas no texto, não se pode negar que o produtor do texto direcionou, embora vagamente, o leitor a chegar a um raciocínio de valor argumentativo sobre o tema que ele dispôs a argumentar e o propósito comunicativo foi, portanto, alcançado.

Com informações truncadas, (texto argumentativo) ou não (texto narrativo), os produtores conseguiram direcionar o leitor, embora de forma vaga no texto argumentativo, a construir /dar um sentido para os textos. Essa construção do sentido textual só foi possível por causa de certos mecanismos que se misturam numa relação complexa entre língua, mundo e pensamento. Entre esses mecanismos de progressão textual estão as relações anafóricas que podem se manifestar de formas variadas dependendo do tipo textual em que elas estão inseridas.

É sobre a progressão referencial nas produções textuais *on-line* e as relações anafóricas e suas manifestações nos textos narrativos e argumentativos que se falará a seguir.

CAPÍTULO 2

A PROGRESSÃO REFERENCIAL

Segundo Marcuschi (1998a:02) a progressão referencial diz respeito à “introdução, identificação, preservação, continuidade e retomada de referentes textuais, tidas como estratégias de designação de referentes”. Um referente é introduzido no texto e depois reaparece por meio de diversas estratégias que garantem sua permanência no texto de maneira progressiva para direcionar falante/ouvinte a compreender e interpretar aquilo que está em negociação num determinado enunciado durante o processo de interação verbal.

Introduzir, identificar, preservar, dar continuidade e retomar referentes envolvem certas estratégias de designações, de inferenciações e de construções referenciais que, muitas vezes, fogem do alcance do código lingüístico. Essas estratégias, mesmo se manifestando de maneiras variadas, sempre mantêm alguma ligação entre os referentes que são introduzidos, identificados, preservados, etc. Isso porque, segundo Marcuschi (1998a:08), os casos de progressão referencial estão baseados em algum tipo de referenciação não importando se são os mesmos elementos que recorrem ou não. Por conta disso, esse autor acha necessário que se faça a distinção entre *referir*, *remeter* e *retomar*. Para ele:

- *referir* é uma atividade de designação realizável com a língua sem implicar uma relação especular língua-mundo;
- *remeter* é uma atividade de processamento indicial na co(n)textualidade;
- *retomar* é uma atividade de continuidade de um núcleo referencial, seja numa relação de identidade ou não.

Para Koch (2002: 84):

“A noção de remeter diz respeito a um movimento textual em que se dão relações não necessariamente correferenciais. Assim, o fato de se progredir mediante a atividade de remeter não envolve uma retomada, já que retomar é uma atividade particular de remissão que subentende continuidade referencial, implicando algum tipo de relação direta, seja de identidade material (caso de correferenciação) seja de não-identidade material (caso de associação)”

Nesse sentido *referir*, *remeter*, *retomar* ao entrarem no processo de referenciação estabelecem entre si uma certa hierarquia. De acordo com Koch (2002:84):

“a retomada implica remissão e referenciação;
a remissão implica referenciação e não necessariamente retomada;
a referenciação não implica remissão pontualizada nem retomada.”

Essa relação hierárquica se fundamenta nas relações de dinamicidade e nas adaptações que cada situação comunicativa exige, ou seja, cada situação particular das práticas discursivas exigirá um determinado tipo de “retomada” que se adapte àquela situação. Tanto a retomada quanto a remissão são formas de referenciação que agem de modo diferenciado por meio de estratégias referenciais num momento particular do texto para dar a este a continuidade referencial. É sobre as estratégias de progressão referencial que se tratará a seguir.

2.1 Estratégias de progressão referencial

O modo de progressão referencial está calcado num emaranhado de estratégias que perpassa todo o âmbito do texto. Essa variedade de estratégias é possível porque:

“os fenômenos discursivos não são necessariamente fenômenos do mundo e, no interior do discurso, a progressão referencial se realiza de maneira extremamente variada e dinâmica, através do recurso de uma ampla gama de processos de referenciação” (Marcuschi e Koch, 1998:189).

Entre essas variedades de estratégias estão as relações anafóricas que ocorrem durante o processo de construção do texto. Essas relações podem ser de duas naturezas diferentes: as relações anafóricas com antecedentes (anáfora direta) e as relações anafóricas sem antecedentes, (anáfora indireta).

Para Milner (2003: 94) “há relação de anáfora entre duas unidades A e B quando a interpretação de B depende crucialmente da existência de A, a ponto de se poder dizer que a unidade B só é interpretável na medida em que ela retoma – inteira ou parcialmente – A”. Nesse sentido a relação anafórica proposta por Milner se dá numa relação binária entre as unidades. Sendo assim, entendemos que a relação anafórica pode acontecer entre um nome (unidade A) e outro nome (unidade B). Nesse caso a unidade A é a mesma que a unidade B, portanto B é uma repetição de A. Essa repetição pode ser do mesmo item lexical (co-significação) ou pode ser um item lexical diferente desde que os

traços que identifiquem B dependam exclusivamente da ocorrência de A.

Embora seja essa a concepção mais conhecida das relações anafóricas, ou seja, a retomada correferencial, ainda não se tem uma definição bem precisa do termo, pois a anáfora ainda é um “título genérico para um grande emaranhado de problemas”. (Ilari: 2001:01).

Para Marcuschi, (2001:219), a anáfora serve “para designar expressões que, no texto, se reportam a outras expressões, enunciados, conteúdos ou contextos textuais (retomando-os ou não), contribuindo para a continuidade tópica e referencial.”

A definição proposta por Marcuschi se torna relevante porque nos leva a depreender que a relação anafórica pode se dar na base da retomada do antecedente ou não. Pode designar uma unidade lingüística qualquer que num texto se reporta a outra unidade lingüística ou a outras expressões inteiras ou ainda a conteúdos que não se encontram pontualizados no texto, mas que podem ser inferidos pelo contexto. É interessante notar também que com essa definição de anáfora, outros elementos lingüísticos podem estabelecer relações anafóricas no texto, ampliando essas relações para além das relações nome-nome e nome-pronome. Marcuschi e Koch (2002:45) ampliam essas relações dizendo que:

- a) nem toda anáfora é pronominal;
- b) nem toda anáfora é correferencial;
- c) nem toda anáfora é uma retomada;
- d) nem toda anáfora tem um antecedente explícito no contexto;
- e) existem anáforas nominais (definidas ou não);
- f) nem toda anáfora nominal é correferencial;
- g) nem toda anáfora é co-significativa.

Na amplitude do fenômeno anafórico, o item **a** já “descaracteriza” o fenômeno da anáfora como sendo uma exclusividade das relações nome-pronome. No conceito amplo de anáfora, outros elementos lexicais na língua também podem estabelecer relações anafóricas, entre eles o numeral e o advérbio, etc. e não somente o nome e o pronome.

O item **b** nos mostra que a correferencialidade não é a base para o estabelecimento da anáfora, pois sua ocorrência pode ou não se fazer presente no âmbito do texto.

O item **c** nos mostra que anáfora e retomada devem ser entendidas como

fenômenos distintos e intercambiáveis. A anáfora não só pode apontar para um referente por meio da repetição correferencial, mas também por meio da remissão ou até mesmo sem a presença de um antecedente. A retomada, por outro lado, implica continuidade de núcleo referencial (reativação de um referente já introduzido) mesmo que esse núcleo sofra qualquer tipo de modificação implicando uma retomada parcial.

O item **d** nos possibilita inferir que há a possibilidade de o elemento anafórico não estar pontualizado no texto, no entanto, sua interpretação pode estar ancorada em informações difusas, ou seja, em pistas ao longo do texto que nos possibilitam a construção dos referentes para a anáfora.

O item **e** nos mostra que o elemento anafórico pode ser tanto um sintagma nominal que contém um artigo definido ou indefinido, pronome demonstrativo, adjetivo ou outros determinantes.

O item **f** nos mostra que o sintagma nominal na condição de elemento anafórico pode estabelecer diversas relações com o seu antecedente, ou seja, pode retomar seu antecedente correferencialmente por meio da repetição, da sinonímia e da paráfrase; pode fragmentá-lo, ou ainda, pode estabelecer relação de associação ao inserir referente novo sem encontrar no cotexto elemento pontualizado, mas pistas referencias que levem a identificação desse referente.

O item **g** nos mostra que correferência não tem como conseqüência somente a co-significação. Isso significa dizer que entre os sintagmas nominais pode haver relação co-significativa (repetição do nome-núcleo) ou não (caso de nome-núcleo diferente) visto que a correferência não implica co-significação. A correferência se dá como uma relação de continuidade do núcleo do referente e a “cosignificatividade se dá como uma relação léxico-semântica dos elementos lingüísticos que constituem as relações anafóricas”, de acordo com Marcuschi (1998a).

No sentido restrito de anáfora postulado por Milner (2003:97), a anáfora pronominal é co-significativa, pois para ele “a anáfora pronominal usual nada mais é do que a combinação da correferência e da retomada”. Aqui se compartilha com a posição de Marcuschi e Koch (2002) em que não há co-significação entre um sintagma nominal e um pronome, mesmo que ocorra retomada referencial.

A anáfora, então, pode ser entendida como relação de remissão existente entre elementos diversos do texto. Não devemos nos esquecer, no entanto, que a remissão pode ocorrer como retomada. Marcuschi e Koch (2002:45) chamam atenção para a importância da remissão para a progressão referencial afirmando que “essencial [...] é

que a progressão referencial não se dá necessariamente pela retomada, mas sempre por algum tipo de remissão”. Essa afirmação é importante porque nos permite entender o fenômeno anafórico não apenas como um recurso de textualidade e de progressão referencial baseado na correferencialidade ou na continuidade linear de referentes, mas também como um fenômeno que permite a implicitude, a reorientação, o abandono, a fragmentação de objetos de discurso ao longo da produção textual.

Para ilustrar o exposto, o exemplo do enunciado a seguir justifica o item **a**: Ex: 4: “*Houve tiros para todos os lados, inclusive na única lâmpada do **bar**, ao sai da Kombe percebe-se que a sacola não está mais **lá** e que os três homens do bar logo estarão a sete palmos do chão*”. Nesse exemplo, o advérbio **lá** remete à expressão **o bar**. O que ocorre, na verdade, entre os termos *lá* e *bar* é que o nome-núcleo *bar* é reativado pelo advérbio *lá*. Esse exemplo justifica o exposto em **a** porque a “retomada” não é estabelecida entre um nome e um pronome, mas entre um nome e um advérbio.

Os itens **b**, **c** e **d** podem ser representados no exemplo a seguir: Ex: 5“....*logo após **a Kombe** fomos seguindo-a e entramos em uma rua, onde havia um sobrado como se fosse um depósito. **Eles** saltaram da Kombe e entraram por uma porta, no telhado tinha uma báscula, onde ficamos observando tudo, **eles** agiam de maneira estranha...*”

Nesse exemplo, pode-se observar que não há um antecedente explícito para o anafórico *eles* no cotexto. Se não há antecedente explícito, não pode haver “retomada”. O pronome *eles* remete a um referente que se pode identificar por meio de inferências, ou seja, o pronome está ancorado na expressão *Kombi* que nos faz inferir que o pronome *eles*, nessa situação, nos orienta para a expressão *ocupantes da Kombi* que não se encontra no cotexto, porém nosso conhecimento de mundo nos faz evocar que é possível se ter passageiros/ocupantes em veículos (Kombi).

Nesse exemplo, portanto, não há correferencialidade entre *Kombi* e *eles*, item **b**; não há retomada; item **c**, mas uma ativação/introdução de um elemento novo no cotexto; *os ocupantes da Kombi*; não há antecedente explícito para o pronome anafórico *eles* ; item **d**.

O item **e** pode ser representado pelo exemplo a seguir:

Ex: 6:

*“ Em uma sexta-feira chuvosa de madrugada no alto do morro em um bar havia três homens muito estranho, em **uma sacola de papel** que estava encima da mesa, quando duas pessoas encapuzado muito suspeita começaram a conversa um assunto muito estranho, os dois se separaram e cada um para um lugar depois de dez minuto uma combe azul e branca parou enfrente ao bar e matou os três homens que ali estavam e pegaram **aquela sacola muito estranha** que eu lhe farei no começo do texto(...)*

No exemplo acima, a anáfora **aquela sacola muito estranha** reativa o referente **uma sacola de papel** . Essa anáfora traz em sua formação um pronome demonstrativo, um advérbio e um adjetivo que dá ao elemento retomado propriedades e valores que este não tinha no momento de sua introdução no discurso. Propriedade essa que com o conceito canônico de anáfora, o qual concebia como elemento anafórico apenas a forma pronominal, era impossível se ter.

Os itens **f** e **g** podem ser representados pelo exemplo a seguir:

Ex: 7:

*“(...) De repente aparece **uma combe toda velha** e pára na frente do bar **o motorista** mata todos com vários tiros e vai embora levando a bolsa.”*

No exemplo acima, a relação anafórica entre o referente **uma combe toda velha** com o sintagma nominal **o motorista** não se dá pela correferencialidade, nem pela co-significação, mas por meio de uma relação associativa em que o sintagma nominal **o motorista** na condição de elemento anafórico não reativa o referente, pelo contrário, ativa-o ao introduzir no discurso um elemento novo, porém dado como conhecido. Essa relação entre o referente e a anáfora não correferencial se estabelece, entre outros, por meio do conhecimento de mundo entre os interlocutores, pois é sabido que é possível se ter motoristas no “cenário de veículo”, conforme se verá mais adiante.

Essa amplitude das relações anafóricas só confirma que em nossa prática discursiva referir significa negociar, ou seja, que o processo de referenciação não corresponde a uma relação de mapeamento entre as expressões lingüísticas e os objetos do mundo designados por essas expressões (Mondada e Dubois: 2003). Os referentes, então, são objetos de discurso, pois são entidades que se podem/deixam manipular para

que seus sentidos sejam construídos conforme a necessidade que se tem de fazer uso dessa manipulação dentro do discurso para deixá-lo coerente e mais próximo daquilo que se quer dizer, mencionar ou referir. Como afirma Koch (2004: 79) “Os objetos de discurso são, portanto, altamente dinâmicos, ou seja, uma vez introduzidos na memória discursiva, vão sendo constantemente transformados, reconstruídos, recategorizados no curso da progressão textual”.

Assim, a progressão referencial, com base em referentes discursivos, não demanda apenas estratégias de retomada correferencial em que se tem uma relação estrita de identidade entre um elemento A com um elemento B, conforme postula Milner, mas também estratégias outras que ampliam as relações anafóricas para muito além da correferencialidade.

2.2 As relações anafóricas diretas

Marcuschi (2001:219) afirma que as anáforas diretas ou correferenciais “retomam referentes previamente introduzidos” estabelecendo “uma relação de correferência entre o elemento anafórico e seu antecedente”. Para o estabelecimento das relações anafóricas diretas entrariam em jogo alguns aspectos de ordem de “uma equivalência semântica e, sobretudo, uma identidade referencial entre a anáfora e seu antecedente” e de ordem de alguns “aspectos gramaticais tais como concordância de gênero e número especialmente (...) quando houver mais de um candidato a antecedente referencial.” (2001: 219)

A anáfora direta funciona como uma espécie de substituto do elemento que ela retoma.

No exemplo:

Ex. 8:

*“Misteriosamente apareceu **uma caminhonete** que rangia demais o **caminhãozinho** parou em frente ao bar (...)”,* tem-se um referente **uma caminhonete** que é previamente introduzido no texto e depois este referente é retomado por uma expressão que equivale semanticamente à mesma, **caminhãozinho**, numa relação de correferencialidade.

Já, no exemplo:

Ex. 9:

“*Estava preparando o jantar na minha casa, quando ouvi dois homens conversando na rua, então fui ver e eles estavam falando que dentro de 10 minutos iriam assaltar o bar (...)*” tem-se um referente *dois homens* que é previamente introduzido no texto e depois o pronome *eles* retoma este referente correferencialmente com marcas morfossintáticas de gênero e de número.

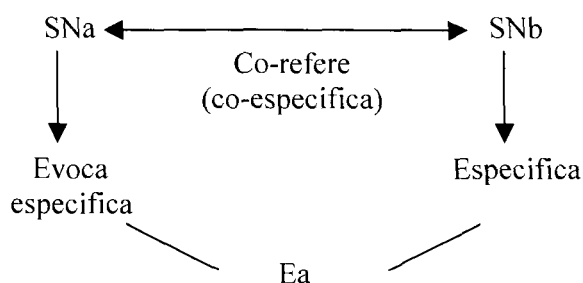
No exemplo 8, a retomada é feita por meio de uma outra expressão nominal; no exemplo 9, por meio de uma expressão pronominal. Em ambos os exemplos, a base da anáfora se dá num processo de *reativação de referentes prévios*.

Para o caso dos pronomes, em especial os de terceira pessoa, essa relação é ainda mais complexa. Numa perspectiva estrita do fenômeno, a base para a retomada de um antecedente por meio de um pronome só pode ocorrer se houver no contexto um ponto de ancoragem que dê suporte para sua interpretação, caso contrário é “impossível” de se ter alguma relação anafórica.

Embora seja corrente a concepção de que o pronome seja uma classe de palavra tipicamente anafórica, Marcuschi. (2001: 220) ressalta que inexiste uma classe de palavras funcionalmente definida como anafórica. “(...) a anáfora é um fenômeno de semântica textual de natureza inferencial e não um simples processo de *clonagem referencial*”.

O autor parece querer dizer que o fenômeno, mesmo para as anáforas diretas, está na base da inferenciação. Essa idéia também é compartilhada por Kleiber, Schnedcker e Ujma (1991:32:33), apud Marcuschi (2001:221) para quem “toda a anáfora é inferencial”, mesmo que se apresente de forma e sob condições diferentes.

Mesmo não havendo uma classe de palavra que funcione como anafórica, a noção de correferencialidade, para o caso das anáforas diretas, sugere que ao se introduzir no texto um item lexical A qualquer que ative um conjunto de propriedades que o caracterize como sendo um segmento lingüístico que designe uma entidade do mundo textual, então B que retoma A também deverá ativar o mesmo conjunto de propriedades de A para “significar/referir” a mesma entidade do mundo. Conforme Marcuschi (2001:221), a anáfora direta poderia ser representada da seguinte maneira:



No esquema adotado por Marcuschi, o SNa é qualquer sintagma nominal na função de antecedente. É importante ressaltar que, embora apareça como forma de sintagma no esquema, essa não é a única base para o referente. O SNb pode ser qualquer sintagma nominal que tenha uma mesma relação e/ou identidade de sentido com o SNa ou pode ser um pronome na função de anáfora. Na prática teríamos:



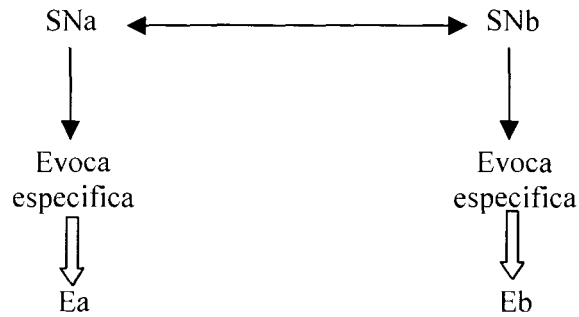
em que a base da anáfora direta está na correferencialidade explícita entre os referentes num movimento de reativação em que o Ea nos “indica que a especificação referencial é uma só”, conforme Marcuschi (2001: 221).

2.3 As relações anafóricas indiretas

A anáfora indireta se caracteriza pela não pontualização textual do elemento por ela retomado. Isso não significa que a anáfora indireta não introduza ou dê continuidade referencial dos elementos a que ela faz remissão. Para Marcuschi (2001: 220) a anáfora indireta diz respeito a:

“.... expressões definidas e expressões pronominais que se acham na dependência interpretativa em relação a determinadas expressões ou informações constantes da estrutura textual precedente ou subsequente e que tem duas funções referenciais textuais: a introdução de novos referentes (até aí não nomeados explicitamente) e a continuação da relação referencial global”.

Assim, o esquema para a anáfora indireta seria:



Se a base da anáfora direta está na correferencialidade explícita entre os referentes num movimento de reativação, ou melhor, na retomada de antecedente, a base para as anáforas indiretas está na introdução de um novo referente ativado pela expressão antecedente (sintagma) numa relação de sentido e/ou identidade estreita possível somente no âmbito textual em que esta expressão foi empregada.

O que se observa nas relações anafóricas indiretas, como nos alerta Marcuschi é que “o interesse recai na relação referencial entre Ea e Eb que não é aleatória, mas fundamentada cognitivamente e discursivamente por algum tipo de associação ou outro aspecto (...)” (2001: 222). Nesse sentido, parece ser indispensável para as relações anafóricas indiretas os processos cognitivos e inferenciais para a constituição do significado do texto.

O exemplo a seguir nos mostra como se dá a relação de sentido e/ou identidade estreita entre o antecedente e a anáfora indireta como também mostra que a relação referencial entre estes está ancorada na cognição e no discurso, como se viu acima:

Ex: 10

*“(...) De repente aparece **uma combe toda velha** e pára na frente do bar o **motorista** mata todos com vários tiros e vai embora levando a bolsa.”*

Como se pode perceber, não há relação de identidade entre as expressões **uma combe toda velha** e **o motorista**. A relação referencial entre elas ocorre, na verdade, porque nosso conhecimento de mundo nos permite fazer uma associação entre **Kombi**⁸ e **motorista** como fazendo parte de um mesmo “cenário” em que **motorista** remete/reactiva

⁸ O leitor deve ter percebido que ora a expressão “Kombi” aparece grafada de formas diferentes, combe, combi, kombe. A forma Kombi é adotada por nós para comentários em exemplos, as outras formas foram encontradas nos textos produzidos por esses alunos.

a idéia de *Kombi* num processo de associação.

Quanto à relação estreita de sentido entre os termos que se encontram numa relação anafórica indireta, conforme se afirmou acima, consiste em dizer que *motorista* faz lembrar, de modo indireto, que é sempre possível encontrarmos *motoristas* no “cenário” de veículo (*Kombi*). Nesse sentido, a expressão âncora indefinida *uma combe toda velha* serve de apoio para a expressão definida *o motorista* ser introduzida no discurso como algo dado/novo, porém conhecido pelas razões expostas acima. Cabe salientar também que como as relações anafóricas indiretas apontam para a construção do sentido do texto por um processo de continuidade referencial progressiva, é possível dizer que elas também estão relacionadas ao que se entende por coerência, uma vez que esta também está voltada para o sentido e “sobretudo como um princípio de interpretação e não como encadeamento enunciativo ou de boa formação textual”, conforme postula Marcuschi (2001: 223). Essas relações são possíveis porque não é qualquer associação que se pode fazer entre uma expressão de apoio e a expressão subsequente, assim como não é qualquer encadeamento enunciativo que dará a boa formação textual.

Para exemplificar o exposto, tomamos emprestado de Marcuschi (2001: 247) o seguinte exemplo:

Ex: 11

“Sofia já estava com fome no meio do caminho entre Recife e João Pessoa. A próxima lavanderia ficava a mais de 20 quilômetros dali”.

O autor ressalta que:

“uma âncora como [FOME] será mais fácil e adequado o processamento com [RESTAURANTE, HOTEL, LANCHONETE] ou algo parecido, mas não com [A PRÓXIMA LAVANDERIA] já que este não é um referente adequado para a continuidade do domínio evocado, embora haja continuidade textual” (2001: 247).

É certo que *lavanderia* não está associada à idéia de *fome* porque *fome* não faz parte do “cenário” de *lavanderia*, como *motorista* faz do cenário de *veículo (Kombi)*. No exemplo acima, pode haver continuidade textual desde que se lance mão de algum conhecimento de ordem pessoal, conforme afirma Marcuschi (2001: 248) e entender que “os textos são sistematicamente subespecificados do ponto de vista referencial”.

Não é qualquer coisa que se deixa especificar, mas o que se supõe ser de fácil preenchimento pelo receptor do texto. A subespecificação se dá quando não se fornecem informações necessárias para a compreensão de um texto e esta informação é buscada em conhecimentos pessoais ou elementos presentes em outros pontos do texto. Nesse sentido é possível estabelecer relações anafóricas entre *lavanderia* e *fome*.

As relações anafóricas indiretas são uma das estratégias de progressão referencial que falante/ouvinte coloca em funcionamento quando deseja que seu ato de dizer seja compreendido, ou pelo menos, inferido de forma semelhante com aquilo que se intencionava dizer. É por conta disso que no ato de dizer, referir não pode significar apenas corresponder, mas acima de tudo negociar. Essa negociação faz com que os referentes (objetos de discurso) tornem-se próprios e particulares para cada situação discursiva, pois é no discurso que os referentes são construídos, transformados, modificados, acrescidos de predicções que possibilitarão ao falante/ouvinte a construir/dar sentido ao texto durante o processo da interação discursiva. Isso só confirma os referentes como objetos de discurso, pois segundo Koch (2004:79) “referentes são, na verdade, objetos de discurso que vão sendo construídos e reconstruídos durante a interação verbal”.

Assim, lançar mão do uso de anáfora indireta requer um olhar mais dinâmico do uso público da língua, pois como afirma Marcuschi (1998):

“a questão não é um problema simplesmente semântico nem pragmático de interpretação textual ou contextual. Ela tem a ver com nossas habilidades no uso público da língua em relação a nossas experiências e com um investimento muito grande em raciocínios referenciais raramente explicitados e quase sempre presentes, que não se fundem apenas em condições lingüísticas, mas em fatores variados, envolvendo coerência, progressão tópica, conhecimentos partilhados, efeitos de sentido, atividades cognitivas e muitos outros.”

Marcuschi usa o termo anáfora indireta. Outros autores, como Kleiber, Schenedecker, Ujma, Charolles (1994) usam o termo anáfora associativa para o fenômeno em questão, ou melhor, grande parte dos casos analisados como anáforas indiretas por Marcuschi (2001) correspondem às anáforas associativas.

Kleiber et alli (1994:05, 06) justificam o termo anáfora associativa para a anáfora não correferencial com o seguinte exemplo canônico apresentado por G.Guillaume: *E como o viajante passava, então, diante da igreja, os santos personagens que estavam*

pintados nos vitrais pareciam ter pavor, o padre ajoelhado diante do altar esqueceu sua prece. Segundo eles, nesse exemplo:

“os SN definidos os vitrais, o padre, o altar, remetem, respectivamente, aos vitrais, ao padre e ao altar da igreja que acaba de ser mencionada. Isto ocorre porque, de um lado, acabamos de mencionar a igreja em questão, e de outro, porque uma igreja, - e aqui se dá a relação associativa - tem geralmente vitrais, um padre e um altar.”

Kleiber et alli ressaltam ainda que o mecanismo da anáfora associativa, mesmo sendo de fácil entendimento, é um fenômeno que não apresenta consenso conceitual definitivo entre os estudiosos, quando o enfoque gira em torno dos elementos categoriais que servem de âncora para a anáfora. A discussão existe porque não são só os casos típicos de SN definidos que, a princípio, caracterizam as anáforas associativas como *os vitrais* e *o padre* apresentados por Guillaume mas também há outras categorias lingüísticas como as formas pronominais, por exemplo, que, tradicionalmente, são conhecidas como casos típicos de anáfora correferencial, podem ser um anafórico sem antecedente explícito. O pronome *ele* tanto pode substituir (correferenciar) como pode introduzir ou modificar referentes textuais.

2.4 Relações anafóricas e os tipos de textos

As relações anafóricas, conforme postulam Marcuschi e Koch (1998:170) se dão por meio de uma “complexa relação entre linguagem, mundo e pensamento que se estabelece centralmente no discurso.” Por conta dessa relação complexa, Marcuschi e Koch (2002) apresentam um quadro de estratégias anafóricas que tenta dar suporte teórico para analisar o “comportamento” das relações anafóricas nas produções textuais tanto na fala quanto na escrita. Este quadro será adotado neste trabalho com o objetivo de compreender como se dá a progressão referencial nos textos produzidos *on-line* e quais das estratégias apontadas por esses autores são mais correntes nessas produções. O quadro será mostrado a seguir.

O processo de referenciação adotado aqui entende a língua, a relação dos objetos do/no mundo com o discurso e a referenciação como atividade discursiva tal como postula Marcuschi (1998:04); ou seja, a língua não é um sistema autônomo que se esgota

no código, pelo contrário, deve ser pensada como trabalho cognitivo e atividade social.

Quanto à relação dos objetos no/do mundo com o discurso, significa que “a referência de itens lexicais a entidades do mundo fenomênico não está pronta, mas é constituída no processo de designação na relação co(n)textual”(1998:04). Para os processos referenciais, isto significa que os itens lexicais só obtêm significação plena em sua realização textual.

No que diz respeito ao processo de referenciação como atividade discursiva, este deve ser entendido como “um processo realizado negociadamente no discurso e que resulta na construção de referentes de tal modo que a expressão *referência* passa a ter um uso completamente diverso do que se atribui na literatura semântica em geral”. (Mondada e Dubois 1995 apud Marcuschi e Koch: 1998:173)

Nesses pressupostos fica clara a idéia de que a noção de referência não implica uma simples etiquetagem entre linguagem e as coisas do mundo, mas uma designação que vai além dessa relação. Isso porque o modo de se estabelecer a referenciação no mundo é instável e imprecisa e os referentes (objetos de discurso) são gerados dentro do contexto discursivo, ou seja, os referentes ao serem introduzidos no discurso podem ganhar ou perder propriedades que, na maioria das vezes, só serão válidos numa determinada situação discursiva. Assim, a referência a uma certa expressão numa situação discursiva não poderá ser a mesma quando utilizada em uma outra situação discursiva, pois:

“o objeto de discurso caracteriza-se pelo fato de construir progressivamente uma configuração, enriquecendo-se com novos aspectos e propriedades, suprimindo aspectos anteriores ou ignorando outros possíveis, que ele pode associar com outros objetos ao integrar-se em novas configurações, bem como de articular-se em partes suscetíveis de se autonominarem por sua vez em novos objetos. O objeto se completa discursivamente”. (Koch: 2004:79 apud Mondada 1994:64)

Cabe salientar ainda que no quadro geral das relações anafóricas que Marcuschi e Koch (2002) propõem, (que será apresentado a seguir), deve-se considerar um esquema categorial de como se dão essas relações que consiste basicamente em três noções: recategorização, correferenciação e co-significação:

(a) a recategorização que se acha fundada num tipo de remissão a um aspecto co(n)textual antecedente que pode ser tanto um item lexical como uma idéia ou um contexto que opera como espaço informacional (mental) para a inferenciação. Essa remissão pode ou não se caracterizar como uma retomada (parcial, total ou similar), que se realiza por processos fundados numa relação em geral estereotípica, como mostram

Kleiber, Schnedecker e Ujma (1991:5-64). Uma característica de todas as remissões referenciais que envolvem recategorização e a não-cosignificatividade);

(b) quanto à correferenciação e à co-significação, trata-se de dois aspectos do funcionamento da remissão. Uma remissão que retoma o referente como o mesmo indivíduo ou objeto é uma correferenciação. Do contrário, não se trata de uma correferenciação. A correferenciação (remissão que retoma o referente como sendo o mesmo já introduzido (identidade de referentes) : dá-se, no geral, com retomadas por repetição, sinônimos ou designações alternativas para o mesmo referente);

(c) quanto à co-significatividade, esta se dá como uma relação léxico-semântica, mas nem toda reiteração de um mesmo item lexical implica co-significação, pois é possível que o termo esteja sendo tomado em outro sentido. Marcuschi: (2002: 47)

É importante frisar também que além dessas relações não se pode perder de vista o que se entende por referir, remeter e retomar, já conceituados aqui, como também a noção de designar (quando um referente é introduzido no discurso pela primeira vez); inferir (quando um referente pode ser interpretado/designado por meio das relações que se estabelecem entre os elementos já introduzidos através de um processo associativo) e construção referencial (quando se faz uma referência vaga ou indireta a informações variadas sem a necessidade de identificação de elementos discretos especificáveis).

MODELO GERAL PARA O PROCESSO DE REFERENCIAÇÃO

R E F E R Ê N C I A S	P R O C E S S O S	INDICIALIDADE EXPLICITUDE		REFOCALIZAÇÃO ASPECTUALIDADE AVALIAÇÃO SUBESPECIFICAÇÃO HIPERESPECIFICAÇÃO					SITUACIONAL OU CONTEXTUAL	
		REFERENCIAÇÃO ESPECIFICADA		REFERENCIAÇÃO INFERIDA					REFERENCIAÇÃO CONSTRUÍDA	
		MANUTENÇÃO REFERENCIAL							INTRODUÇÃO DE REFERENTE	
				CORREFERENCIAÇÃO COM REFOCALIZAÇÃO			ALTERAÇÃO REFERENCIAL			
E S T R A T É G I A		ANÁFORA NOMINAL (repetição lexical) 1	ANÁFORA PRONOMINAL (características de correferências) 2	ANÁFORA NOMINAL (sinônimas paráfrases) 3	NOMINALIZAÇÃO (deverbal ou não e nome-verbo) 4	DESCRIÇÃO DEFINIDA (completa incompleta com permuta) 5	HIPONÍMIA HIPERONÍMIA (relação de tipo classe/membro especificação individualização seleção) 6	RELAÇÕES INDIRETAS (conceituais associativas intrínsecas) 7	DEFINIÇÕES EXPLICAÇÕES (procedimentos metalingüísticos) 8	INDICAÇÃO PRONOMINAL (referenciação induzida) 9
R E C L A M A Ç Ã O	R E C O F E R E N T E	não-recategorização		recategorização					???	
		correferenciação			não-correferenciado					???
		co-significação	não-co-significação			???				

(Marcuschi e Koch: 2002:50)

O quadro apresentado acima nos direciona a interpretar as relações anafóricas por meio de três processos referenciais: a referenciação especificada, (estratégias 1 e 2), a referenciação inferencial (estratégias 3, 4, 5, 6, 7 e 8) e a referenciação construída, (estratégia 9).

A referenciação especificada caracteriza-se pela indicialidade e explicitude na/da retomada do referente. Nesse tipo de referenciação, o núcleo do referente não sofre alterações substanciais durante o processo de retomadas. Isso significa que a progressão referencial acontece por meio de retomadas correferenciais e por meio da co-significação.

A estratégia 1 é marcada pela repetição lexical. Nela, é fundamental que o nome-núcleo do referente seja repetido como nome-núcleo do elemento anafórico e os determinantes e/ou modificadores que, porventura, acompanham o nome-núcleo podem-se diferenciar. Os aspectos de indicialidade, de explicitude, de correferência e co-significação garantem a manutenção e especificação do referente.

Na estratégia 2, a relação anafórica ocorre sempre que há um referente explícito no texto e este é retomado por meio de uma forma pronominal, ou melhor, por meio dos pronomes de terceira pessoa. Essa retomada é marcada pela correferencialidade entre o pronome e o referente que o pronome retoma.

A referenciação inferencial, diferente da especificada, é complexa por possibilitar a ocorrência do fenômeno anafórico por meio de uma variedade de formas lingüísticas. Isso significa que a anáfora pode ocorrer com formas lingüísticas diferentes das formas canônicas, ou seja, nome-nome e/ou nome-pronome. Aqui, as relações anafóricas podem ser, entre outras, do tipo: nome-nome, nome-verbo, nome-oração, pronome-nome, pronome-oração.

A estratégia 3 é marcada pela relação de sinonímia ou paráfrase entre o referente e a anáfora. Nas relações anafóricas por sinonímia parecem predominar as relações de caráter léxico-estereotípico existentes entre o referente e a anáfora. Sendo possível que a anáfora, nessa relação, se apresente apenas como novo nome acrescido ou não de determinantes e/ou modificadores também novos.

Nas relações anafóricas por paráfrase, o que ocorre parece ser uma relação metonímica em que o referente é reativado por seu “conteúdo”, no sentido de manter o núcleo do referente na progressão referencial. Nessa relação também parece ser possível a manutenção do núcleo do referente, como novo nome ou como novo nome acrescido de determinantes e/ou modificadores também novos. O acréscimo de determinante e/ou

modificadores ao nome-núcleo da anáfora tanto na relação sinonímica quanto na paráfrase pode ser fundamental para a identificação referencial, uma vez que esses anafóricos acrescidos de determinantes e/ou modificadores podem refocalizar, aspectualizar e reavaliar o referente, no sentido de ativar novos aspectos, positivo ou negativo, que o referente não possuía ao ser introduzido no texto.

A estratégia 4 diz respeito à nominalização e, conforme, Maucushi e Koch (2002: 34),

“esta estratégia (...) erige desde simples verbos até enunciados inteiros em referentes designados por expressões nominais...” e “transforma em objetos de discurso informações que antes não possuíam este estatuto”. A ocorrência dessa estratégia, segundo esses autores “é mais comum na escrita do que na fala, e nesta tem um grande poder de síntese e aparece mais em gêneros formais (...). Contudo, a fala apresenta muitos casos de nominalizações, inclusive em situações discursivas informais”.

A estratégia 5 é marcada pela relação anafórica entre dois sintagmas nominais. Entenda-se a descrição definida como nome-núcleo, em geral acompanhado de modificadores. O uso de um SN em posição anafórica reativa um referente já conhecido, refocalizando-o a partir de novos aspectos. Essa estratégia pode enfatizar determinados aspectos e propriedades do referente que o falante considera relevante para o seu ato de dizer. Isso se confirma nas palavras de Marcuschi e Koch (2002: 40-41) ao afirmarem que:

“a escolha de determinada descrição definida pode trazer ao leitor/ouvinte informações importantes sobre as opiniões, crenças e atitudes do produtor do texto, auxiliando-o na construção do sentido. Por outro lado, o locutor pode ter o objetivo de, por meio do uso de uma descrição definida, dar a conhecer ao interlocutor, com os mais variados propósitos, propriedades ou fatos relativos ao referente que acredita desconhecidos do parceiro.”

Assim, a descrição definida é uma estratégia que não é utilizada apenas para retomar o referente mas também para aspectualizá-lo, refocalizá-lo e reavaliá-lo sempre que se quiser enfatizar determinada(s) propriedade(s) que o leitor/ouvinte achar relevante para a interação verbal.

A estratégia 6 trata das relações hiponímicas e hiperonímicas. Essa estratégia é marcada pela relação partitiva e não-correferencial entre referentes explícitos no cotexto. No caso de hiponímia, o elemento anafórico ativa um referente novo que se mostra

como parte de, produto de, atributo de um referente antecedente. No caso de hiperonímia a relação é inversa: o antecedente é parte de, atributo do referente introduzido pelo elemento anafórico.

A estratégia 7 trata das relações indiretas conceituais que têm como base para a progressão referencial o conhecimento de mundo armazenado cognitivamente constituindo-se como esquemas, cenários, scripts, frames. Esses conhecimentos, em geral, são ativados por itens lexicais. As expressões nominais, nessa estratégia, se relacionam com o referente por meio da associação. Por conta disso, pode-se afirmar, grosso modo, que essa estratégia funciona como anáfora associativa, e nessa relação associativa percebem-se os critérios de implicitação, de alteração referencial e de correferencialidade.

A estratégia 8 se diferencia das demais, pois nela o referente não é um objeto, um indivíduo ou um evento, mas alguma parte do texto.

Ilari (2001:93) também não entende o fenômeno anafórico como uma relação exclusivamente correferencial, e seu argumento só confirma a estratégia 8 como uma relação anafórica, pois segundo ele:

“se pensarmos a anáfora como correferência, e a correferência como uma relação que se estabelece entre expressões que remetem a objetos, torna-se impossível tratar de relações anafóricas em que o antecedente é um predicado, ou uma oração, ou mesmo uma porção mais determinada de um texto”.

Essa porção mais determinada do texto que “funciona” como referente é conhecida como rótulos metalingüísticos, e segundo Marcuschi e Koch (2002: 43,44) podem ser:

a) nomes ilocucionários, como ordem, promessa, conselho, advertência, asserção, crítica, proposta, alegação, cumprimento, etc...

b) nomes de atividades “languageiras”: descrição, explicação, relato, esclarecimento, comparação, resumo, história, controvérsia, debate, exemplo, ilustração, definição, etc.

c) nomes de processos mentais: análise, suposição, atitude, crença, conceito, convicção, hipótese, constatação, descoberta, etc.

d) nomes metalingüísticos em sentido próprio: frase, pergunta, questão, sentença, palavra, termo, parágrafo, etc.

A estratégia 9 consiste na introdução de um referente por meio de um pronome

sem antecedente explícito no cotexto. Segundo Marcuschi e Koch (2002:51) esse tipo de anáfora “leva a considerar as formas de referência que deixam vaga a procedência dos elos referenciais estabelecidos sob o aspecto da pontualização”. Como não há no cotexto um SN ou um elemento fonte qualquer que ative o referente de modo explícito, o referente da forma pronominal é construído por informações difusas e por inferências que são abstraídas do próprio texto. Sobre esse aspecto, Marcuschi e Koch (2002:51) afirmam que “trata-se de um caso típico de indiciação pronominal com introdução de referentes explicitáveis apenas compreensivamente, mas não explicitados discursivamente”. As anáforas pronominais sem antecedentes serão tratadas em uma seção posterior.

2.5 A progressão referencial por meio das relações anafóricas nos textos narrativos e argumentativos

Apresentaremos a seguir como as cadeias de designação de referente se manifestam nos textos narrativos e argumentativos produzidos pelos alunos a partir das orientações apresentadas no Portal Educacional.

Para sabermos qual estratégia de retomada é a preferida por esses alunos para a continuidade referencial de suas produções textuais, nossa análise levou em consideração o processo de referenciação a partir das seguintes estratégias anafóricas: anáfora nominal, anáfora pronominal, anáfora associativa e anáfora pronominal sem antecedente explícito.

A anáfora nominal consiste na retomada do referente por meio da repetição do mesmo item lexical. Estratégia 1 do quadro apresentado anteriormente.

Ex: 12

*Numa noite muito chuvosa algo suspeito rondava o Bar do Jurandir[1] na favela dos 7 Morros. O bar do seu Jurandir[2] estava muito cheio mas algo errado estava acontecendo pois numa das mesas vazias havia **uma sacola amarela**[3].*

*Em outro canto da rua João e Quintino[4] tiveram uma conversa rápida: **a sacola**[5] seria roubada!”*

*1 **uma sacola amarela**[3] [introdutor de referente]*

*2 **a sacola** [5] [retoma [3] por repetição lexical]*

A anáfora pronominal consiste na retomada do referente por meio de uma forma pronominal (pronomes de terceira pessoa). Estratégia 2 do quadro apresentado anteriormente.

Ex: 13

*“Estava preparando o jantar na minha casa, quando ouvi **dois homens** [1] conversando na rua, então fui ver e **eles** [2] estavam falando que dentro de 10 minutos iriam assaltar o bar (...)”*

*1 **dois homens**[1] [introdutor de referente]*

*2 **eles** [2] [retoma [1] por pronominalização]*

A anáfora associativa consiste não em retomadas como nas anáforas nominais e pronominais acima, mas na introdução de novos referentes a partir de informações apresentadas previamente no texto e de inferências construídas, seja a partir de relações lexicais, seja a partir do conhecimento de mundo. Estratégia 7 do quadro apresentado acima.

Ex: 14

*(...) De repente aparece **uma combe toda velha [1]** e pára na frente do bar **o motorista[2]** mata todos com vários tiros e vai embora levando a bolsa.*

*1 **uma combe toda velha [1]** [introdutor do referente]*

*2 **o motorista [2]** [remete [1] por associação]*

A anáfora pronominal sem antecedente caracteriza-se pela ausência no texto de um antecedente pontualizado para o pronome. Estratégia 9 do quadro apresentado acima.

Ex: 15

*A sociedade poderia se voltar contra **esse governo,[1]** e fazer com que **eles, [2]** além de aumentar a aposentadoria dos idosos, lhes dessem uma vida digna de ser vivida.*

*1 **esse governo[1]** [introdutor de referente]*

*2 **eles [2]** [remete [1] por inferência, ou seja, as pessoas que são/estão no **do governo]***

Quanto aos referentes analisados, levou-se em consideração também os seguintes aspectos: a natureza semântica dos referentes, ou seja, a distinção entre referentes animados e inanimados e o grau de especificidade desses referentes. Este último aspecto dos referentes, no entanto, ocorreu, em grande maioria, com os referentes do texto argumentativo e será importante para nossa análise porque esses referentes nem sempre nos direcionavam para uma referência de termos singulares, identificados e individualizados. Assim, o grau de especificidade nos dará um posicionamento textual mais exato do(s) referente(s) referido(s), no sentido de nós indicar que o referente a que se fez menção no texto é um referente específico/determinado e não outro qualquer.

Para dar fundamento a essas considerações, nos apoiaremos nos trabalhos de Oliveira e Silva (1991 e 1996).

Os referentes animados dizem respeito, aqui, apenas aos referentes com características totalmente humanas (pessoas, homens, idosos), os inanimados (sacola, Kombe) e conjunto inanimado com elementos humanos (bar, sociedade, família, governo)

Quanto ao grau de especificidade, embora Oliveira e Silva (1996: 178) em seu estudo sobre o uso de possessivos de terceira pessoa tenha classificado os referentes aos quais os possessivos remetem em seis graus de especificidade, a saber:

- 1 Totalmente geral: todos, cada, alguém;
- 2 Indefinido, não referencial: um cara, mulher;
- 3 Definido, não referencial: o cara, ser humano;
- 4 Grupo definido, referencial, de tamanho ilimitado: os padres, as crianças;
- 5 Grupo de tamanho limitado: meus netos, meus alunos;
- 6 Totalmente definido: nome próprio, pronome *ele*,

apenas os itens 3 e 4 nos interessarão, por apresentarem uma ocorrência maior nos textos argumentativos analisados.

Para se entender as cadeias de designação dos referentes, é importante relembrarmos como esses textos foram produzidos, e que referentes foram tomados como ponto de partida para a análise das relações anafóricas. Primeiramente, apresentaremos o texto narrativo e em seguida, o argumentativo.

CAPÍTULO 3

AS RELAÇÕES ANAFÓRICAS NOS TEXTOS NARRATIVOS E ARGUMENTATIVOS

3.1 As relações anafóricas no texto narrativo

Como a história que deveria ser criada estava “fechada” num quadro dado, apresentado a partir da animação, alguns referentes que apareceriam no texto seriam os mesmos para todos os textos produzidos. Por conta disso, tomou-se como ponto de partida para os referentes, os elementos que provavelmente seriam uma constante no conjunto dos textos e que apresentavam uma grande probabilidade de serem retomados ao longo dos textos: uma sacola, um bar, uma Kombi e as pessoas (três) que estavam no bar e as duas pessoas que saem de um dos becos, param no meio da rua, conversam e voltam para o lugar de origem.

Nosso interesse, então, está em identificar como esses referentes eram introduzidos e preservados no texto. Outros, que porventura poderiam surgir, também foram analisados, no entanto, a ênfase maior foi dada para os referentes acima citados. Essa ênfase se justifica por serem estes referentes o tópico das ações relatadas ao longo do texto. Ora a ênfase estava voltada para um referente (tópico), ora para outro.

Para cada referente introduzido, a observação consistia em verificar qual o uso de introdução referencial é/era a mais freqüente, ou seja, se há/havia preferência para a introdução por meio de uma expressão nominal definida ou indefinida. Verificou-se também qual a estratégia anafórica era a preferida nesse tipo textual para preservar o referente e dar continuidade referencial, ou melhor, se a mesma ocorria por meio da anáfora nominal, por meio da anáfora pronominal, por meio da anáfora associativa ou por meio da anáfora pronominal sem antecedente explícito, conforme já se expôs no capítulo anterior.

Quanto ao modo de introdução dos referentes, o modo referencial definido consiste na introdução do referente com uso dos artigos definidos **o** e **a**. O modo referencial indefinido consiste na introdução do referente por meio dos artigos indefinidos **um** e **uma**.

A introdução referencial por pronominalização, neste trabalho, consiste na introdução do referente por meio de pronomes do tipo indefinido como **algun(ns)**, **esse(s)**, etc e do tipo demonstrativo como **aquele(s)**, **aquela(s)**, etc. acompanhados de um núcleo nominal.

A introdução referencial sem determinante consiste na introdução do referente sem modificador ou determinante.

3.2 O modo de introdução referencial e as estratégias de retomadas referenciais no texto narrativo

Os referentes responsáveis pela progressão referencial nos textos narrativos eram introduzidos de formas variadas: ora pelo modo definido, ora pelo modo indefinido.

Os textos a seguir exemplificam o exposto:

Ex: 16

O Misterioso crime da Meia-Noite

Era Meia-Noite e o medo e o caos prevalecia nos becos escuros de uma pequena cidade do interior.

*Durante o temporal 3 **homens muitos suspeitos**[1] conversam em **um bar**,[2] provavelmente a respeito de **uma sacola misteriosa**[3] que ali estava.*

*Enquanto prevalecia os sons dos raios, dos trovões e das 12 badaladas do sino da única igreja da cidade. **Dois homens encapuzados** [4]aparecem do nada e a impressão retirada desse encontro é que **eles**[5] combinam algo que está para acontecer.*

*Logo depois **uma Kombe azul e branca modelo 76 e sem placa**,[6] vinda da mesma direção em que **um dos homens encapuzados**[7] se foi, para na frente do bar.[8] A suspeita é que **os homens da Kombe** [9]e **os homens do bar** [10]eram de facções rivais e **os homens da Kombe** [11]queriam a sacola que continha 1 milhão de dólares roubados do banco da cidade.*

*E foi aí que o bicho pegou, Houve tiros para todos os lados, inclusive na única lâmpada do bar, [11]ao sair da Kombe,[12] percebe-se que a sacola[13] não está mais lá e que **os três homens do bar** [14]logo estarão a sete palmas do chão.*

Essa indefinição para introduzir o referente foi uma constante nesses textos como se pode ver:

1 3 homens muitos suspeitos[1] [introdutor de referente por meio da definição]

2 os homens do bar [10][retomada de [1] pela estratégia {1}]

3 os três homens do bar [14] [retomada de [1] por estratégia {1}]

4 um bar,[2] [introdutor de referente por meio da indefinição]

5 do bar.[8] [retomada de [2] pela estratégia {1}]

6 do bar, [11] [retomada de [2] pela estratégia {1}]

7 uma sacola misteriosa[3] [introdutor de referente por meio da indefinição]

8 a sacola[13] [retomada de [3] pela estratégia {1}]

9 Dois homens encapuzados [4] [introdutor de referente por meio da definição]

10 eles[5]] [retomada de [4] pela estratégia {2}]

11 um dos homens encapuzados[7] [retomada de [4] pela estratégia {1}]

12 uma Kombe azul e branca modelo 76 e sem placa,[6] [introdutor de referente por meio da indefinição]

13 os homens da Kombe [9] [retomada de [6] pela estratégia {1}]

14 os homens da Kombe [11] [retomada de [6] pela estratégia {1}]

Conforme se observou no texto acima, os referentes responsáveis pela progressão referencial são introduzidos de forma variada, ou seja, tanto pelo modo definido quanto pelo modo indefinido.

No tocante às retomadas referenciais, embora estas ocorreram basicamente por meio da repetição lexical (tanto com expressões definidas quanto indefinidas) e por meio das expressões pronominais, retomadas correferenciais, portanto, houve também a ocorrência por meio de anáforas associativas. Não se percebeu preferência pela continuidade referencial por meio das relações anafóricas pronominais sem antecedentes explícitos no cotexto.

É importante ressaltar também que as anáforas associativas não ocorreram com muita frequência com os referentes tomados como ponto de partida para análise. Outras relações anafóricas associativas ocorreram como as do exemplo a seguir, que não serão tratadas nesse estudo:

O Misterioso crime da Meia-Noite

*Era Meia-Noite e o medo e o caos prevalecia nos becos escuros de **uma pequena cidade do interior**.^[1]*

*Durante **o temporal**^[2] 3 homens muitos suspeitos conversam em um bar, provavelmente a respeito de uma sacola misteriosa que ali estava.*

*Enquanto prevalecia **os sons dos raios, dos trovões** ^[3] e **das 12 badaladas do sino da única igreja da cidade**.^[4] Dois homens encapuzados aparecem do nada e a impressão retirada desse encontro é que eles combinam algo que está para acontecer.(...)*

*1 **uma pequena cidade do interior**.^[1][introdutor de referente por meio da indefinição com atributo]*

*2 **as 12 badaladas do sino da única igreja da cidade** ^[4] [retoma ^[1] por associação]*

*3 **o temporal** ^[2]][introdutor de referente por meio da definição]*

*4 **os sons dos raios, dos trovões** ^[4] [retoma ^[3] por associação]*

Ainda sobre as retomadas referenciais, percebeu-se que a preferência é para a repetição lexical independente de essa retomada ser por expressões definidas ou não. Essa variação na forma de retomada nos mostra que tanto as expressões definidas quanto as indefinidas podem trazer informações importantes para o leitor/ouvinte e auxiliá-lo no entendimento e compreensão do texto, embora Marcuschi e Koch (2002:40) afirmem que essa “tarefa” diz respeito às expressões definidas, pois, segundo eles:

“as descrições definidas podem trazer ao leitor /ouvinte informações importantes sobre as opiniões, crenças e atitudes do produtor do texto, auxiliando-o na construção do sentido” e “(...) dar a conhecer ao interlocutor, com os mais variados propósitos, propriedades ou fatos relativos ao referente que acredita desconhecido do parceiro.”

Nos textos narrativos, usar a estratégia da repetição lexical é facilmente perceptível, uma vez que quando se narra, tem-se por objetivo explicar/dizer de forma clara e precisa um fato e para isso usar a estratégia da repetição ou algum tipo de construção lingüística, como o uso de uma descrição definida, por exemplo, permite a clareza e a identificação do referente:

“visto que o uso de uma descrição definida implica sempre uma escolha entre as propriedades ou qualidades capazes de caracterizar o referente, tal escolha será feita, em cada contexto, em função dos propósitos a serem atingidos pelo produtor do texto”
Marcuschi e Koch (2002: 40)

A preferência de uso ou não dessa estratégia, acreditamos, não está restrita apenas ao tipo de texto que se está produzindo, mas também ao tipo de referente que se está designando. Nesse sentido, nossos dados confirmam o que foi observado em Costa (2000), embora essa autora tenha dado ênfase para as formas típicas da oralidade, ao afirmar que ao usar a repetição lexical ou a pronominalização como estratégia de retomada referencial, o falante leva em consideração a categoria semântica animada ou inanimada dos referentes.

No exemplo a seguir, o referente inanimado é introduzido por meio da definição e sua retomada, ao longo do texto, é toda feita por meio da repetição lexical definida e no final do processo referencial há uma retomada por meio da repetição indefinida. Mesmo que na escrita, tanto a repetição quanto o uso de pronomes podem resultar em formas claras para o leitor, é inegável que a repetição lexical direciona o leitor para uma clareza maior do objeto do discurso. Neste exemplo, a descrição definida não apresenta propriedade ou qualidade nova do referente. Essa tarefa cabe à descrição indefinida, conforme se verá.

Ex: 18

Em uma noite, depois de um crime fabuloso, dois ladrões estavam se escondendo da policia, viram um bar e resolveram esconder o pacote[1] lá, cada um foi para um lado para enganar a policia, mas mal esperavam que alguém estaria á espreita-los. Quem estava vendo se impressionou mas ficou quieto para não chamar a atenção dos bandidos, depois de um tempo, já de madrugada os bandidos se encontraram para pegar o pacote[2] mas oque havia dentro do pacote?[3]

Era um misterio que envolvia os pensamentos do cúmplice que via toda aquela cena vamos dizer que meio tenebrosa.

Voltando a historia um dos bandidos foi pegar uma combe para pegar o pacote,[4] mas oque havia dentro do pacote?[5] E pior havia três pessoas dentro do bar, que estavam tomando conta do pacote [6] para quando o dono chegar o pacote [7]estar lá, quando a combe chegou viu as pessoas e achou que elas estavam com o pacote, [8]o bandido rapidamente pegou as pessoas jogou para dentro da combe e quebrou a lampada para tirar a suspeitá e jogou a combe no baranco quem viu o crime ficou quieto pois estava com medo más quem era aquelas pessoas que fizeram aquele crime macabro só por um simples pacote misterioso?[9]

1 o pacote[1] o pacote[2]o pacote?[3] o pacote, [4]o pacote,[5]o pacote,[6] o pacote,[7] o pacote,[8] um simples pacote misterioso [9]

No exemplo acima, com as retomadas por meio da anáfora nominal, a última retomada é feita por meio da descrição indefinida “**um simples pacote misterioso**”. Aqui, o uso da descrição indefinida parece colocar em maior evidência o objeto do discurso no sentido de direcionar o leitor para as propriedades do referente que não foram apontadas ao longo do texto. Ou seja, não se justifica a prática de um crime macabro por causa de **um simples pacote misterioso**. Talvez com o uso da descrição definida, essa clareza não seria tão evidente. Por conta disso, nossos dados confirmam o que postulam Marcuschi e Koch (2002: 40) quando afirmam das escolhas que o falante/ouvinte fazem entre as propriedades ou qualidades capazes de caracterizarem o referente, mas não somente no que diz respeito às descrições definidas, mas também às indefinidas, conforme já se disse anteriormente.

3.2.2 As relações anafóricas associativas com referentes inanimados

As relações anafóricas por meio da associação se estabelecem a partir de duas naturezas diferentes: léxico-estereotípica e discursivo-cognitiva. As associações do tipo léxico-estereotípica se estabelecem a partir de relações do tipo todo/parte – carro/roda, casa/quarto - e as do tipo discursivo-cognitiva das relações estabelecidas pelo conhecimento de mundo em que os elementos tomados por associação são apresentados como parte de um mesmo cenário - família/mãe, pai, carro/motorista, restaurante/garçom.

Em nosso estudo, as relações anafóricas por meio da associação com referentes inanimados, como se disse, foram raras. Houve casos canônicos de relações anafóricas associativas (léxico-estereotípicas e discursivo-cognitivo) e houve casos em que o referente, às vezes, servia de âncora para dar suporte a outro referente mas não por um

processo de anáfora associativa, mas por meio de outras relações. Os exemplos a seguir ilustram o exposto:

Ex: 19

*“Era uma noite chuvosa na favela do pitbul eu estava em **casa** brincando com meus irmãos quando olhei pela **janela** e vi dois homens conversando na frente do Bar do Zé.(...)”*

1 casa => a janela

No exemplo acima, a relação entre o referente introdutor **casa** e a anáfora associativa **a janela** é do tipo léxico- estereotípico, pois **janela** faz parte do todo **casa**.

Ex: 20

*(...) De repente aparece **uma combe toda velha** [1] e pára na frente do bar o **motorista** [2] mata todos com vários tiros e vai embora levando a bolsa.*

1 uma combe toda velha => o motorista

No exemplo acima, não há nenhuma relação entre o referente introdutor **uma combe toda velha** e a anáfora **o motorista**, porém há uma continuidade referencial entre os termos associados. Essa relação é possível porque em nosso conhecimento de mundo é possível se ter motoristas no cenário de automóvel (Kombi), conforme já se disse no capítulo 2.

Ex:21

*Na madrugada de sábado aqui na favela, estava em minha casa dormindo, como tenho sono leve ouvi barulhos, me levantei, acendi a luz e fui até a janela, de repente subiu **uma combe** no morro, **parou** no bar do seu Toninho e começou **os tiroteios**.*

Como se pode observar, a progressão referencial aqui não ocorre por meio de uma retomada, nem por meio de associações relacionadas entre os termos **uma combe** e **os tiroteios**, como ocorre entre os termos **uma combe toda velha** e **o motorista**, no exemplo 20. A progressão referencial ocorre no implícito das ações desencadeadas pelo

verbo **parar** e pelas ações desencadeadas pelo sintagma nominal **os tiroteios**. Por meio desse verbo e por meio do sintagma nominal é possível se perceber que as ações que ali ocorreram só poderiam acontecer por meio de ações humanas, ou seja, pelos ocupantes do veículo.

É interessante ressaltar esse tipo de inferência com o referente Kombi porque o que se esperava era que os referentes responsáveis pelas ações realizadas por meio de entidades humanas estivessem pontualizados numa relação de anáforas associativas convencional, no sentido de se ter um elemento que desse suporte para o aparecimento da anáfora associativa numa relação todo/parte ou discursivo-cognitivo. No entanto, isso não acontece, mas é perfeitamente inferida essa associação por meio da natureza léxico-semântica do verbo **parar** como também das relações cognitivo-discursiva que nos permite inferir que as ações desencadeadas pela movimentação do referente inanimado Kombi só poderiam se concretizar por meio de ações de referentes animados.

Mesmo não sendo uma das estratégias anafóricas preferidas pelos alunos em suas produções textuais aqui, pela natureza dos referentes escolhidos, não se pode negar que as anáforas associativas desempenham um papel importante para a progressão referencial e, por consequência, para a construção do sentido do texto.

No texto narrativo, os casos de anáforas associativas encontrados com maior ocorrência foram as relações estabelecidas por meio do léxico, ou seja, as relações todo/parte – bar/cadeira, bar/mesa, casa/quarto, casa/janela.

3.3 As relações anafóricas e os referentes animados

Quanto aos referentes animados, esses não sofreram muitas transformações nos textos. A introdução, a preservação e a identificação desses referentes também foram iguais à introdução, à preservação e à identificação dos referentes inanimados. Ou seja, ora eles eram introduzidos por meio do modo definido, ora por meio do modo indefinido.

A introdução pelo modo definido teve uma maior ocorrência por se tratar de entidades apresentadas previamente no direcionamento dado para a produção dos textos. Ou seja, havia na animação dois seres que ora eram referidos como homens ora como pessoas. Mesmo variando na forma de apresentação desses referentes nos textos, a

definição era a mesma, ou seja, na maioria das vezes a introdução dessa entidade se dava com o determinante numeral dois/duas.

No que concerne às retomadas, também se percebeu a preferência pela repetição lexical. Isso não significa que não tenha havido retomadas por meio da anáfora pronominal.

Ex: 22

O Misterioso crime da Meia-Noite

Era Meia-Noite e o medo e o caos prevalecia nos becos escuros de uma pequena cidade do interior.

*Durante o temporal 3 **homens muitos suspeitos** [1] conversam em um bar, provavelmente a respeito de uma sacola misteriosa que ali estava.*

*Enquanto prevalecia os sons dos raios, dos trovões e das 12 badaladas do sino da única igreja da cidade. **Dois homens encapuzados** [2] aparecem do nada e a impressão retirada desse encontro é que **eles** [3] combinam algo que está para acontecer.*

*Logo depois **uma Kombe azul e branca modelo 76 e sem placa**, [4] vinda da mesma direção em que **um dos homens encapuzados** [5] se foi, para na frente do bar. A suspeita é que **os homens da Kombe** [6] e **os homens do bar** [7] eram de facções rivais e **os homens da Kombe** [8] queriam a sacola que continha 1 milhão de dólares roubados do banco da cidade.*

*E foi aí que o bicho pegou, Houve tiros para todos os lados, inclusive na única lâmpada do bar, ao sair da Kombe, percebe-se que a sacola não está mais lá e que **os três homens do bar** [9] logo estarão a sete palmos do chão.*

*1 **3 homens muito suspeitos** [1] [introdutor de referente por meio da definição]*

*2 **os homens do bar**[7] [retoma [1] por meio da repetição do núcleo do referente]*

*3 **os três homens do bar**[9] [retoma [1] por meio da repetição do núcleo do referente]*

*4 **Dois homens encapuzados**[2] [introdutor de referente por meio da definição]*

*5 **eles**[3] [retoma [2] por meio da anáfora pronominal]*

6 *um dos homens encapuzados*[5] [retoma [2] por meio da repetição lexical]

7 *uma Kombe azul e branca*....[4] [introdutor de referente por meio da indefinição]

8 *os homens da Kombe*[6] [retoma [4] por meio da repetição do núcleo do referente ao mesmo tempo que introduz um novo referente]

9 *os homens da Kombe* [8] [retoma [6] por repetição lexical]

Outra questão que nos chamou atenção é que, por se tratar de um texto narrativo, esperava-se que as entidades humanas fossem nomeadas com o uso de nomes próprios, por se tratar de personagens, no entanto, raras foram as ocorrências em que estes referentes apareceram designados dessa forma. Quando se particularizava os seres animados por meio dos nomes próprios, estes eram mantidos nos textos. Dificilmente se fazia retomada por meio da anáfora pronominal.

Ex: 23

Em uma agitada noite chuvosa na favela Silvia, rua Augusta, todos estavam aflitos dentro de suas casas, com medo de que a chuva pudesse os atingir. Fábio [1], dentro de sua casa, com sua mulher Marieta,[2] seus cinco filhos e sua cunhada Márcia [3] disse:"Tenho que acudir Cadu,[4] ele [5]está passando por dificuldades." Marieta [6]achou aquilo um absurdo. Mas Márcia[7] concordou com Fábio, [8]pois ele[9] tinha razão.Nicolas,[10] ficou observando da janela seu pai, [11] que foi para uma direção totalmente contrária da casa de Cadu.[12] Ele[13] conversava com um rapaz em frente ao bar do Chico, [14] onde pareciam negociar algo.Nicolas [15] por ter apenas 6 anos, e ser um menino muito esperto chamou a tia,[16] pois não queria causar confusões chamando a mãe[17]. A tia [18] viu, não disse nada e saiu. Nicolas [19] chamou sua irmã, Feranda,[20] explicou toda situação, e começaram a racionar juntos, chegaram a conclusão de que seu pai[21] e sua tia[22] aprontavam alguma.Dentro do bar, tia Márcia [23] e papai Fábio, [24] discutiam, olhando para uma sacola que estava sobre a mesa do bar.Fernanda [25]disse: " Eu vou lá, tenho que descobrir o que está acontecendo". Ao passar pela sala, ouve pela TV, o repórter Carlos [26] dizendo que, "Na favela Sílvia, o porteiro da escola Ribeiro, Fábio,[27] fazia todos de refém no Bar do Chico,[28] onde sua própria cunhada Márcia [29] o[30] ajudava." Fernanda [31] não saiu e ficou observando de longe. Viu um carro chegando, que parou em frente ao bar, observou que quem estava dentro do carro era Cadu,[32]

segundos depois ouviu 5 tiros. Sua mãe **Marieta** [33] acordou com o barulho dos tiros. Em seguida, **Márcia** [34] chega, com uma sacola na mão, **Nicolas** [35] viu que era a mesma sacola que estava no bar. Com muita coragem **Marieta** [36] e **Márcia** [37] que já estava explicada do fato ocorrido, abriram a sacola, e o que estava lá era uma cesta básica, que roubavam do bar do **Chico**. [38] Foi quando **Fernanda** [39] ouviu mais um plantão na tv que dizia sobre o fato e passava a notícia que **Fábio** [40] morreu e **Chico** [41] também, assim por decisão da polícia a herança (bar) que ficaria para **Cadu** [42] ficou para **Marieta**. [43]

1 **Fábio** [1] [introdutor de referente]

2 **Marieta**, [2] [introdutor de referente]

3 **Márcia** [3] [introdutor de referente]

4 **Cadu**, [4] [introdutor de referente]

5 **ele** [5] [retomada de [4] por pronominalização]

6 **Marieta** [6] [retomada de [2] por repetição lexical]

7 **Márcia** [7] [retomada de [3] por repetição lexical]

8 **Fábio**, [8] [retomada de [1] por repetição lexical]

9 **ele** [9] [retomada de [1] por pronominalização]

10 **Nicolas**, [10] [introdutor de referente]

11 **seu pai** [11] [retomada de [1] por pronominalização]

12 **Cadu**. [11] [retomada de [4] por repetição lexical]

13 **Ele** [12] [retomada de [1] por pronominalização]

14 **ao bar do Chico**, [13] [introdutor de referente]

15 **Nicolas** [14] [introdutor de referente]

16 **a tia** [16] [retomada nominal de [3]]

17 **a mãe** [17] [retomada de nominal [2]]

18 **A tia** [18] [retomada nominal de [3]]

19 **Fernanda**, [19] [introdutor de referente]

- 20 seu pai [20] [retomada de [1] por repetição lexical]*
- 21 sua tia [21] [retomada de [7] por repetição lexical]*
- 22 tia Márcia [22] [retomada de [3] por repetição lexical]*
- 23 papai Fábio, [23] [retomada de [1] por repetição lexical]*
- 24 Fernanda [24] [retomada de [19] por repetição lexical]*
- 25 o repórter Carlos [23] [introdutor de referente]*
- 26 Fábio, [24] [retomada de [1] por repetição lexical]*
- 27 no Bar do Chico, [25] [retomada de [14] por repetição lexical]*
- 28 Márcia [28] [retomada de [3] por repetição lexical]*
- 29 o [29] [retomada de [1] por pronominalização]*
- 30 Fernanda [30] [retomada de [17] por repetição lexical]*
- 31 Cadu [31] [retomada de [4] por repetição lexical]*
- 32 Marieta [30] [retomada de [2] por repetição lexical]*
- 33 Márcia [31] [retomada de [3] por repetição lexical]*
- 34 Nicolas [34] [retomada de [15] por repetição lexical]*
- 35 Marieta [35] [retomada de [2] por repetição lexical]*
- 36 Márcia [36] [retomada de [3] por repetição lexical]*
- 37 do bar do Chico. [37] [retomada de [14] por repetição lexical]*
- 38 Fernanda [38] [retomada de [19] por repetição lexical]*
- 39 Fábio [39] [retomada de [1] por repetição lexical]*
- 40 Chico [40] [retomada de [14] por repetição lexical]*
- 41 Cadu [41] [retomada de [4] por repetição lexical]*
- 42 Marieta. [42] [retomada de [2] por repetição lexical]*

Como se pode perceber, os referentes animados são introduzidos por meio de nomes próprios e esses são mantidos nas retomadas ao longo do texto. Embora haja a predominância para a repetição do nome próprio, percebe-se que o produtor do texto usa

com muita propriedade as retomadas pronominais, nos casos em que a proximidade e a estrutura das sentenças garantem uma interpretação não ambígua.

Quando se opta em fazer uso de vários personagens (referentes animados humanos) e nomeá-los por meio de nomes próprios e manter esses nomes próprios no texto por meio da repetição, dá ao leitor um direcionamento referencial mais específico e não ambíguo acerca desses referentes. Essa especificação não seria possível por meio da retomada anafórica pronominal sem causar transtornos para o leitor para identificar o possível (correto) antecedente para o pronome.

Em relação aos outros referentes animados, ou seja, às pessoas que estavam no bar, o que se percebeu é que estes referentes desempenhavam um papel de coadjuvantes, ou seja, eram introduzidos e depois esquecidos na narrativa. Isso não significa dizer que esses referentes ocorreram somente porque eles aparecem na animação e, depois de introduzidos no texto, o autor não sabe o que fazer com eles. Suas introduções no texto revelaram, para o texto, relevância de atores principais. Isso porque a progressão referencial não é marcada somente por meio de seqüências lineares em que os objetos do discurso são introduzidos e retomados um após outro para manter e garantir a continuidade referencial.

Por conta disso podemos dizer que há referentes que funcionam como uma espécie de coadjuvante para manter a continuidade e a estabilidade seqüencial do texto. Esses referentes funcionam como uma espécie de suporte que ajudará também na construção do sentido do texto. Seu caráter de coadjuvante se dá justamente porque esses referentes podem aparecer apenas uma vez no texto e não serem mais retomados em nenhuma outra parte do texto, ou serem retomados apenas uma vez.

Nos trechos dos exemplos a seguir, os referentes *um agente carcerário*, *dois amigos* e *o pai do meu colega*, exemplificam o exposto.

Ex: 24

*Tudo começou numa converça entre os traficantes na qual eles falavam de uma sacola que seria entregue a elas da seguinte forma: **um agente carcerário** [1]que foi pago por um traficante preso esqueceria a tal sacola no bar e depois os traficantes a pegariam. Depois de toda a conversa, seu Jurandir ligou para a polícia ela descobriu que dentro da sacola havia um plano ne fuga do traficante "Jack o matador" que estava preso.*

1 um agente carcerário[1] => introduz um referente que não se mantém no texto

Ex: 25

//O DEPOIMENTO\\

“ 1:23 da manhã, madrugada chuvosa do sábado dia 23 de maio, local: favela do escocês, Bar do João.

*Eu estava na janela como curioso que sou, esperando **dois amigos[1]** meus que acabavam de me telefonar para trocar figurinhas na rua. Não tive coragem de sair, pois na rua em que moro costuma haver tiroteios.*

***Eles [2]** faziam a troca enquanto eu olhava de casa, com medo de acontecer-lhes [3] algo.*

*No bar mais-ou-menos em frente a minha casa, alguns homens conversavam e bebiam muito. Uma estranha sacola de que só falo porque é estranha mesmo estava na mesma mesa que **o pai do meu colega [4]** que tinha saído 1:24 da manhã para trocar figurinha e mora num beco ao lado do bar, mas não parecia ser dele.[5]*

Uma Komb que nunca vi antes, parou em frente ao estabelecimento de João e uns cinco homens mau-encarados desceram dela. Ouí um barulho tipo de “metralhadoras”. Nessa hora me deu um frio na espinha!

Depois do susto, o que vi foi a Kombi sair, o bar vazio e escuro, e também mas sem, a SACOLA!”

Esse foi um depoimento que provavelmente ajudará a PM a desvendar os criminosos e o conteúdo da sacola.

1 dois amigos[1][introdutor de referente]

2 Eles[2][retomada de [1] por pronominalização]

3 lhes [3] [retomada de [1] por pronominalização]

4 o pai do meu colega [4][introdutor de referente ao mesmo tempo que retoma um dos elementos de [1]]

5 ele [5][retomada de [3] por pronominalização]

Como se pode verificar, logo após a introdução referencial, esses referentes ou são esquecidos no texto, como é o caso do exemplo do texto 22, ou são introduzidos e retomados seja pelo anáfora pronominal ou não, conforme o exemplo 23.

Os referentes coadjuvantes são entidades novas que não aparecem do nada no texto, pelo contrário, suas presenças no âmbito textual só são possíveis por causa das âncoras estabelecidas para que suas introduções sejam possíveis. O referente *um agente carcerário*, por exemplo, tem sua âncora no contexto discursivo, ou seja, há alguém que está preso e nosso conhecimento de mundo nos diz que em delegacias ou sistemas penitenciários há agentes carcerários. O referente *o pai do meu colega*, por outro lado, tem sua âncora na expressão *dois amigos meus* pontualizados no texto.

O que se observou também acerca desses referentes é que eles são introduzidos de forma semelhantes aos referentes principais, ou seja, a introdução referencial também ocorre ora pelo modo definido ora pelo modo indefinido. As retomadas também ocorrem pelo modo definido ou indefinido desde que haja no co(n)texto âncoras que sirvam de apoio para a realização dessas operações. Daí se poder dizer que toda a anáfora é inferencial.

No texto narrativo, manter o referente por meio da anáfora nominal (repetição lexical) foi a estratégia de referenciação mais utilizada na produção dos textos narrativos analisados. Essa manutenção ocorria da seguinte forma: ao serem introduzidos, os referentes eram retomados (repetidos) de modo definido ou indefinido acrescido de modificadores (atributos). Esses modificadores (atributos) eram mantidos até certo ponto no texto. Depois, o referente perdia os modificadores (atributos) adquiridos ao mesmo tempo em que ganhava outros atributos. Ou ocorria a introdução de forma inversa, ou seja, os referentes já eram introduzidos acrescidos de modificadores e retomados (repetidos) de modo definido ou indefinido sem os modificadores (atributos). Essa forma variada de manter os referentes no âmbito do texto seja de forma total, seja de forma parcial são escolhas que o sujeito faz para manter a continuidade referencial em função de um querer-dizer. (Cf: Koch 2004:61). Nesse sentido, para manter ou não os referentes principais e/ou coadjuvantes no texto, o sujeito escolhe a forma lingüística mais adequada para externar o seu querer-dizer para expressar com certa exatidão aquilo a que ele se propõe a dizer.

Adquirir ou perder propriedades parece ser um fator relevante para o processo de referenciação, pois como afirma Costa (2004:03):

“a produção textual é um processo, ao longo do qual o referente adquire e perde propriedades: expressões anafóricas usadas em pontos diferentes do texto retomam um referente que incorpora o conjunto de atributos associados a ele até aquele momento”.

No texto narrativo, parece que fazer a escolha pela manutenção do referente pela estratégia nominal seja por meio da repetição ou não dos referentes com ou sem modificadores dá ao texto uma consistência maior, uma vez que se conta/narra um acontecimento e se tenta fazer isso da forma mais exata/explicita e precisa possíveis. Com a estratégia de retomadas pronominais, mesmo que a retomada seja bem feita e o sujeito processar a referenciação sem ambigüidades de referentes, essa consistência parece não ser tão exata, pelo fato de o pronome não ter autonomia semântica.

O exemplo a seguir ilustra o que foi exposto acima.

Ex: 26

O Misterioso crime da Meia-Noite

Era Meia-Noite e o medo e o caos prevalecia nos becos escuros de uma pequena cidade do interior.

*Durante o temporal **3 homens muitos suspeitos [1]** conversam em **um bar[2]**, provavelmente a respeito **de uma sacola misteriosa[3]** que ali estava.*

*Enquanto prevalecia os sons dos raios, dos trovões e das 12 badaladas do sino da única igreja da cidade. **Dois homens encapuzados [4]** aparecem do nada e a impressão retirada desse encontro é que **eles[5]** combinam algo que está para acontecer.*

*Logo depois **uma Kombe azul e branca, modelo 76 e sem placa, [6]**, vinda da mesma direção em que **um dos homens encapuzados[7]** se foi, para na frente do **bar[8]**. A suspeita é que **os homens da Kombe[9]** e **os homens do bar[10]** eram de facções rivais e **os homens da Kombe[11]** queriam a **sacola[que continha 1 milhão de dólares [12]** roubados do banco da cidade.*

*E foi aí que o bicho pegou, Houve tiros para todos os lados, inclusive na única lâmpada do **bar [13]**, ao sair da **Kombe [14]**, percebe-se que **a sacola [15]** não está mais lá e que **os três homens do bar[16]** logo estarão a sete palmos do chão.*

***1 3 homens muitos suspeitos [1]**[introdutor do referente por definição e com modificador]*

***2 um bar [2]**[introdutor do referente por indefinição sem modificador]*

3 uma sacola misteriosa[3] [introdutor do referente por indefinição e com modificador]

4 Dois homens encapuzados [4] [introdutor do referente por definição e com modificador]

5 eles[5] [retomada de [4] por pronominalização]

6 uma Kombe azul e branca, modelo 76 e sem placa, [6] [introdutor do referente por indefinição e com modificadores]

7 um dos homens encapuzados[7] [retomada de [4] por repetição lexical com manutenção do modificador]

8 (d)o bar [8][retomada de [2] por repetição lexical]

9 os homens da Kombe [9] [retomada de [6] por associação ao mesmo tempo que retoma o núcleo do sintagma preposicionado por repetição lexical]

10 os homens do bar [10] [retomada de [1] por repetição lexical]

11 os homens da Kombe [11] [retomada de [6] por associação ao mesmo tempo que retoma o núcleo do sintagma preposicionado por repetição lexical]

12 a sacola que continha 1 milhão de dólares [12] [retomada de [3] por repetição lexical com mudança de modificador]

13 (d)o bar [13] [retomada de [2] por repetição lexical]

14 (d)a Kombe [14][retomada de [6] por repetição lexical sem modificador]

15 a sacola [15] [retomada de [3] por repetição lexical sem modificador]

16 os três homens do bar [16][retomada de [1] por repetição lexical com mudança de modificador]

No texto acima, os referentes são introduzidos, seja pelo modo definido seja pelo modo indefinido por meio de modificadores que são, para o texto narrativo, importantes para referir com certa precisão o objeto do discurso. Os referentes acrescidos de modificadores *3 homens muitos suspeitos [1]*, *uma sacola misteriosa[3]*, *Dois homens encapuzados[4]* e *uma Kombe azul e branca, modelo 76 e sem placa[6]* dão uma visão exata daquilo que o produtor quer que seu leitor saiba a respeito do objeto do discurso em questão, além de orientá-lo para a correta identificação de que/quem se está referenciando exatamente.

No texto em questão, pode-se perceber que os referentes, mesmo sendo introduzidos por modos diferentes, foram retomados por um único modo: por repetições de expressões nominais definidas. Essa forma de retomada possibilita a manutenção dos atributos iniciais dos referentes. Assim, os referentes, mesmo sem a repetição no texto das expressões que apresentam seus atributos, mantêm suas características iniciais.

1) - **3 homens muitos suspeitos** [1] *os homens do bar* [10] *os três homens do bar* [16];

2) - **uma sacola misteriosa** [3] *a sacola* [12] *a sacola* [15];

3) - **Dois homens encapuzados**[4] *um dos homens encapuzados*[7] *os homens da Kombe* [9] *os homens da Kombe* [11];

4) - **uma Kombe azul e branca, modelo 76 e sem placa,** [6], *a Kombe* [14].

Há casos também em que os referentes ganham atributos num processo de transformação, para finalmente chegar ao final do texto diferentes de suas formas iniciais, conforme o exemplo a seguir:

Ex: 27

(...) *Chegaram...a combe finalmente pára fazendo um barulho ensurdecedor de freios. As ambulâncias pararam imediatamente dos dois lados da combe, uma a cada lado, fazendo descer **muitos homens vestidos de branco**.*

***Os tais caras esquisitíssimos** correm fora da combe para uma casa pequena e acesa.*

*- Querida cheguei! Por favor resista mais um pouco! Consegui achar uma farmacinha aberta e comprei seu remédio de labirintiti, estão na sacola. Os ônibus estavam quebrados, mas esperei calmamente no bar do seu Zé, e graças ao Juca, deu tempo de chegar, e vim na combe dele. Ainda bem que lembrei de chamar **os médicos**, senão nem sei querida, já pensou se você fica tonta até amanhã.*

Esse processo transformacional acontece da seguinte forma: a) primeiro o objeto de discurso é introduzido de forma indefinida com modificadores **muitos homens vestidos de branco** e; b) depois esse objeto é retomado por uma forma nominal definida e não repetida também acrescida de modificadores que também não são repetidos: **Os tais caras esquisitíssimos** e; c) finalmente a retomada do objeto por uma forma nominal

definida sem modificador, acabada e reveladora do objeto de discurso sobre o qual o produtor se referia : *os médicos*.

Essa estratégia de indefinição dos referentes até certo momento do texto narrativo dá ao processo de referenciação um caráter de suspense, ao mesmo tempo que prende a curiosidade do leitor para se chegar/adivinhar o que ou a quem o objeto remete.

Ganhando ou perdendo atributos, esses referentes eram mantidos no texto com o uso de anáforas que mantêm uma relação de correferencialidade com os antecedentes, seja pela repetição da mesma expressão nominal, seja pelo uso de outros recursos formais.

Como já se disse, a repetição de itens lexicais foi uma constante nos textos analisados, todavia é interessante chamar atenção que em alguns casos em que ela ocorreu, não se percebia uma simples repetição lexical, pelo contrário, percebeu-se que nessas repetições escondia-se uma estratégia de referenciação que visava à continuidade progressiva textual.

Marcuschi (1998a: 22) afirma que “muitas repetições não são simples retomadas, mas reorientação referencial com construção de conjuntos diversos e novas referenciações”. Assim, podemos dizer que as repetições podem ser marcadas no texto como uma forma de retomada sem reorientação referencial e também como uma forma de reorientação para outras construções referenciais que dará ao texto a possibilidade de “gerar” discursivamente outros referentes em que a base para essa construção está num referente, que “teoricamente” já foi mencionado (repetido) no texto, mas que por meio de predicções a ele acrescidas transforma-se em referentes diversos e novos.

No exemplo a seguir, os referentes *homem* e *traficante* são repetidos várias vezes ao longo do texto, porém com sentidos diferentes. Essa repetição é relevante não só para a progressão referencial como também é responsável pela introdução de novos referentes. Ressaltamos também que, nesse exemplo, não foram destacadas as retomadas dos referentes feitas por pronomes.

Ex: 28

Numa noite de sábado eu e meu colega Lucas estávamos investigando um assassinato no morro do Alemão. Um homem degolou e esquartejou uma ex-

namorada [1]. Fomos na janela olhar a movimentação do morro, quando avistamos **dois homens estranhos** [2] conversando e olhando para o bar. **Um dos homem** [3] estava encapuzado.

Perguntei para **o homem que assassinou a mulher** [4] quem eram **os homens?** [5] ele disse que era **os dois maiores chefões do morro**. [6] Eles planejavam qual o melhor jeito de pegar a bolsa cheia de dinheiro, que estava no bar do Peixuxa

Eles não queriam ir sozinhos, pois eram apenas 2 contra 3 então um deles foi embora e dentro de dez minutos voltou com dirigindo uma Van cheia **de homens armados**. [7] A bolsa estava cheia de dinheiro do narcotráfico, **os três homens que estavam dentro do bar do Peixuxa** [8] era o **Juca Bala, Marquinhos Boi Zebu e André Capeta** [9] que eram **os três chefões do morro vizinho**, [10] que odiavam **os traficantes do morro do Alemão**, [11] assim roubaram o dinheiro deles.

Os traficantes do morro do Alemão [12] ficaram nervosos com o roubo e resolveram pegar a bolsa a força. Com a Van pararam em frente ao bar do Peixuxa onde estavam **os traficantes do outro morro** [13] e a bolsa com o dinheiro, metralharam **os traficantes do morro vizinho** [14] e pegaram a bolsa com o dinheiro. Mas **os traficantes** [15] viram eu e Lucas, assim sacaram as armas e começaram a atirar, acertando um tiro na perna esquerda dele, carreguei Lucas até uma casa abandonada e chamamos a polícia após meia hora a polícia chegou no morro, mas **os traficantes** [16] já haviam fugido e então os policiais começaram a vasculhar o morro, acharam a Van, houve troca de tiros mas a polícia prendeu **os traficantes**, [17] e tudo acabou bem.

1 **Um homem** [1] [introdutor de referente por meio da indefinição]

2 **o homem que assassinou a mulher** [4] [retoma 1 por repetição lexical acrescido de um novo atributo]

3 **dois homens estranhos** [2] [introdutor de referente por meio da definição]

4 **Um dos homem estava encapuzado** [3] [retoma 2 por repetição lexical acrescido de um novo atributo]

5 **os homens?** [5] [retoma 2 por repetição do núcleo do referente sem atributo]

6 **os dois maiores chefões do morro**. [6] [retoma 2 por paráfrase]

7 **de homens armados**. [7] [retoma 2 por repetição lexical ao mesmo tempo que introduz referente novo]

8 **os três homens que estavam dentro do bar do Peixuxa** [8] [introdutor de referente por meio da definição]

9 **o Juca Bala, Marquinhos Boi Zebu e André Capeta** [9] [retoma 8 por nome próprio]

10 os três chefões do morro vizinho, [10] [retoma 8 por paráfrase]

11 traficantes do morro vizinho [14] [retoma 8 por repetição lexical]

12 os traficantes do morro do Alemão, [11] [introdutor de referente por definição]

13 Os traficantes do morro do Alemão [12] [retoma 11 por repetição lexical]

14 os traficantes do outro morro [13] [introdutor de referente por definição]

15 os traficantes [15] [retoma 12 por repetição lexical]

16 os traficantes [16] [retoma 12 por repetição lexical]

17 os traficantes [17] [retoma 12 por repetição lexical]

As várias repetições, a princípio, nos direcionam para simples retomadas correferenciais sem continuidade referencial. No entanto, essas repetições referenciais ganham seu caráter de novo por meio das predicções que lhes são atribuídas, garantindo, assim, a progressão textual. É interessante observar que em certa altura do texto, o referente *traficante* perde sua predicção e torna-se um referente ambíguo, o que causa uma certa dificuldade para se identificar qual é o antecedente da anáfora. Mesmo com essa ambigüidade, e mesmo com certa dificuldade para identificar esse objeto de discurso, é possível se chegar a um entendimento do texto por meio do vai e vem de outros elementos pontualizados, porque como já se disse, a progressão referencial não é marcada somente por meio de seqüências lineares, pois isso não garante a continuidade referencial. Assim, as retomadas, às vezes, são feitas de modo diverso, o que direciona o leitor para uma leitura pertinente, eficaz e compreensiva.

Uma outra forma de uso da repetição como recurso de continuidade referencial encontrada nos textos narrativos foram as reformulações dos objetos de discurso para direcionar melhor o leitor para a correta identificação do referente.

Essas reformulações dos objetos de discurso já foram apontadas por Mondada e Dubois (2003:31), pois para elas, a repetição é um recurso que o falante pode usar quando percebe que seu ato de dizer não alcançará o efeito desejado em seu ouvinte. Para isso, o falante faz uma reformulação do objeto do discurso, corrigindo-o por uma outra forma mais adequada para direcionar o ouvinte para a correta identificação do referente.

Nos exemplos a seguir, o marcador coesivo *ou melhor* e a interjeição *Opa* avisam ao leitor que uma correção/reformulação vai ser feita para melhor externar aquilo que se disse antes. Com o marcador coesivo *ou melhor* no exemplo 29, há uma retomada por meio de uma repetição acrescida de um atributo. Com a interjeição *Opa*, no exemplo 30 a retomada é feita primeiramente por meio da repetição e depois a correção/reformulação é feita com uma retomada lexical numa relação de sinonímia com valor pejorativo. Podem acontecer também retomadas de valor pejorativo ou não tanto com os marcadores coesivos quanto com as interjeições.

Ex: 29

(...) Eu como morador e traficante da favela, vi ápos meia hora, dois homens conversando, um deles era o meu vizinho Zé Capeta, também traficante, ou melhor, o maior traficante do morro. Ele tem uma breve conversa com o outro homem que estava encapulçado(...)

Ex: 30

(...) Bem...passados 5 minutos após o encontro, uma combe se aproxima em alta velocidade, freando bruscamente na porta do bar. Opa! No bar? Um boteco daqueles não deve ter muito dinheiro para se assaltar, a não ser que...(...)

O que se observou das análises dos textos narrativos é que há certa preferência pela estratégia {1} do quadro das relações anafóricas apresentado por Marcuschi e Koch (2002) embora se tenha observado o uso das estratégias {2} e {3}. Essas três estratégias correspondem, respectivamente, às anáforas nominais com manutenção referencial (repetição lexical), às anáforas pronominais com manutenção referencial (características de coreferencialidade) e às anáforas nominais com coreferenciação e refocalização (sinônimos e paráfrases).

A preferência pela estratégia {1} está relacionada à natureza semântica inanimada dos referentes. Atrelado a isso, podemos dizer também que por serem referentes já “dados” e que fariam parte de um texto narrativo, a manutenção deles no texto por meio da repetição seria melhor explicitada se o produtor fizesse repetições contínuas desses referentes. Essas repetições, no entanto, não eram meras repetições,

mas repetições que ocorreram, na grande maioria dos textos, acompanhadas de modificadores, o que garantia uma melhor explicitude do objeto retomado.

A natureza semântica inanimada dos referentes foi fator determinante para a preferência das retomadas por repetição, conforme se disse, pois dos quatro referentes observados, três estão na categoria semântica de entidades inanimadas. Essa preferência pela retomada por repetição lexical com referentes inanimados já havia sido observada em pesquisas (Cf. Costa 2000) feitas sobre o papel que as entidades animadas e inanimadas desempenhavam quando se tratava das preferências por retomadas anafóricas em textos orais. Nessa pesquisa, verificou-se que as entidades inanimadas geralmente são retomadas por meio da repetição. Raras são as retomadas feitas por meio dos pronomes. Já com as entidades animadas, há certa preferência pela retomada por meio da pronominalização.

É interessante observar que nesse nível de escolaridade, os alunos da 8ª série ainda fazem uso em seus textos escritos da estratégia da oralidade. Isso se confirma em Costa (2004a: 14), pois para ela:

“É nesse nível de escolaridade que o uso das formas de relações anafóricas se mostra mais semelhantes à oralidade. A distribuição dessas formas revela, em primeiro lugar, o aproveitamento de estratégias da oralidade na produção escrita, que pode ser um indicio do pouco contato que esse grupo de alunos tem com a diversidade de textos escritos. Os alunos narram e comentam suas experiências de vida em textos com redes anafóricas densas, que se assemelham à forma de construção desses textos na oralidade”.

É certo que a categoria animado/inanimado é o fator de maior relevância entre a escolha da repetição e da anáfora. No entanto, podemos dizer também que outros fatores de ordem menor, como o tipo de texto, também tiveram/têm sua relevância nessa escolha. No texto narrativo, por exemplo, há a possibilidade de se querer detalhar o referente num determinado momento do texto para chamar a atenção do leitor para esse referente. A repetição, nesse caso, atrelada a modificadores é o recurso anafórico que melhor desempenha tal função. Nesse sentido, a repetição causa maior efeito na narração, o que não ocorre com a retomada pronominal, por exemplo. Sem contar também que no gênero suspense repetir um termo só por repetir sem predicar não suscita no leitor a curiosidade de saber o que ou quem está sendo retomado.

Podemos dizer, então, que nos textos escolares narrativos produzidos *on-line* pelos alunos da 8ª série, a repetição pelo mesmo item lexical também é a preferida quando se trata de referentes inanimados.

3.4 As relações anafóricas no texto argumentativo

Os referentes que tomamos como base para a argumentação são entidades que representam grupos sociais: família, sociedade, governo e idoso⁹. Essa caracterização dos referentes em segmentos sociais se dá aqui, nesse caso específico, por conta da proposta de produção de texto escolar usados na coleta de dados.

A justificativa para a escolha desses referentes se deu de forma semelhante à escolha dos referentes do texto narrativo. Ou seja, o texto argumentativo que deveria ser criado também estava “fechado” num quadro dado e os elementos (referentes) que apareceriam nesse texto seriam os mesmos para todos os textos produzidos. A diferença entre os referentes, porém, está na categorização semântica. No texto narrativo, como se pôde perceber na seção anterior, os referentes não representavam classes e sim entidades individualizadas, três de natureza semântica inanimada e uma de natureza semântica animada.

No texto argumentativo, no entanto, três referentes são entidades inanimadas com elementos humanos (sociedade, família e governo) e uma entidade totalmente animada (idoso), contrastando, portanto, com os referentes do texto narrativo.

3.5 O modo de introdução referencial no texto argumentativo

O modo de introdução dos referentes denominados de conjuntos inanimados com elementos humanos do texto argumentativo não foi diferente do modo de introdução dos referentes inanimados do texto narrativo. No entanto, percebeu-se que o modo definido de introdução dos referentes foi o preferido pelos alunos, conforme se verá a seguir.

A introdução dos referentes inanimados com elementos humanos: *sociedade*, *governo e família* ocorreu quase que exclusivamente por meio da definição singular. Já se esperava esse modo de introdução por se tratar de referentes que, a princípio e para esse tipo específico de proposta de texto argumentativo, conforme já se disse, já é marcado como dado/conhecido. Além disso, é sabido que a expressão nominal definida no singular é uma das formas de indicação de um referente genérico no português. Sem contar também que todo ser humano faz parte/vive em sociedade, todo ser humano vive sob comando de algum tipo de governo e todo ser humano tem família, ou seja, esses referentes fazem parte de um *frame* ativado repetidamente na elaboração dos textos a

⁹ O termo idoso foi classificado como classe porque na maioria de sua ocorrência o mesmo era tratado como classe.

partir da proposta do Portal Educacional. Embora se diga que esses referentes tiveram comportamentos referenciais semelhantes, perceberam-se algumas diferenças tanto no que diz respeito ao modo de introdução quanto ao modo de retomada. Com o referente *família*, no entanto, o modo de introdução ocorreu de forma variada, embora se perceba uma certa preferência por meio da definição singular.

O que se esperava, na realidade, era que as formas de introdução e de retomada do referente *família* fossem semelhantes às formas de introdução e de retomada dos referentes *governo* e *sociedade*. Isso porque o referente *família* também pertence à mesma categoria dos referentes *governo* e *sociedade*, ou seja, referentes que pertencem ao conjunto inanimado com elementos humanos.

Os exemplos a seguir mostram que os referentes *sociedade* e *governo*, nos textos analisados, são sempre introduzidos por meio da definição. O referente *família*, no entanto, nem sempre era introduzido de forma definida.

Ex: 31

(...) A maioria dos idosos estão sofrendo com os mal tratos da sociedade [1], já que eles não estendem a mão para ajudalos com a locomoção que na sua idade é muito difícil já que não tem a mesma agilidade de quando eram mais novos (...)

1 a sociedade [1] [introdutor do referente por meio da definição]

Ex: 32

“(...) Seres humanos, que por trabalhar, e pagar um imposto por mais ou menos 30 anos, ganham duzentos e quarenta reais do governo,[1] para passar o mês todo, comprando comida, remédios, e mais tudo que uma casa precisa, e isso normalmente não da, tendo que recorrer aos postos de saúde, encarando filas mesmo com as suas debilitações físicas e mentais.

Direito os idosos tem, mais esta sendo deixado muito a desejar pela sociedade e pelas autoridades.”

1 o governo [1] [introdutor de referente por meio da definição]

Ex: 33

*(...) As pessoas idosas às vezes são tratadas como lixo, são ignoradas pela **família**, [1] ficam geralmente em lugares onde não queriam realmente ficar, onde não têm diversão, entretenimento, nada em que possam passar o tempo ao invés de ficar esperando a morte chegar.*

1 a família [1] [introdutor de referente por meio da definição]

Ex: 34

*“...nem sempre são **famílias pobres** [1] que fazem isso, existem muitas que têm muito dinheiro, mas não dão a mínima para os mais velhos, às vezes só pensando na herança, ou algo que favoreça a eles mesmos...”*

1 famílias pobres [1] [introdutor de referente com modificador sem determinante]

Ex: 35

*(...) **Algumas famílias**, [1] exatamente por não saber como cuidar de seus idosos colocam-os em asilos, para que possam ter um cuidado especial, só que algumas vezes, esses asilos não respeitam os direitos humano. (...)”*

1 Algumas famílias, [1] [introdutor de referente por pronominalização]

O referente *idoso*, diferente dos referentes animados do texto narrativo, apresentou comportamento diferenciado no que diz respeito ao seu modo de introdução no texto. Esse referente ora era introduzido por meio da definição plural ora pela definição singular. Tanto uma forma quanto a outra nos direcionava para uma interpretação genérica, ou seja, o referente apontava para o sentido geral da expressão em questão, conforme os exemplos a seguir:

Ex: 36

“(...) Os idosos [1] também tem seus direitos como qualquer outra pessoa, direito a moradia fazendo construções de rampas, elevadores especiais, corrimão nos degraus e escadas, direito a justiça, o cidadão tem o dever de denunciar à autoridade competente qualquer forma de negligência ou desrespeito ao idoso e normas que evitam abusos e lesões a seus direitos, levando ao Poder Judiciário, o direito a saúde, dar atendimento preferencial nos postos de saúde e hospitais municipais, juntamente com as gestantes, deficientes, e vacinar o idoso anualmente contra gripe e pneumonia e o direito a alimentação, alimentar o idoso com comidas leves, bem variadas como frutas, legumes e verduras.(...)”

1 Os idosos [1] [introdutor do referente]

Ex: 37

“O idoso [1]hoje, vive em condições precárias,de moradia,de alimentação, afeto,carinho, amor,entre outras necessidades para que um ser humano possa viver bem física e psicologicamente.

Em um estágio da vida ,em que o idoso deseja descansansar ao lado de sua família, essa,muitas vezes o abandona ,e esqueçe completamente o que esse ser tão especial fez por eles,(...)”

1 O idoso [1] [introdutor do referente]

Como se pode ver, o referente *idoso* é introduzido de duas formas diferentes. No exemplo 36, de forma conhecida/definida plural e no 37 de forma conhecida/definida singular. Tanto de uma forma quanto de outra o referente parece apontar para uma mesma entidade, ou seja, uma entidade genérica, conforme já se disse acima. Nesse sentido, o papel de restringir, de determinar, de especificar os referentes como sendo único, específico e determinado não é tarefa apenas do artigo definido mas também de outras formas lingüísticas como os atributos, os modificadores, as orações adjetivas, etc. como se verá nos exemplos 38 e 39 a seguir.

Ex: 38

(...) “Muitas vezes **o idoso que não recebe carinho afeto e respeito** [1] acaba procurando ajuda espiritual. É a única forma que eles acham para não se sentirem só.” (...)

1 o idoso que não recebe carinho afeto e respeito [1] [introdutor do referente por meio da definição singular com atributo]

Ex: 39

“O governo também contribui para o desenvolvimento dessa inferioridade, haja visto na saúde pública..... Já **os idosos que possuem dinheiro**[1] podem usufruir do convênio médico e da tecnologia avançada principalmente na medicina, centros culturais e de diversão para a terceira idade, assim como viagens de relaxamento, etc.”

1 os idosos que possuem dinheiro[1] [introdutor do referente por meio da definição singular com atributo]

Assim, a restrição, a determinação, a especificação dos referentes serão definidas, interpretadas, compreendidas como única e exclusiva de determinado contexto quando se introduzir no texto o referente acrescido também de outras formas lingüísticas. No nosso caso, no entanto, ao se introduzir no texto o referente *idoso* pela definição plural acrescido de outras formas lingüísticas foi possível identificar um tipo de referente: o que representa ou o que remete a uma classe. Nesse caso, o produtor do texto faz um recorte de uma classe específica de idosos, ou seja, aqueles idosos que sofrem com o descaso do governo, da sociedade e, principalmente, da família, aqueles idosos que são mal remunerados em suas aposentadorias, aqueles que moram na rua, aqueles que moram em asilos, aqueles que sofrem preconceitos, etc, conforme se lê na proposta para o texto argumentativo.

Por outro lado, quando a introdução referencial é feita pela definição singular acrescida também de outras formas lingüísticas, esse recorte podia apontar para uma classe específica ou para um indivíduo particularizado. Assim, a introdução do referente *idoso* por meio da definição singular, nesse caso específico de produção textual, pôde nos direcionar para a identificação de dois tipos de referentes: o específico que também

pode ser representado pela forma definida plural, conforme se viu acima e um outro que pode ser identificado como um referente que remete/aponta a um indivíduo particularizado. Por conta disso e por conta desse tipo específico de produção textual, a característica de grupo definido, referencial, de tamanho ilimitado pode ser aplicada tanto quando se introduz o referente pelo modo definido plural quanto pelo modo definido singular.

3.6 As estratégias de retomadas referenciais no texto argumentativo

No que diz respeito às estratégias anafóricas, estas foram feitas de modo análogo ao que se adotou com os referentes do texto narrativo: anáfora nominal, anáfora pronominal, anáfora associativa e anáfora pronominal sem antecedente explícito no cotexto. Em relação às anáforas nominais por repetição lexical, observou-se que nessa estratégia anafórica as retomadas ocorreram por meio da definição singular e por meio da definição plural, de forma diferente do observado no texto narrativo, em que as retomadas foram feitas somente pela definição singular.

Nos exemplos a seguir, as retomadas tanto para o primeiro exemplo como para o segundo se dão por meio da anáfora nominal com repetição lexical. No exemplo 40, a introdução é feita por meio de um grupo definido, referencial, de tamanho ilimitado *os idosos*. (Oliveira e Silva, 1996, p.178). No 41, não. Nos dois exemplos parece que esses referentes remetem à idéia de grupo referencial de tamanho ilimitado, porém com diferença de sentido que se realiza discursivamente, conforme se verá.

Ex: 40

“(...) Os idosos [1] também tem seus direitos como qualquer outra pessoa, direito a moradia fazendo construções de rampas, elevadores especiais, corrimão nos degraus e escadas, direito a justiça, o cidadão tem o dever de denunciar à autoridade competente qualquer forma de negligência ou desrespeito ao idoso [2] e normas que evitam abusos e lesões a seus direitos, levando ao Poder Judiciário, o direito a saúde, dar atendimento preferencial nos postos de saúde e hospitais municipais, juntamente com as gestantes, deficientes, e vacinar o idoso [3] anualmente contra gripe e pneumonia e o direito a

alimentação, alimentar o idoso [4] com comidas leves, bem variadas como frutas, legumes e verduras.(...)

1 Os idosos [1] [introdutor do referente por meio da definição plural]

2 o idoso [2] [retoma 1 (?) por meio da repetição lexical definida singular]

3 o idoso [3] [retoma 1 (?) por meio da repetição lexical definida singular]

4 o idoso [4] [retoma 1 (?) por meio da repetição lexical definida singular]

Ex: 41

“O idoso [1]hoje, vive em condições precárias,de moradia,de alimentação, afeto,carinho, amor,entre outras necessidades para que um ser humano possa viver bem física e psicologicamente.

Em um estágio da vida , em que o idoso [2]deseja descansansar ao lado de sua família, essa,muitas vezes o abandona ,e esqueçe completamente o que esse ser tão especial fez por eles,(...)”

1 O idoso [1] [introdutor do referente por meio da definição]

2 o idoso [2][retoma 1 por meio da repetição lexical definida singular]

No que diz respeito às retomadas para os casos acima, estas eram feitas por meio da repetição lexical definida singular. É por conta dessa retomada definida singular, principalmente nas retomadas em que o referente é introduzido pelo modo definido plural, e pelo contexto discursivo que é possível se interpretar dois referentes introdutores de entidades diferentes, conforme se disse.

As anáforas pronominais sem antecedentes explícitos no cotexto com o referente *idoso* não ocorreram. O que se percebeu foi uma relação de não concordância nominal entre o referente e a forma pronominal. Isso significa dizer que a forma pronominal não

introduzia um novo referente, mas mantinha esse referente, mesmo sem haver relação de concordância entre o referente e a forma pronominal, conforme se verá nos exemplos a seguir. Talvez possamos associar essa forma de relação anafórica à forma análoga encontrada por Costa (2004a) em trabalho sobre as relações anafóricas nos textos escolares dos ensinos fundamental e médio, onde essa autora preferiu classificar essa ocorrência anafórica como um caso de anáforas pronominais com manutenção referencial e justifica essa escolha, com o exemplo a seguir, afirmando que:

“a forma pronominal escolhida apresentava uma concordância associativa feita não com a forma da expressão usada para a introdução do referente, mas com uma expressão alternativa que poderia ter sido usada para a designação do mesmo referente, ou com uma representação do mesmo:

Ex: 42 (4)... e as mulheres são as mesmas coisas quando chega vai assistir novela as crianças também da escola eles senta no sofá e vê desenho toda ora....

(Escrito 4ª série do fundamental)

Em que a forma pronominal *eles* retoma *as crianças*, sem concordância de gênero, provavelmente pela possibilidade de se usar uma forma alternativa de designação do mesmo referente como *os meninos*”. Costa, (2004a: 05).

No nosso caso, no entanto, não se tem uma expressão alternativa que poderia ter sido usada para a designação do mesmo referente. A manutenção referencial fica a cargo da forma pronominal, mesmo não havendo concordância. Essa manutenção ocorria da seguinte forma: introduzia-se o referente *idoso* no singular e a retomada pronominal era feita com o pronome no plural, exemplos, 43 e 44; ou introduzia-se o referente *idoso* no plural (*idosos*) e a retomada pronominal era feita com o pronome no singular, exemplo 45.

Ex: 43

(...)“Muitas vezes o idoso [1] que não recebe carinho afeto e respeito acaba procurando ajuda espiritual. É a unica forma que eles [2] acham para não se sentirem só.”(...)

1 o idoso [1] [introdutor do referente por meio da definição singular]

2 eles [2][retomada de [1] por associação (?) ao mesmo tempo que mantém o referente]

Ex: 44

*“...pois existe **muito idoso** [1] hoje em dia que tem condições de ter uma vida com tudo o que necessita.*

*Se **um idoso** [2] tem condições porque tem filhos que **os** [3]ajudam ou que ganham uma aposentadoria boa até tem condições que envelhecer com dignidade. Agora se **um idoso** [4]não tem nenhum filho que **os** [5]ajudam....”*

1 muito idoso [1] [introdutor do referente por meio da indefinição]

2 um idoso [2] [introdutor do referente por meio da indefinição]

3 os [3] [retoma [2] por associação (?) ao mesmo tempo que mantém o referente]

4 um idoso [4] [introdutor do referente por meio da indefinição]

5 os [5] [retoma [4] por associação (?) ao mesmo tempo que mantém o referente]

O exemplo 43 é interessante porque o introdutor referencial é uma expressão genérica que ao longo do texto se divide em duas classes particulares: a classe dos idosos que recebem ajuda dos filhos e a classe dos idosos que não recebem ajuda dos filhos. A retomada, no entanto, é feita com o pronome na forma plural com a manutenção referencial.

Ex: 45

*(...)“Além disso, **os idosos** [1] ainda podem não ter condições mínimas para viver bem, ter uma vida plena com saúde, afeto e tudo mais. Vivem em situações críticas como a miséria, o abandono e os problemas de saúde. Isso acontece devido as necessidades de materiais, tais como roupa, comida; espirituais, atenção, amor, carinho e também devido a alguns problemas físicos da pessoa; como por exemplo, **dele** [2] ser um deficiente.”(...)*

1 os idosos [1] [introdutor do referente por meio da definição plural]

2 ele [2] [retoma [1] por meio da associação (?) ao mesmo tempo que mantém o referente]

O tipo de relação anafórica encontrado no exemplo 45 foi raro no corpus analisado.

Como se pode perceber, nos três exemplos, as ocorrências pronominais não introduzem referentes novos, apenas os mantêm no texto.

As relações anafóricas (*idosos* => *ele* / *idoso* => *eles*) são interessantes porque o suposto antecedente tanto da forma pronominal singular quanto da forma plural nos direcionam a inferir que o produtor do texto está/esteja se referindo a uma classe específica de idosos conforme já se falou anteriormente quando se tratou das retomadas por repetição lexical. Para a relação anafórica plural x singular (*idosos* => *ele*), no entanto, o direcionamento parece ser tanto de classe de idosos quanto a um indivíduo específico/particularizado.

Ex: o idoso => eles = idosos que não recebem carinho, afeto e respeito. (classe)

Ex: muito idoso => um idoso => os = idosos que recebem ajuda dos filhos; ou idosos que não recebem ajuda dos filhos. (classe)

Ex: os idosos => ele = idosos/idoso que não têm/tem condições mínimas para viver bem, idosos/idoso que têm/tem problema físico. (classe e/ou indivíduo)

No geral, no que concerne às retomadas, embora com formas variadas, o que se percebeu foi a preferência por duas formas: pela retomada pronominal correferencial e pela repetição lexical. É importante ressaltar que no texto argumentativo, os referentes animados se subdividiam em referentes totalmente animados, como o referente *idoso*, e em referentes inanimados com elementos humanos, como os referentes *sociedade*, *governo* e *família*. Com os referentes totalmente animados há uma mistura na escolha das formas de retomadas, embora a repetição seja a preferida para esse tipo de referente. Essa opção de escolha/uso não ocorre com muita frequência com os referentes inanimados dos textos narrativos e parece também não ocorrer com os referentes inanimados com elementos humanos, conforme se verá.

3.7 As relações anafóricas e os referentes inanimados com elementos humanos

As relações anafóricas com os referentes inanimados com elementos humanos ocorreram por meio da anáfora nominal, anáfora pronominal e anáfora pronominal sem antecedente. O uso de anáfora pronominal sem e com antecedente, no entanto, não foi muito corrente. Aqui se nota uma ligeira diferença em relação ao referente totalmente animado.

Quanto à anáfora pronominal sem antecedente¹⁰, o que se observou foi que o uso anafórico era exclusivamente para introduzir os membros/pessoas que fazem parte da sociedade, do governo e da família.

Mais uma vez se comprova aqui a preferência pelo uso anafórico do pronome quando se trata de referentes com a característica animado, seja para retomar esses referentes que estão explícitos no texto, seja para introduzir referentes novos. Isso acontece com as entidades que pertencem ao *conjunto inanimado com elementos humanos* (Oliveira e Silva 1991, p.93-94), quando o produtor quer enfatizar os membros componentes da classe representada e lança mão desse tipo de estratégia, ele.

Ex: 47

*(...) A maioria dos idosos estão sofrendo com os mal tratos da **sociedade** [1], já que **eles** [2] não estendem a mão para ajudalos com a locomoção que na sua idade é muito difícil já que não tem a mesma agilidade de quando eram mais novos (...)*

*1 a **sociedade** [1] [introdutor do referente por meio da definição]*

*2 **eles** [2] [introdutor de novo referente por meio do referente âncora a sociedade]*

*1 a **sociedade** => **eles** = as pessoas que fazem parte da sociedade*

¹⁰ A anáfora pronominal sem antecedente será tratada no 4º capítulo.

Ex: 48

(...)“A sociedade poderia se voltar contra **esse governo**[1] e fazer com que **eles**,[2] além de aumentar a aposentadoria do idosos, lhes dessem uma vida digna de ser vivida.”(...)

1 **esse governo**[1][introdutor de referente]

2 **eles** [2] [introdutor de novo referente por meio do referente âncora esse governo]

1 **esse governo** => **eles** = as pessoas que fazem parte do governo

Ex: 49

“...nem sempre são **famílias pobres** [1]que fazem isso, existem muitas que têm muito dinheiro, mas não dão a mínima para os mais velhos, às vezes só pensando na herança, ou algo que favoreça a **eles** [2] mesmos...”

1 **famílias pobres** [1] [introdutor de referente]

2 **eles** [2] [introdutor de novo referente por meio do referente âncora famílias pobres]

1 **famílias pobres** => **eles** = as pessoas que fazem parte da família

3.7.1 As relações anafóricas associativas

As relações anafóricas por meio da associação, assim como nos textos narrativos, foram raras. Aqui, diferente dos textos narrativos, as ocorrências encontradas se estabeleciam a partir das relações discursivo-cognitiva, ou seja, do conhecimento de mundo, conforme o exemplo a seguir:

Ex: 50

*“(...) Seres humanos, que por trabalhar, e pagar um imposto por mais ou menos 30 anos, ganham duzentos e quarenta reais do **governo**,[1] para passar o mês todo, comprando comida, remédios, e mais tudo que uma casa precisa, e isso normalmente não da, tendo que recorrer aos postos de saúde, encarando filas mesmo com as suas debilitações físicas e mentais.*

*Direito os idosos tem, mais esta sendo deixado muito a desejar pela sociedade e pelas **autoridades**. [2]”*

***1 o governo** [1] [introdutor de referente por meio da definição]*

***2 as autoridades** [2] [retomada de [1] por associação]*

1 o governo => as autoridades

O que se observou das análises dos textos argumentativos é que há também a preferência pela estratégia {1}, conforme o modelo das relações anafóricas apresentado por Marcuschi e Koch (2002), embora se tenha observado o uso das estratégias {2} e {3} com oscilação entre a repetição e a retomada pronominal.

Mesmo apresentando características iguais ao do texto narrativo no que concerne às retomadas anafóricas, o texto argumentativo apresenta uma variação maior nessas retomadas. Isso porque no texto argumentativo não se tem um quadro de ações definidas como no texto narrativo. Essa variação, no entanto, não afeta a preferência pelo tipo de retomada no que diz respeito às categorias animadas ou inanimadas dos referentes.

CAPÍTULO 4

UM RÁPIDO OLHAR NAS ANÁFORAS PRONOMINAIS SEM ANTECEDENTES NOS TEXTOS NARRATIVOS E ARGUMENTATIVOS

4.1 A anáfora pronominal sem antecedente

A anáfora pronominal sem antecedentes ou anáfora esquemática, segundo Marcuschi, (1998b: 201) apresenta características que são comuns à grande maioria dos casos em que ela ocorre. Para ele, a anáfora pronominal sem antecedente:

- a) não tem antecedente explícito no cotexto;
- b) não é correferencial;
- c) não é linearmente continuativa;
- d) não apresenta congruência morfológica com algum elemento cotextual;
- e) é inferencial, mas não logicamente inferida;
- f) refere uma pluralidade indeterminada (Kleiber, 1994:170);
- g) introduz elementos novos como dados.

As características apontadas por Marcuschi podem ser representadas pelo exemplo a seguir

Ex: 51

*A sociedade poderia se voltar contra **esse governo** e fazer com que **eles**, além de aumentar a aposentadoria dos idosos, lhes dessem uma vida digna de ser vivida.*

No exemplo acima, o pronome *eles*:

- não tem um antecedente explícito no cotexto, pois não remete a expressão *esse governo*, (item a);
- não há correferencialidade entre um suposto antecedente e o pronome, pois a expressão *esse governo* não é o antecedente do pronome *eles*, (item b);
- não há uma retomada linear continuativa porque o pronome *eles* não retoma o introdutor do referente, (item c);
- não há congruência morfossintática entre o introdutor do referente e o

pronome *eles*. Um está no singular (esse governo) e o outro está no plural, (item d);

- só pode ser interpretado por meio de conhecimento de mundo como também por meio do léxico, (item e);

- refere uma pluralidade indeterminada, pois não se pode definir com exatidão a formação de uma equipe, no caso, a do governo; (item f);

- introduz elementos novos como dados, pois a expressão *esse governo*, que está no texto, nos remete as pessoas/indivíduos que compõem essa equipe/esse governo que não está no texto, (item g).

A explicação para a ocorrência desse fenômeno, como afirma Marcuschi, (1998b: 200) não está no nível do código mas no cognitivo e no pragmático.

Numa tentativa de explicar a ocorrência do fenômeno, Marcuschi (1998b:175) apresenta um modelo em que é possível se inferir como se processa a construção dos referentes para essas anáforas, embora não seja um modelo definitivo, parece ser uma das saídas para a explicação do fenômeno.

De acordo com Marcuschi, (1998b:175) para que os referentes das anáforas pronominais sem antecedentes explícitos sejam dados como conhecidos/inferidos, é necessário que se tenha no co(n)texto elementos que sirvam de apoio para a interpretação do pronome, pois são esses elementos que servirão de base para a referenciação e, conseqüentemente, para a interpretação do pronome.

O modelo para a construção referencial da anáfora pronominal sem antecedente apresentado por Marcuschi traz os seguintes elementos:

- a) uma matriz discursiva ou (espaço mental gerador) que opera como um foco acionador da inferência. É na matriz discursiva que o pronome se apóia para construir o possível referente. Segundo esse modelo, a matriz discursiva ocorre sempre antes do pronome;
- b) um referenciador que opera como um construtor das entidades referidas na matriz discursiva. O referenciador é sempre o pronome que aparece no texto sem, aparentemente, um antecede a que possa referir;
- c) uma matriz conformativa ou (espaço mental identificador) que opera também como um foco acionador da inferência, diferente da matriz discursiva apenas em relação de posição no discurso. A matriz conformativa aparece após a ocorrência do pronome;
- d) um quadro de propriedades que opera como um *frame* (enquadre) com a finalidade de dar acesso a referentes. Esse enquadre, na realidade, trata das informações que se acham

contidas no próprio texto e que são usadas para fundamentar as estratégias de construção dos referentes que podem ser dadas nos níveis semânticos, pragmáticos, cognitivos, situacionais;

e) a determinação referencial opera como o desfecho da interpretação, ou seja, é o momento em que os referentes são estabelecidos e inferidos.

Para Marcuschi(1998b), a estrutura básica e fundamental para a construção referencial para anáforas sem antecedentes se apóia na matriz discursiva, no referenciador e na matriz conformativa. Isso na prática, funciona da seguinte maneira, conforme o exemplo abaixo:

Ex: 52

*A sociedade poderia se voltar contra **esse governo** e fazer com que **eles**, além de aumentar a aposentadoria dos idosos, lhes dessem uma vida digna de ser vivida.*

Índice	Texto	Análise
<i>A- matriz discursiva</i>	<i>A sociedade poderia se voltar contra esse governo</i>	<i>Esse governo é um grupo constituído por indivíduos que pertencem a esse grupo: indivíduo 1, 2, 3, etc...</i>
<i>B- referenciador</i>	<i>eles</i>	<i>referência a indivíduos virtuais.</i>
<i>C- matriz conformativa</i>	<i>e fazer com que eles, além de aumentar a aposentadoria dos idosos, lhes dessem uma vida digna de ser vivida.</i>	<i>contexto configuracional em que se identificam os vários indivíduos que pertencem ao grupo sugerido em A</i>
<i>D-determinação referencial</i>	<i>Homens, mulheres ou a mistura dos dois que trabalham no/para o governo</i>	<i>considerando (A) e (B), o enunciador sugere que se trata de indivíduos tais como os construídos no espaço mental definido em (A e D)</i>

<i>E- quadro de propriedades</i>	<i>Alguém 1(sociedade) vai se revoltar com alguém 2(o governo) e fazer com que alguém 2(o governo) aumente a aposentadoria e melhore as condições de vida de alguém 3(os idosos)</i>	<i>informações que estão no texto e são usadas para proceder à construção com as estratégias apontadas em F</i>
<i>F estratégia de construção de referentes</i>	<i>Informações contidas em (A, C, D)</i>	<p><i>A matriz discursiva: a) trata-se de alguém ou de um grupo (a sociedade) que se revolta; b) o enunciador sugere que alguém 1(a sociedade) poderia se revoltar com alguém 2(o governo) em benefício de alguém 3.(idosos)</i></p> <p><i>C matriz conformativa: a) alguém 3 (idosos) é o beneficiado da sugestão feita por alguém 2(sociedade)</i></p> <p><i>D determinação referencial: pelas duas matrizes (A e B) acima que nos remete a indivíduos que existem e são identificáveis.</i></p>

De acordo com Marcuschi, (1998b: 212) o modelo acima “dá conta de um grande número de casos”. Assim, a grande maioria das ocorrências anafóricas pronominais sem antecedentes passaria por esse processo para se chegar à identificação do referente. No exemplo acima, o pronome *eles* (referenciador) não tem antecedente, mas pelas inferências contextuais contidas nas matrizes discursiva e conformativa e pelo o nosso

conhecimento de mundo, que neste caso, está contido no quadro de propriedade do quadro acima, somos direcionados a interpretar o referenciador *eles* como sendo as pessoas que trabalham no/para o governo.

Em nossa análise, as anáforas pronominais sem antecedentes não foram uma constante nas produções textuais desses alunos. O que se percebe é que eles seguem o protótipo de texto que é ensinado nas escolas como texto padrão, ou seja, o gênero redação escolar convencional. Isso significa dizer que nesse gênero, omitir palavras ou deixá-las subentendidas no contexto por meio de outras palavras que levam o leitor a inferir o que o produtor quer que esse leitor conclua e/ou entenda, não é o modo mais adequado para a produção textual que se tem como padrão. Embora com avanço tecnológico, não se percebeu um distanciamento entre a produção textual do gênero redação escolar convencional com a produção textual do “sub-gênero” redação *on-line*. Isso porque, mesmo com suportes avançados do sub-gênero redação *on-line* (computador, Internet) em detrimento com o suporte convencional do gênero redação escolar convencional (papel e quadro negro), esses gêneros ainda seguem as normas e regras veiculadas por essa esfera social, a escola, em que esses gêneros são veiculados. Nesse sentido, a escola alerta aos alunos que para se ter um texto adequado às normas padrão, tudo o que se pensa ou se quer dizer por meio da escrita deve estar pontualizado no texto. Daí a não tolerância para referentes não pontualizados textualmente. Isso só fortalece a idéia de que, no *corpus* estudado, o contexto escolar de produção do gênero tem um peso maior do que o suporte usado.

Marcuschi (1998a: 24) já havia chamado atenção para essa questão ao tratar das anáforas pronominais sem antecedentes, pois para ele:

“em geral, quando um aluno, em sala de aula, redige um texto servindo-se dessa estratégia de referenciação, o professor corrige avisando que se trata de um erro gramatical, já que todos os elementos a que um pronome se refere devem estar explicitados na superfície do texto lexicalmente.”

Costa (2004a: 14) em seu estudo sobre as relações anafóricas nos textos de alunos dos ensinos fundamental e médio também chama atenção para o comportamento das relações anafóricas sem antecedentes. Para ela, “o baixo índice de uso de anáforas sem antecedentes é um indicador de que os alunos já têm consciência do distanciamento em relação ao leitor”.

Tanto a afirmação de Marcuschi quanto a de Costa são relevantes para se entender o porquê do não uso dessa estratégia anafórica nos textos escritos, porém acreditamos que essa não tolerância para a não pontualização de elementos na superfície textual deve ser revista e tratada com mais cautela quando se estiver “corrigindo” textos escritos, ou melhor, as redações. Isso porque as atividades de linguagem não se restringem apenas ao código, e há certos elementos na língua que parecem ser melhores referidos por meio de uma não pontualização do que por meio da pontualização, conforme se verá a seguir. Por isso nosso “alerta” em destacar que o caráter não-padrão dessas ocorrências, que faz com que sejam objetos de correção na escola, seja tratado com mais cautela.

Em nossa análise, observamos também que, embora esses alunos façam pouco uso desse recurso em seus textos, quando o fazem, geralmente, usam como antecedente as palavras que comumente denotam valor coletivo e as retomadas pronominais são feitas com o sentido daquela palavra, numa relação de silepse, conforme postula a gramática normativa. Em nossa análise percebemos que há alguns coletivos que parecem ser melhores retomados por um pronome anafórico sem antecedente explícito do que se fossem retomados por uma anáfora pronominal correferencial. Novamente se percebe aqui a escolha do falante em querer ser o mais explícito possível no seu ato de dizer. Daí a nossa justificativa da tolerância acerca das referências não pontualizadas de que se falou acima.

Não queremos dizer com isso que não ocorreram retomadas pronominais correferências com esses coletivos. Pelo contrário, houve ocorrências, mas percebeu-se que a preferência anafórica com os nomes coletivos era para uso da anáfora pronominal sem antecedente para o coletivo¹¹.

¹¹ Englobamos no rol dos nomes coletivos a palavra *polícia* porque sua ocorrência nos textos sempre era interpretada como “grupo” (os policiais) e não como instituição.

Vamos chamar de expressões coletivas um nome, coletivo ou não, acompanhado de um determinante coletivo ou determinante plural.

4.2 Anáforas pronominais sem antecedentes nos textos narrativos

Por ser uma história de suspense/ação e pela situação contextual em que o texto narrativo deveria ser produzido, como já se falou em capítulos anteriores, os coletivos mais comuns usados por esses alunos nos textos narrativos analisados foram: **polícia, quadrilha, equipe e gangue**; as expressões coletivas mais comuns foram: **chefe da gangue e chefe + outros determinantes, o resto do bando, gangue da favela e gangue + outros determinantes, a turma de futebol**.

Os exemplos a seguir mostram o uso mais comum de anáfora pronominal sem antecedente encontrado com os nomes e expressões coletivas.

Ex: 53

*“A **polícia** [1] com isso foi dar uma batida pelo morro, quando de repente **eles** [2] avistam a combe e saem em sua busca...”*

*1 A **polícia** [1] [introdutor de referente por meio da definição]*

*2 **eles** [2] [introduz novo referente por anáfora pronominal sem antecedente baseado no referente âncora A **polícia**]*

*A **polícia** => **eles** = os **policias***

Ex: 54

*“... quando a **polícia** [1] chegou já era tarde **eles** [2] vistoriaram todo bar, encontraram vários papelotes de cocaína...”*

*1 A **polícia** [1] [introdutor de referente por meio da definição]*

*2 **eles** [2] [introduz novo referente por anáfora pronominal sem antecedente baseado no referente âncora A **polícia**]*

*A **polícia** => **eles** = os **policias***

Nesses exemplos, não há antecedente para os pronomes *eles*, no entanto, não se pode negar que estes pronomes referem os policiais. Isso se confirma, não só pelo seu antecedente *polícia* como também pela ação desempenhada pelos “policiais”, ou seja, avistam a Kombi e saem em sua busca, no exemplo 53; e vistoriam todo o bar e encontram papелotes de cocaína, no exemplo 54.

Talvez com o uso do pronome na forma feminina e singular para concordar com o termo *polícia* e se ter uma retomada pronominal correferencial não daria muita ênfase para a ação que o produtor do texto queria dar a sua narrativa, no sentido de apontar para a correta identificação do referente. Nesse sentido, o uso do pronome em sua forma plural masculina parece ser mais eficaz para a identificação do referente e para o desenvolvimento da ação.

Por conta de situações como as dos exemplos acima é que acreditamos, conforme se disse antes, que há certos elementos na língua que parecem ser melhores identificados por meio de uma “não pontualização” do que por meio da pontualização.

No exemplo a seguir, há duas ocorrências pronominais, no entanto, a segunda ocorrência pronominal parece não ter a mesma explicitude das ações desenvolvidas na primeira ocorrência pronominal, tal como se viu no exemplo acima.

Ex: 55

“....e rapidamente eu liguei para a polícia, [1]eles [2]vieram investigar e disseram que avia marcas de sangue e a polícia [3]constatou que avia um saco de drogas encima da mesa mas ela [4] não conseguiu resolver o caso...”

1 a polícia[1] [introdutor do referente por meio da definição]

2 eles [2] [introduz novo referente por anáfora pronominal sem antecedente baseado no referente âncora A polícia]

3 a polícia [3] [retomada de [1] por meio da repetição lexical]

4 ela [4] [retoma [3] por anáfora pronominal correferencial]

Este exemplo parece confirmar o que se disse acima. Temos duas ocorrências pronominais diferentes para a mesma entidade. Na primeira ocorrência, tem-se um pronome sem antecedente *eles* que se infere que sejam os policiais e logo em seguida

aparece a repetição do termo **polícia** em que a retomada é feita correferencialmente com o pronome **ela**.

A polícia => eles = os policiais

A polícia => ela = a polícia

Não se pode negar que com a estratégia da não correferencialidade pronominal, ou seja, sem antecedente pontualizado para o pronome no cotexto parece dar ao texto uma dinâmica mais concreta e real da ação desencadeada ao longo do texto. Essa concretude/realidade das ações parece se fortalecer com a predicação que é dada no texto.

Na primeira ocorrência pronominal, os verbos **vieram**, **investigaram** e **disseram** apresentam uma carga semântica mais direcionada por ações desenvolvidas por entidades mais animadas. Assim, relacionar essas ações verbais com entidades mais animadas (humanas) torna o ato de dizer mais verossímil. Daí escolher o uso do pronome na forma plural como estratégia de retomada para passar essa idéia de verossimilhança. Já na segunda ocorrência, isso também é possível com os verbos **constatou**, **avia** (havia) e a locução verbal **conseguiu resolver** usados também para descrever tais ações, porém suas formas singulares parecem não ter a mesma explicitude das ações desenvolvidas pelo agente (a polícia) como os verbos da primeira ocorrência. Daí, talvez a razão pela preferência das retomadas pronominais sem antecedentes.

Ex: 56

*“A **guangue** [1] imaginava que dentro do pacote havia os dólares falsos tão desejados, mas **eles**[2] haviam se enganado pois, dentro do pacote haviam doces, que uma criança havia esquecido no bar.”*

*1 A **gangue** [1] [introdutor do referente por meio da definição]*

*2 **eles** [2] [introduz novo referente por anáfora pronominal sem antecedente baseado no referente âncora A **gangue**]*

Ex: 57

*“...e sabia que a **Guangüe da Rossinha** [1] estava a sua procura devido a sua bolsa misteriosa, provavelmente combinando alguma cilada para Elias, logo*

depois eles [2] se afastaram e rapidamente lá de cima do morro surpreendentemente um carro com a Guangüe armados e disparando tiros, a supeita que a Guangüe tenha assassinado Elias.”

1 a gangue da Rossinha [1] [introdutor de referente por meio da definição]

2 eles [2] [introduz novo referente por anáfora pronominal sem antecedente baseado no referente âncora a gangue da Rossinha]

Ex: 58

- Sim, o resto do bando [1] está num bar ao final desta rua.

- Já está tudo pronto para pegá-los [2]?

- Sim, eles [3] interceptaram Madalena e agora estão vindo para cá.

1 o resto do bando [1] [introdutor do referente por meio da definição]

2 los [2][introduz novo referente por anáfora pronominal sem antecedente baseado no referente âncora o resto do bando]

3 eles [3][introduz novo referente por anáfora pronominal sem antecedente baseado no referente âncora o resto do bando]

Nos exemplos apresentados, percebe-se que não há, no texto, antecedentes explícitos que sirvam de antecedentes para as retomadas dos pronomes. Mesmo não havendo esses antecedentes, é fácil de se reconhecer/saber quem os pronomes remetem/inferem:

Ex: 56: *A gangue => eles = os membros ou conjunto de pessoas que compõem a gangue.*

Ex: 57: *a gangue da Rossinha => eles = os membros ou conjunto de pessoas que compõem a gangue.*

Ex: 58: o resto do bando=> eles = os membros ou conjunto de pessoas que compõem esse bando.

Quando o referente era formado por um nome **coletivo + determinantes no plural**, exemplo 59, e nome **coletivo + determinantes no singular e no plural**, exemplo 60, o que se observou foi que a preferência de uso anafórico com o pronome, geralmente, era feita levando-se em consideração o determinante plural.

Ex: 59

*“Enquanto chovia, em um bar tinha **uma gangue de traficantes**,[1] depois o chefe deles [2] trocou com outro traficante de traficantes, maconha e cocaína....”*

*1 **uma gangue de traficantes**,[1] [introdutor de referente por meio da indefinição com determinante plural]*

*2 **eles** [2] [retomada do determinante de [1] por anáfora pronominal]*

e

Ex: 60

*“....**A turma de futebol do clube dos bancários**[1] está no Chico’s Bar, mas **eles** [2] não sabem que esse bar é uma boca de fumo”.*

*1 **A turma de futebol do clube dos bancários**[1] [introdutor de referente por meio da definição com determinantes no singular e no plural]*

*2 **eles** [2] [retomada do determinante plural de [1] por anáfora pronominal]*

Novamente aqui parece se confirmar o que se postulou acima, ou seja, deixar explícito para o leitor de que/quem se está referindo. Talvez com a retomada pronominal correferencial essa explicitude não seria tão “explícita”.

Como se pode observar nos exemplos dados, a maioria das relações anafóricas sem antecedentes explícitos ocorreram com nomes coletivos, ou seja, o léxico condiciona a interpretação do pronome.

A regularidade dessas ocorrências no *corpus* analisado nos mostra que temos aqui uma questão relevante para ser estudada em outros gêneros textuais. Esses dados

abrem espaço para analisar não só a abrangência desse tipo de anáfora no português mas também as características semânticas da expressão introdutora do referente e do processo de particularização ou de reapresentação do referente realizado pela anáfora pronominal.

As anáforas indiretas de natureza cognitivo-discursiva também ocorreram nos textos. Nesse tipo de anáfora, as relações anafóricas indiretas estão intimamente relacionadas ao conhecimento de mundo do falante/autor do texto. Os exemplos a seguir foram os mais comuns que se encontrou desse tipo de anáfora nos textos narrativos analisados:

Ex: 61

*“A **combe** [1] vira e entra no beco sem saída, logo atrás o carro da policia vem e **os** [2] fecha.”*

1 A combe [1] [introdutor do referente por meio da definição]

2 os [2] [introduz novo referente por anáfora pronominal sem antecedente baseado no referente âncora a combe]

Ex: 62

*“...vinha **uma combe** [1] em direção do bar, chegou em frente **a combe** [2] parou, veio um homem muito misterioso e começou a atirar, não se ouvia nada só se ouvia tiros e mais tiros, **eles** [3] nos pegou e nos colocou dentro da **combe**,...”[4]*

1 uma combe [1] [introdutor de referente por meio da indefinição]

2 a combe [2][retoma [1] por anáfora nominal correferencial]

3 eles [3] [introduz novo referente por anáfora pronominal sem antecedente baseado no referente âncora uma combe]

4 a combe [4] [retoma [1] por anáfora nominal correferencial]

Ex: 63

*....”logo após **a Kombe** [1] fomos seguindo-a e entramos em uma rua, onde havia um sobrado como se fosse um depósito. **Eles** [2] saltaram da **Kombe** [3] e entraram por uma porta, no telhado tinha uma báscula, onde ficamos observando tudo, **eles** [4] agiam de maneira estranha...,”*

1 a Kombe [1] [introdutor de referente por meio da definição]

2 eles [2] [introduz novo referente por anáfora pronominal sem antecedente baseado no referente âncora a Kombe]

3 a Kombe [3] [retoma [1] por anáfora nominal correferencial]

4 eles [4] [introduz novo referente por anáfora pronominal sem antecedente baseado no referente âncora a Kombe]

Ex: 64

“Quando a combe [1] parou comesou o tiroteio na frente do bar e logo após que o tiroteio acabou eles [2] entraram na combe rapidamente e saiu o mais rápido que eles [3] puderam.”

1 a combe [1] [introdutor de referente por meio da definição]

2 eles [2] [introduz novo referente por anáfora pronominal sem antecedente baseado no referente âncora a combe]

3 eles [3] [introduz novo referente por anáfora pronominal sem antecedente baseado no referente âncora a combe]

Ex: 65

“...um carro [1] se aproximou muito rápido parou no bar e assustando a todos com um som parecido metralhadoras, assim todos se esconderam. E ele [2] pegou o pacote misterioso e sumiu...”

1 um carro [1] [introdutor do referente por meio da indefinição]

2 ele [2] [introduz novo referente por anáfora pronominal sem antecedente baseado no referente âncora um carro]

Nos exemplos 61 a 64, não há antecedentes para os pronomes **eles** e no exemplo 65, para o pronome **ele**, porém infere-se que sejam os ocupantes da combe de 61 a 64 e o ocupante do carro em 65. Isso só é possível porque nosso conhecimento de mundo nos diz que todo carro só funciona se houver algum ocupante em seu interior para colocá-lo em funcionamento. Nosso conhecimento de mundo nos diz também que é possível se conduzir outras pessoas em carros além do motorista.

O uso do pronome no último exemplo é interessante porque morfossintaticamente há um antecedente para o pronome **ele**, que é a expressão **um carro**. No entanto, semanticamente isso não procede por causa da expressão posterior ao pronome **pegar o pacote** que é uma ação típica de seres animados, que não é o caso da expressão **carro**. Daí se postular que não há antecedente para o pronome, porém sua interpretação se apóia na expressão **carro** o que nos faz pensar que seja o ocupante desse veículo. A função do pronome numa relação anafórica indireta não é basicamente de retomar referentes mas de introduzir referente(s) novo(s), porém dado como conhecido. Isso se torna interessante porque sempre que houver na língua uma entidade inanimada em que seu uso ou funcionamento depende de uma entidade animada, esse tipo de relação anafórica sempre será possível.

Um outro tipo de relação anafórica indireta que se percebeu nos textos analisados foi a ausência de concordância entre os gêneros. Essa relação não apresentou, para nós, surpresa porque o contexto em que esses textos foram construídos/produzidos propiciava para esse tipo de relação. Isso se justifica se levarmos em consideração a animação que os alunos tinham como base para a produção textual. Conforme já se disse, na animação que serviu de base para os textos narrativos se via entre os personagens figuras humanas usando capa e capuz. Quando os produtores/autores se referiam a esses personagens, os mesmos eram introduzidos no texto como pessoas e depois ao retomar esse objeto-de-discurso por meio da anáfora pronominal essas retomadas eram feitas com o pronome no masculino singular e/ou plural para indicar que essas pessoas eram pessoas do sexo masculino. Isso porque era o que se via na animação, ou pelo menos, era o que se deduzia dos personagens, ou seja, eram homens.

Os exemplos a seguir confirmam o que se expôs acima:

Ex: 66

*“Em frente ao bar **duas pessoas misteriosas com uma capa preta**,[1] planejavam cometer algum crime. Após **eles** [2]terem conversado saíram em lados opostos. Quando **eles** [3] saíram.....”*

*1 **duas pessoas misteriosas com uma capa preta**,[1][introdutor do referente por definição]*

*2 **eles** [2] [introduz referente novo por anáfora pronominal com base contextual (animação?) com determinante]*

3 2 eles [3] [introduz referente novo por anáfora pronominal com base contextual (animação?)]

Ex: 67

“Suspeitamente **duas pessoas** [1] conversam no meio da rua, logo apos que **eles** [2] partiram, desce uma combe ladeira a baixo...”

1 duas pessoas,[1][introdutor do referente por definição]

2 eles [2] [introduz referente novo por anáfora pronominal com base contextual (animação?)]

Ex: 68

“Um homem saiu do bar e se encontrou com **outro pessoa** [1] e conversou com **ele** [2] rapidinho, em u piscar de olhos eles sumiram.”

1 outro pessoa[1] [introdutor do referente por definição]

2 ele [2] [introduz referente novo por anáfora pronominal com base contextual (animação?)]

Ex: 69

“Na rua do bar, vinha **duas pessoas que parecem que vão se encontrar**. [1] **Eles** [2] estavam emcapuzados, não dava para vê-**los** [3] direito. Pois então, sobre o que **eles** [4] estavam conversando?”

1 duas pessoas [1][introdutor do referente por meio da definição]

2 Eles [2] [introduz referente novo por anáfora pronominal com base contextual (animação?)]

3 los [3] [introduz referente novo por anáfora pronominal com base contextual (animação?)]

4 eles [4] [introduz referente novo por anáfora pronominal com base contextual (animação?)]

Nos exemplos acima, não há antecedentes para o pronome **eles**, porém infere-se, pelo contexto, que são os dois homens que aparecem na animação. Talvez para esse tipo de retomada se possa compartilhar da idéia de anáforas pronominais com manutenção referencial com concordância associativa postulado por Costa (2004a), pois nos parece

que nesse tipo específico de ocorrência quando o produtor opta por introduzir o referente com um nome feminino e depois o retoma com o pronome no masculino há o interesse de manter no texto o referente *homem* que aparece na animação e para manter esse referente como sendo homem, o produtor prefere fazer a retomada com o pronome no masculino. Diferente, no entanto, do que ocorre com o referente *idoso*, já citado anteriormente, em que não se percebe essa manutenção referencial.

Kleiber (1994:143) ao estudar as anáforas pronominais sem antecedentes, aponta o caráter enigmático do funcionamento do pronome dizendo que “o pronome *ele* não descreve nada, não tem estatuto semântico estável e, no entanto, designa referentes particulares, definidos e ao mesmo tempo pode ser opaco e designar até o que não existe”. Conforme já se viu acima, com os exemplos mostrados, várias são as possibilidades de funcionamento, ou melhor, de relações anafóricas que o pronome *ele* pode estabelecer num texto. Essas relações, muitas vezes, só são estabelecidas/inferidas graças ao contexto em que esses pronomes estão inseridos.

O uso de anáfora pronominal sem antecedentes, como se disse, não foi uma constante nos textos analisados. O uso mais freqüente observado foram os casos que estão representados nos exemplos mostrados. No entanto, chamamos atenção para uma relação anafórica pronominal sem antecedente que apareceu apenas em um texto, todavia nos chamou atenção porque o comportamento do pronome parecia nos direcionar para duas interpretações diferentes ao mesmo tempo: uma para os referentes que estavam no texto e a outra para os referentes que estavam fora dele, conforme se vê no exemplo a seguir:

Ex: 70

O bicho pegou

Num vilarejo chamado São Francisco do Itabacuana existia um restaurante chamado Bela Vista, o melhor da região.

No dia 13 de Setembro era aniversário do restaurante Bela Vista, foi uma noite chuvosa que aconteceu o aniversário. O restaurante estava lotado de pessoas, todos alegres, muita comida, muita cerveja, isso significa: muito dinheiro.

*Uma sacola misteriosa em uma mesa deserta, no canto do restaurante, na porta. **Pessoas, donos de restaurantes "inferiores"**, combinaram de pegar a sacola, à meia-noite chegaram na porta do restaurante para ver se a sacola estava lá, estava, o carro chegou e pegaram a sacola e assassinaram todas **as** pessoas inclusive o dono do restaurante.*

A polícia tentou pegar os assassinos, mais não conseguiram, foi por um fio que os policiais pegam os assinos.

Oque tinha na sacola? Porque eles assassinaram todos? Oque tinha na sacola? Oque aconteceu com a sacola?

*Calma gente, isso tudo é um filme que **eles** estavam gravando mostrando oque aconteceu na vida real, com essa criminalidade aumentando.*

Mas se fosse real, oque você acha que teria na sacola?

No texto todo, há apenas duas ocorrências pronominais. Em uma delas, mais precisamente a que ocorre no trecho *Calma gente, isso tudo é um filme que **eles** estavam gravando mostrando oque aconteceu na vida real, com essa criminalidade aumentando* a ocorrência do pronome **eles** é interessante porque o pronome retoma e remete a elementos que estão fora e dentro do texto ao mesmo tempo. Na retomada, o **eles** tem como antecedente **as pessoas que estavam no restaurante, os donos de restaurantes inferiores** e ao mesmo tempo remete **as pessoas que faziam parte do filme como diretores, câmeras men, assistentes, etc.** que não aparecem no texto, mas infere-se que essas pessoas estejam presentes, pois esse tipo de situação (filmagem) faz parte do universo dessas pessoas. Novamente se percebe aqui o caráter enigmático do funcionamento do pronome *ele*.

4.3 Anáforas pronominais sem antecedentes no texto argumentativo

As retomadas pronominais sem antecedentes no texto argumentativo ocorreram, embora de forma reduzida, também com nomes coletivos. A diferença aqui é que os nomes coletivos não foram utilizados em expressões com determinantes. Parece ser essa forma de retomada pronominal sem antecedente a mais comum tanto para o texto argumentativo como para o texto narrativo, pois parece que ao se lançar mão do uso anafórico do pronome com esses nomes num contexto específico, como é o nosso caso, usar a forma canônica parece não surtir o efeito que se deseja chegar, ou seja, deixar claro/explicito para o leitor o que/quem se esconde por trás do nome coletivo, conforme se disse.

Outras formas de anáforas pronominais sem antecedentes observadas são as de natureza cognitivo-discursivas em que o conhecimento de mundo dos falantes é relevante para a interpretação dada ao pronome. Conforme os exemplos a seguir:

Ex: 71

*“No filme mostra o depoimento de um senhor que conta um fato ocorrido no governo do Pitta: **caminhões** [1] param e pegam a comida, os cobertores, tudo que os idosos ganharam, **eles** [2] pegaram e começaram a repartir. O senhor que faz o depoimento diz quem pareciam urubus repartindo a comida....”*

*1 **caminhões** [1] [introdutor do referente]*

*2 **eles** [2] [introduz novo referente por anáfora pronominal com base no referente âncora caminhões]*

*1 **caminhões** => **eles** = o motorista e as pessoas do caminhão*

Ex: 72

*“....as vezes **um caminhão da prefeitura** [1] passa e pega seus alimentos, seus cobertores, suas sestras básicas doadas pela população, e começam a distribuir para todo mundo achando que a comida é **deles**. [2]”*

*1 **um caminhão da prefeitura** [1] [introdutor do referente por meio da indefinição]*

*2 **eles** [2] [introduz novo referente por anáfora pronominal com base no referente âncora um caminhão da prefeitura]*

*1 **uma caminhão da prefeitura** => **eles** = o motorista e as pessoas do caminhão*

Nosso conhecimento de mundo nos faz interpretar o pronome como sendo os ocupantes do caminhão, pois **parar, passar, pegar, repartir e distribuir** são ações típicas de seres animados (humanos). Nosso conhecimento de mundo nos faz inferir também que no cenário de veículo (caminhão) é sempre possível se ter motoristas e passageiros.

Ex: 73

*“E como **a lei** [1] manda, a partir deste ano os idosos de oitenta anos ou mais, terão a sua carteira cancelada, para evitar mais acidentes no trânsito, porque **eles** [2] acham que os idosos não tem mais um bom reflexo.”*

*1 **a lei** [1] [introdutor de referente por meio da definição]*

*2 **eles** [2] [introduz novo referente por anáfora pronominal com base no referente âncora a lei]*

Não há dificuldade para se interpretar/saber a quem o pronome **eles** remete. O caminho para se chegar à interpretação do pronome é feito da seguinte forma. Primeiro deduzimos que o **eles** se apóia no sintagma nominal **a lei** que por sua vez nos remete o sentido implícito de **governo** ou algo dessa natureza. Depois, o **eles** “passa”, digamos assim, por dois termos (lei e governo) para chegar a um sentido que sugere pessoas que fazem parte do governo e/ou pessoas que trabalham para/no governo. Elas existem, porém não são determinadas. Novamente aqui se tem uma anáfora indireta apoiada em direcionamentos cognitivo-discursivos.

*1 **a lei** => **eles** => **governo** = **governantes e/ou pessoas que trabalham para /no governo***

Ex: 74

*(...) **O governo** [1] também contribui para o desenvolvimento dessa inferioridade, haja visto na **saúde pública**, [2] **eles** [3] não atendem principalmente os idosos (...)*

*1 **O governo** [1] [introdutor do referente por meio da definição]*

*2 **a saúde pública** [2] [remete [1] por associação]*

*3 **eles** [3] [introduz novo referente por anáfora pronominal com base no referente âncora a saúde pública]*

Outra forma interessante de retomada pronominal sem antecedente. Primeiro se tem um introdutor de referente **o governo**, em seguida esse referente é retomado por

meio de uma anáfora associativa a **saúde pública** que tem como âncora o referente **governo**. O pronome **eles** remete as pessoas que trabalham com a saúde pública, pode-se dizer do atendente aos médicos. Novamente aqui se tem uma anáfora indireta apoiada em direcionamentos cognitivo-discursivos.

1 o governo => a saúde pública => eles = as pessoas que trabalham com a/na saúde pública

O exemplo a seguir foge da concepção cognitivo-discursiva de que se tratou até aqui. Embora o uso desse tipo de “retomada” não é comum, ela é interessante pela forma como essa retomada é apresentada no texto.

Ex: 75

“Alguns idosos hoje vivem na rua pois foram esquecidos por sua família, porque não só estavam dando despesa e trabalho a eles, então esquecerão do que ele fez no passado e os expulsaram do seu lar.”

No exemplo acima há dois candidatos a referentes para a anáfora pronominal, porém o pronome não retoma correferencialmente quem de fato deveria. Com o referente **alguns idosos** a ocorrência anafórica pronominal é sem antecedente (com o pronome **ele**) e com antecedente (com o pronome **os**) ao mesmo tempo. Com o referente **sua família** a ocorrência anafórica pronominal é sem antecedente (com o pronome **eles**), conforme se ver:

1 alguns idosos => ele => os

2 sua família => eles

O uso anafórico do pronome **ele** sem antecedente com o referente **alguns idosos**, talvez possa ter ocorrido pelo fato de se ter no contexto a expressão família em que se pode inferir que o produtor desse texto se referiu a um idoso que pertence a essa família. Seria mais ou menos como se o pronome **ele** retomasse uma entidade, digamos assim, indeterminada, porém específica (o membro da família em questão) e depois volta a indeterminá-la quando retoma o antecedente correferencialmente pelo pronome **os**. É a questão do recorte do conjunto do referente, conforme já se falou anteriormente.

O uso anafórico do pronome **eles** sem antecedente se apóia na expressão **sua família** em que se infere os membros dessa família: mãe, pai, filhos, etc.

Conforme se observou, várias são as possibilidades de relações anafóricas desencadeadas pelo pronome quando este não apresenta um antecedente pontualizado no cotexto. Essas possibilidades de relações que são condenadas pela gramática tradicional pelo caráter não-padrão dessas ocorrências, que faz com que sejam objetos de correção na escola, por razões já expostas, estão cada vez mais presentes nas produções escritas, principalmente, quando se tem como antecedente um nome coletivo usado com frequência e sua “retomada” é feita por meio da pronominalização, conforme se viu nos exemplos.

É verdade que em alguns casos ou talvez pela falta de intimidade com o texto escrito, essas “retomadas” dão ao texto certa dificuldade de leitura e interpretação, nada que uma segunda leitura não possa desfazer o “mal entendido”. Isso, no entanto, não é razão suficiente para se condenar um uso de linguagem que parece ser comum a todo falante/autor.

4.4 Introdução e retomadas dos referentes: um olhar quantitativo

As tabelas aqui apresentadas contêm somente os dados relativos ao conjunto de referentes previamente escolhidos para o estudo. Assim, para os textos narrativos, os referentes escolhidos foram a sacola, a Kombi, o bar, duas pessoas que se encontram na rua e três pessoas que estavam no bar. Para o texto argumentativo, os referentes escolhidos foram o idoso, a família, o governo e a sociedade. Esses referentes, conforme se viu ao longo do estudo, foram classificados de acordo com suas características semânticas em animado e inanimado.

Os referentes animados totalmente humanos são, nos textos narrativos, as duas pessoas que se encontraram na rua e as três pessoas que estavam no bar; nos textos argumentativos, os idosos. Para os referentes inanimados, houve uma sub-classificação em referente inanimado (a sacola e a Kombi) e referente inanimado com elementos humanos (o bar, a sociedade, a família e o governo).

Tabela 1
Introdução dos Referentes nos textos narrativos e argumentativos

	Referente inanimado		Referente inanimado com elementos humanos		Referente animado totalmente humano	
	Ocorr.	%	Ocorr.	%	Ocorr.	%
Introdução definida	61	22,2	201	92,6	231	74,5
Introdução indefinida	211	76,7	11	5,1	66	21,3
Introdução sem determinante	3	1,1	5	2,3	13	4,2
Total	275		217		310	

Tabela 2
Relações Anafóricas nos textos narrativos e argumentativos

	Referente inanimado		Referente inanimado com elementos humanos		Referente animado totalmente humano	
	Ocorr.	%	Ocorr.	%	Ocorr.	%
Anáfora nominal	543	92,4	407	92,9	536	49,8
Anáfora pronominal	32	5,4	11	2,5	481	44,6
Anáfora associativa	4	0,7	3	0,7	-	-
Anáfora pronominal sem antecedente	9	1,5	17	3,9	60	5,6
Total	588		438		1077	

A classificação adotada aqui, a partir de Silva (1991 e 1996) e Costa (2000) priorizou a diferença entre referentes animados e inanimados, mas em nossa análise, os dados mostram que a introdução e retomada de referentes coletivos precisam ser estudada de forma mais aprofundada, conforme já se disse antes.

O que se observou nas análises é que há uma tendência a introduzir referentes inanimados e singulares com o uso da expressão nominal indefinida, (76,7%). Já os coletivos tendem a ser introduzidos por uma expressão nominal definida (92,6%).

Nas retomadas, a diferença relevante está entre referentes animados X inanimados, tal como Costa (2000) mostrou como tendência da oralidade, conforme já foi explicitado aqui. Com os referentes animados há uma distribuição equilibrada entre o uso da anáfora nominal (repetição lexical) (49,7%) e da anáfora pronominal correferencial (44,6%). Para os referentes inanimados, a preferência é para as retomadas por meio da anáfora nominal, repetição lexical, (92,3%) contra (5,4%) para as retomadas pronominais. Para os referentes inanimados com elementos humanos também se percebe essa preferência pela repetição lexical (92,8%) contra (2,5 %) para as retomadas pronominais.

A anáfora associativa não é uma estratégia de uso corrente para esses alunos (0,6%) tanto para os referentes inanimados quanto para os inanimados com elementos humanos. Para os referentes animados totalmente humanos não se observou nenhuma ocorrência. Esse pouco uso das anáforas associativas talvez se justifique pelo tipo de referente escolhido. Mesmo assim, se esperava encontrar esse tipo de relação anafórica, principalmente, nos textos argumentativos, pela própria natureza subjetiva desse tipo de texto em que manter as retomadas implícitas garante a subjetividade e estilo criativo de tratar o tópico.

A anáfora pronominal sem antecedente também não foi uma constante. Para os referentes inanimados (1,5%), para os referentes inanimados com elementos humanos (3,8%) e para os referentes animados totalmente humanos (5,5%). Talvez o pouco uso dessa anáfora esteja calcado no que já se expôs acima.

Este resultado é interessante porque nos dois textos os referentes já eram dados como conhecidos para o produtor. Isso significa dizer que mesmo já sendo conhecidos, esperava-se que esses referentes fossem introduzidos pelo modo indefinido por ser este o modo mais comum para introdução referencial. Isso, no entanto, não aconteceu.

Por se tratar de referentes já dados, introduzi-los pelo modo da definição ou pelo modo da indefinição, seja o referente animado seja inanimado, não é uma escolha gratuita mas uma questão de estilo no sentido de criar no leitor certa expectativa (efeito) em relação ao objeto do discurso que se quer explicitar.

Assim, a estratégia de retomada anafórica que esses alunos utilizam para a produção textual tanto para o texto narrativo quanto para o texto argumentativo é a anáfora nominal com manutenção referencial por meio da repetição lexical.

CONCLUSÃO

O principal objetivo dessa pesquisa era verificar como os alunos do ensino fundamental (8ª série) fazem uso do processo de referenciação de referentes já dados nos textos produzidos *on-line*.

No que diz respeito à redação *on-line*, apesar do esforço da escola em querer implantar outros gêneros textuais que estão fora de seu domínio de circulação como os *e-mails*, *chats*, *bolgs*, *fotologs*, etc, ainda não é o caminho de ensino aprendizagem para a implantação dos novos gêneros emergentes. Nossos dados confirmaram que a produção escolar de texto *on-line* ainda está arraigada nos velhos textos escolares tradicionais: descrição, narração e dissertação. Isso se confirma nas propostas de redação *on-line* analisadas em que o aluno deveria assistir a uma animação e a um vídeo e em seguida produzir um texto narrativo e um texto argumentativo. Nesse sentido, nossos dados confirmam o que Costa (2004b: 05) postula ao afirmar que:

“As propostas de ensino mais recentes, que atribuem à produção de texto um papel nuclear no processo de ensino-aprendizagem em sala de aula, procuram criar situações autênticas de uso de gêneros textuais tomados como objeto de ensino-aprendizagem. Buscam com isso reproduzir na escola, ainda que parcial e artificialmente, a relação intrínseca que cada gênero tem com o contexto sócio-comunicativo em que surgiu e se desenvolveu historicamente. Essa propostas enfatizam a necessidade de levar para a escola uma grande diversidade de gêneros textuais, a partir de textos reais, e de explorar didaticamente as características dos diversos gêneros e a relação entre uns e outros.

Esta inovação tem ampla circulação nas discussões acadêmicas e nas orientações dos documentos oficiais. Mas a amostra de textos produzidos nas escolas públicas que examinamos, e que pressupomos representativa de grande parte do ensino de língua vigente no Brasil hoje, mostra a permanência de uma perspectiva tradicional (...)”

Tal como nos textos analisados por Costa, podemos afirmar que a redação *on-line* apenas usa um suporte diferenciador para a produção textual: o computador e a Internet e nada mais.

No que diz respeito à estrutura interna dos textos analisados, ou melhor, quanto ao uso de estratégia anafórica, observamos que não há muita diferença entre o gênero escolar narrativo e o argumentativo. Tanto nos textos narrativos quanto nos argumentativos a retomada correferencial, (uso da anáfora nominal por repetição lexical)

é a preferida por esses alunos. Isso não significa que outras formas de retomadas como a retomada por anáfora pronominal e a retomada por anáfora nominal correferencial com refocalização (sinonímia e paráfrase) não ocorreram.

No que diz respeito à introdução referencial, embora o modo como os referentes são apresentados pela primeira vez no discurso seja marcado por uma variedade de formas que passa pela introdução definida, indefinida e sem determinante, conforme se viu na Tabela 1, a introdução definida é mais evidente com os referentes inanimados com elementos humanos (92,6%) e com os referentes humanos totalmente animados (74,5%). Os referentes inanimados não aparecem como forma preferida de introdução por meio da definição (22,2%). O inverso ocorre quando se trata da introdução por meio da indefinição em que a preferência é para os referentes inanimados (76,7%) contra (21,3%) dos referentes humanos totalmente animados. Com os referentes inanimados com elementos humanos, esse número é mais acentuado, (5,1%) das ocorrências.

Quanto à preservação desses referentes, o que se percebeu é que os referentes são preservados no texto por meio da anáfora nominal (repetição lexical), e por meio da anáfora pronominal. As anáforas associativas e as anáforas pronominais sem antecedente quase inexisteram, pois, como se disse ao longo do estudo, pela natureza dos referentes escolhidos e pela forma como foram previamente apresentados aos alunos na orientação dada para a produção dos textos.

No que diz respeito à retomada por meio da anáfora nominal (repetição lexical), percebemos que o produtor lança mão dessa estratégia referencial para manter os referentes retomados sempre em foco para sinalizar com a maior exatidão possível seu ato de dizer. Essa repetição, no entanto, ocorreu de forma diferenciada: uma em que consistia apenas para manter o tópico do texto. Nesse tipo de repetição, o elemento repetido não era acompanhado por nenhum determinante e/ou atributo. A outra o elemento repetido era acompanhado por determinante e/ou atributo. Essa estratégia, no entanto, parece funcionar melhor com os referentes de natureza semântica inanimados. Isso se confirma com os resultados obtidos, pois as retomadas por repetição com os referentes inanimados ocorreram em 92,4 % dos casos, em 92,9% com os referentes inanimados com elementos humanos e 49,8% com os referentes animados totalmente humanos.

Ao retomar os referentes inanimados por meio da anáfora nominal (repetição lexical) com determinante e/ou atributo ou não, estes referentes eram reconhecidos/identificados facilmente como sendo aquela mesma entidade que fora

introduzida pela primeira vez no âmbito do texto. Isso acontece porque os referentes inanimados que tomamos como ponto de partida para a nossa análise podem ser definidos como referentes particulares/singulares. Já com os referentes de natureza semântica animados, como pessoa /homem e idoso, por exemplo, essa “facilidade” de identificação não é bem acentuada. Isso porque esses referentes podem ser definidos como referentes que pertencem a um grupo de especificidade bem definida (totalmente humano) que tanto pode generalizar como particularizar referentes. Isso se torna interessante porque há outras categorias semânticas que englobam elementos humanos, mas que não são totalmente animados, como os referentes bar (da narração) e os referentes sociedade, família e governo, (da argumentação). Essas categorias são classificadas como conjunto inanimado com elementos humanos. (Cf. Oliveira e Silva 1996)

Por ser um conjunto inanimado com elementos humanos, esperava-se que as retomadas ocorreriam tanto por meio da repetição lexical quanto por meio da anáfora pronominal. Igual ao que se percebeu com os referentes animados. Isso, no entanto, não aconteceu. A preferência anafórica para esse tipo de referente (conjunto inanimado com elementos humanos) foi para as retomadas por meio da repetição lexical. Assemelhando-se, assim, com as retomadas dos referentes inanimados.

O que podemos depreender das análises é que a repetição lexical é o uso mais freqüente de retomada sempre que o referente apresentar características semânticas inanimadas, mesmo que esse referente seja inanimado com elementos humanos. Para os animados, no entanto, observa-se uma distribuição equilibrada entre as anáforas nominais e pronominais. Porém, as retomadas por meio da anáfora pronominal não ocorreram de forma sistemática nos dois tipos de textos, mesmo com a presença de referentes animados. Como no texto argumentativo havia uma mistura de referentes animados, ou seja, referentes totalmente animados e referentes não totalmente animados, conforme já se disse acima, esperávamos encontrar o maior número de retomadas por meio da anáfora pronominal.

A retomada por meio da anáfora pronominal, como se disse, foi significativa como estratégia de retomada apenas para os referentes totalmente animados (44,6%) contra 5,4% dos referentes inanimados e 2,5% dos inanimados com elementos humanos.

No que concerne à estratégia da pronominalização, Marcuschi (1998a :14) afirma que ela “ocorre na escrita em boa medida, mas não é a preferida nem a mais comum. Tem maior incidência na fala”. Nossos dados mostram o oposto, pois nos textos

analisados, essa estratégia foi a segunda mais utilizada pelos alunos. Na escrita, o uso da anáfora pronominal é uma estratégia utilizada para garantir a estabilidade do referente ao mesmo tempo que evita a repetição do nome.

As anáforas associativas não são uma das estratégias de retomadas para esses alunos: 0,7% para os referentes inanimados, 0,7 % para os inanimados com elementos humanos e nenhuma ocorrência com os referentes totalmente humanos.

Esperávamos encontrar esse tipo de relação, embora não em número considerável, nos textos argumentativos, pois esse tipo de texto, pelo seu caráter subjetivo, evidencia a manutenção tópica por meio de retomadas implícitas numa continuidade referencial com base em associações, em que prevalece a recategorização do referente, como marca de subjetividade e estilo criativo de tratar do tópico. Claro que isso requer também uma habilidade de manuseio de língua que parece ainda não estar ao alcance desse alunado.

As anáforas pronominais sem antecedentes também não foram constantes nesses textos: 1,5% para os referentes inanimados, 3,9% para os inanimados com elementos humanos e 5,6% para os referentes totalmente humanos.

O que se percebeu quanto ao uso dessa estratégia foi que a grande maioria das ocorrências foi com nomes coletivos. Essa forma de uso anafórico pronominal parece já estar cristalizada na escrita com certos coletivos como família, governo e polícia, por exemplo.

Dizemos isso porque nas análises dos textos em que esse tipo de relação anafórica ocorria, o que se percebeu foi que se a retomada fosse feita por meio da anáfora pronominal correferencial, norma escrita padrão, portanto, com esses referentes coletivos, não se teria o mesmo efeito que se teve/tinha quando se retomava esses mesmos referentes por meio da pronominalização indireta. Nesse caso, o produtor do texto se perde na sintaxe e se segura na semântica para explicitar o seu ato de dizer. Seria a escolha que o falante faz entre usar uma forma lingüística em vez de outra, conforme postula Possenti (1988)?.

Conforme se viu, o processo de referenciação possibilita o produtor a fazer uso dos mais variados tipos de retomadas para a continuidade referencial, no entanto, o que se observou é que a anáfora nominal (repetição lexical), como recurso de progressão referencial, é a estratégia preferida por esses alunos na organização das informações veiculadas no momento da elaboração de um texto, seja ele o narrativo, seja o argumentativo. Se a referenciação é responsável pelo andamento coesivo do texto como

afirmam Mondada e Dubois (2003) por ser esta um processo cognitivo discursivo no qual os objetos de discurso são construídos no discurso, os resultados obtidos apontam para a necessidade de se enfatizar a referenciação tanto em sala de aula como em outro ambiente em que esses alunos tenham contato com a produção textual, a fim de melhor orientá-los no momento da construção de seu texto, pois verificamos que, independente de se produzir uma redação *on-line* ou uma redação escolar convencional, as anáforas nominais correferenciais são os recursos coesivos referenciais mais usados pelos alunos do ensino fundamental e, dentre estas, é a anáfora direta a mais utilizada, visto que vários referentes são introduzidos no discurso dependendo por inteiro do que já foi afirmado.

Outra questão a ressaltar são os referentes inanimados singulares e os referentes com nomes coletivos, principalmente no que diz respeito à introdução e à retomada desses, pois os resultados apontam para a necessidade de se fazer um estudo mais detalhado desses referentes. Uma primeira análise mostra que os nomes coletivos tendem a ser introduzidos por uma expressão nominal definida e serem retomados por meio da pronominalização plural numa relação de não concordância. Já os referentes inanimados e singulares tendem para o uso de expressões nominais indefinidas.

Fica, então, esclarecido que os resultados encontrados nessa pesquisa não são únicos e não estão acabados, pelo contrário, é apenas o começo para se descobrir os mistérios que se escondem por trás desse grande iceberg chamado linguagem.

BRONCKART, J P. *Atividades de linguagem, textos e discurso*. São Paulo. Educ. 1999.

COSTA, I.B. Cadeias referenciais no português falado. In: *Organon*, 28/29. Porto Alegre: Instituto de Letras - UFRGS, 2000.

_____. Relações anafóricas em textos escolares: um contra ponto com a oralidade. Texto mimeografado, 2004a.

_____. Gêneros textuais e a tradição escolar. Curitiba. *Revista Letras*, 2004b. No prelo

ILARI, R. Anáfora e correferência: por que as duas noções não se identificam? In: *Cadernos de estudos lingüísticos*, Campinas, 2001.

KOCH, I.G.V; MARCUSCHI, L. A. Processos de referenciação na produção discursiva. *D.E.L.T.A*, Vol 14, nº especial, p. 169-190, 1998.

_____. Estratégias de referenciação e progressão referencial na língua falada. In: ABAURRE, M.B.; RODRIGUES, A (Orgs.) *Gramática do português do falado vol: VIII: Desenvolvimentos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2002

KOCH, I.G.V. *Argumentação e linguagem*, 4ª ed. São Paulo: Cortez, 1996

_____. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo. Cortez, 2002

_____. *Introdução à lingüística textual*. São Paulo. Cortez, 2004

KLEIBER, G.; SCHNEDECKER, C.; UJMA, L. A anáfora associativa, de uma concepção a outra. In: SCHNEDECKER, C.; CHAROLLES, M.; KLEIBER, G.; DAVIS, J. (eds).

(1991). *L'anaphore associative (Aspects linguistiques, psycholinguistique et automatiques)*. Paris: Klincksiek. 1991. (Tradução de Miriam Parker Machado-inédita)

MARCUSCHI, L. A. Referenciação e cognição: o caso da anáfora sem antecedente.

In: *ENCONTRO DE LINGUÍSTICA*. Juiz de Fora. Texto, 1998.

_____, L. A. Aspecto da progressão referencial na fala e na escrita no português brasileiro. In: *COLÓQUIO INTERNACIONAL – A INVESTIGAÇÃO DO PORTUGUÊS EM ÁFRICA, ÁSIA, AMÉRICA E EUROPA: BALANÇO E PERSPECTIVAS* - Berlin, Alemanha. Texto mimeografado. 1998.

_____, L. A. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: *Revista Letras*, nº 56. Curitiba: Ed. da UFPR, pp.217-58. 2001.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M.A. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro, 2ª ed. Lucerna, 2003.

_____.A questão dos suportes textuais. Texto mimeografado. 2003

MARCUSCHI, L.A; XAVIER, A.C: *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro, Lucerna, 2004.

MONDADA,L; DUBOIS.D.: Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M.M.; B.B. RODRIGUES; A. CIULLA. *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003

MILNER, J-C. Reflexões sobre a referência e a correferência. In: CAVALCANTE, M.M.; RODRIGUES, B.B. e CIULLA, *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.

OLIVEIRA e SILVA, G M de. Um caso de definitude. *Organon*, Porto Alegre, v.18, p.90-108, 1991.

_____. Estertores da forma *seu* na língua oral. In: OLIVEIRA E SILVA, G.M.; SCHERRE, M. M (Orgs). *Padrões sociolingüísticos*. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro/UFRJ, 1996.

POSSENTI, S. *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J e colaboradores. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

PÁGINAS DA WEB

BRÁS, Maria de Lurdes: Resgatando a dignidade do idoso. Disponível em: <http://www.educacional.com.br/abresite.asp?IdPublicacao=66912>. Acesso em 22/10/2005

CÂMARA, Jussara: Longevidade em perigo. Disponível em: <http://www.direitodoidoso.com.br/01/artigo012.html>: Acesso em 22/10/2005

É possível envelhecer com dignidade: Proposta de redação on-line. Disponível em: <http://www.educacional.com.br/RedacaoOnLine/proposta.asp?idProposta=17> Acesso em 22/10/2005

GARDA, Cynthia: Abandono em asilos revolta deputados. Disponível em: <http://jbonline.terra.com.br/jb/papel/brasil/2002/03/17/jorbra20020317001.html>: Acesso em 22/10/2005

MARCELINO, Antonio: Feliz a família que ama seus idosos. Disponível em: <http://www.ansiao.net/idosos52.html>: Acesso em 22/10/2005

O bicho pegou: Proposta de redação. Disponível em: <http://www.educacional.com.br/RedacaoOnLine/proposta.asp?idProposta=10> Acesso em 22/10/2005

O mundo Sherlock. Disponível em: <http://mundosherlock.vilabol.uol.com.br/intro.html> Acesso em 22/10/2005

Redação on-line. Disponível em: <http://www.educacional.com.br/RedacaoOnLine/> Acesso em 22/10/2005

SOUSA, Ana Maria Viola de: O idoso brasileiro e seus direitos. Disponível em:
<http://www.educacional.com.br/abresite.asp?IdPublicacao=66911> Acesso em
22/10/2005